

## CAMINHOS DO LEITE

— Página 5 —

## O CÁLCULO DOS PREÇOS MÍNIMOS

— Página 3 —



Debate

## A LUTA DOS SINDICATOS

— Página 11 —

COOPERATIVA REGIONAL  
TRITÍCOLA SERRANA LTDA



Rua das Chácaras, esquina  
Porto Alegre - Caixa Postal 111  
IJUI - RS  
GERAL - PABX 332-1549

CGC ICM 065/0007700  
Inscr. INCRA N° 248/73  
CGC MF 90.726.506/0001-75

#### ADMINISTRAÇÃO

Diretoria Executiva

Presidente:

Ruben Ilgenfritz da Silva

Vice-Presidente:

Arnaldo Oscar Drews

Superintendente:

Clóvis Adriano Farina

Diretores Contratados:

Euclides Casagrande, Nedy Rodrigues  
Borges, Nelcy Rospide Nunes, Oswaldo  
Olimiro Meotti, Werner Ervin Wag-  
ner e Eduardo Augusto de Menezes.

Conselheiros (Efetivos):

Bruno Eisele, Alberto Sabo, Erni  
Schünemann, Egon Eickhoff, Telmo  
Rovero Roos, Joaquim Stefanello.

Conselheiros (Suplentes):

Alfredo Driemeyer, Reinhold Luiz  
Kommers, Ido Marx Weiller, João  
Telló, Arnaldo Hermann, José Carlos  
Vione.

Conselho Fiscal (Efetivos):

Dari Bandeira, Antoninho Boiarski  
Lopes, Alevino Righi.

Conselho Fiscal (Suplentes):

Leonides Dallabrida, Alvaro Darci  
Bernardi Contri, Eloy Milton Frantz.

Capacidade em Armazenagem:

IJUI (Sede) . . . . .	164.000 t
Ajuricaba . . . . .	33.000 t
Augusto Pestana . . . . .	33.000 t
Chiapetta . . . . .	60.000 t
Cel. Bicaco . . . . .	40.000 t
Sto. Augusto . . . . .	77.000 t
Tenente Portela . . . . .	60.800 t
Vila Jóia . . . . .	67.000 t
Esq. Umbú (Sto. Aug.) . . . . .	50.000 t
Rio Grande . . . . .	220.000 t
Dom Pedrito . . . . .	48.000 t
Maracajú . . . . .	84.000 t
Sidrolândia . . . . .	12.000 t
Rio Brillhante . . . . .	12.000 t
Dourados . . . . .	60.000 t



COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior. Nossa tiragem, 17.500 exemplares.

Associado  
da ABERJE



Associado da

BAJOOCOOP  
Associação dos Jornais e Serviços de Cooperativas

EXPEDIENTE:

Redação e Administração

Rua Tiradentes 449,

Caixa Postal 111

IJUI - RS

TELEFONE: 332-1574

Registrado no Cartório de Títulos e Documentos do município de Ijuí, sob n. 9. Certificado de marca de propriedade industrial M/C11 n. 022.775 de 13.11.1973 e figurativa M/C11 n. 022.776, de 13.11.1973.

REDAÇÃO

Christina Brentano de Moraes  
Manoel Canabarro

Composto no JORNAL DA MANHÃ,  
Ijuí, e impresso em rotativa off-set  
no DIÁRIO SERRANO - Cruz Alta.

AU IGIUI

A partir de maio de 1977, quando estouraram as primeiras greves na região da Grande São Paulo, o Brasil, surpresa, foi levado a encarar de frente uma dura realidade: a existência de mais de 20 milhões de trabalhadores urbanos que recebem o salário mínimo oficial, vivendo em más condições e alimentando-se mal. De 1977 para cá, como fruto desta situação, as greves — de metalúrgicos, motoristas, bancários, lixeiros, funcionários públicos e professores, entre outras — foram tornando-se rotina em cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Porto Alegre, Recife e Belo Horizonte, as maiores capitais do país.

Ninguém duvida, hoje, do papel fundamental desempenhado pelos sindicatos na eclosão, encaminhamento e desfecho destas greves — quase todas significando importantes conquistas para os trabalhadores. Um exemplo disso é a projeção nacional alcançada por alguns líderes sindicais, como Luiz Inácio da Silva, o Lula, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, em São Paulo. Desconhecido e obscuro até dois anos atrás, hoje Lula é sempre incluído na agenda de políticos, ministros e até mesmo chefes de Estado — como aconteceu quando da visita do Chanceler alemão Helmuth Schmidt, por exemplo.

Ninguém duvida, igualmente, do importante papel que está reservado ao sindicalismo autêntico no esforço pelo aprimoramento do país. Todos sabem que qualquer plano para o Brasil deve incluir, para ter alguma possibilidade de sucesso, a participação ativa dos trabalhadores e suas lideranças.

Ocorre, porém, que o Brasil não é formado apenas pelas grandes cidades. Apesar de irreversivelmente superado pelos centros urbanos, em termos de crescimento populacional, o interior do Brasil ainda abriga cerca de 48 milhões de pessoas. Então, qualquer plano para o Brasil, para ter sucesso, deve incluir, também, a população rural. E aí penetramos numa área silenciosa, sobre a qual muito pouco se conhece.

Como vive hoje a maioria da população rural brasileira? Quais são suas principais aspirações e esperanças? De que maneira pretendem — se é que pretendem

## Do leitor

### PROFESSORES RURAIS

Em resposta à entrevista datada do mês de junho, nas páginas do Cotrijornal, cuja epígrafe é "Ninguém mais entende a escola" gostaria de tecer algumas considerações a propósito de colocações de alguns professores de Tenente Portela. Tais declarações trouxeram algumas repercussões não muito coerentes no seio da classe do professorado, uma vez que as respostas deixam transparecer a parca visão e a insegurança dos mesmos em levantar questões estatísticas atinentes a salários e orçamentos a níveis governamentais.

Outro aspecto foi o linguajar pobre usado na entrevista. Por se tratarem de líderes de uma classe, a terminologia e as palavras usadas pelos referidos professores muitas vezes não condiz com o nível da classe. Os assuntos abordados também deveriam ter sido analisados com mais critério a fim de evitar a polêmica no seio de uma classe como a do magistério, que começa, com os últimos movimentos, a se reestruturar perante a opinião pública.

Os professores também procuram levantar questões de salários quase que generalizando o assunto, uma vez que isto acontece através de critérios afetos às municipalidades para a efetivação da remuneração de professores. Isto vem demonstrar um certo despreparo por parte de alguns entrevistados.

Se tem a convicção de que a entrevista foi dada por uma minoria, o que não

vem a representar o consenso da classe do professorado a respeito dos problemas educacionais.

Ao nobre Diretor de uma escola do interior de Tenente Portela que ousou em descaracterizar o trabalho da UMIT, afirmando, numa certa altura, que os professores da Área Técnica são os responsáveis pela sondagem de aptidões, permita-me sr. diretor, que lhe oriente de que a sondagem de aptidões não é tarefa somente das técnicas mas também todos os atos escolares da criança a partir do momento que ela passa a freqüentar a escola.

O nobre diretor, antes de passar a criticar a estrutura, deve inteirar-se do funcionamento da mesma a fim de evitar possíveis conseqüências, porque o trabalho educacional não ocorre isolado, e se as técnicas apresentam falhas como o diretor desta escola enfatiza, devemos lembrar que a ele também uma parcela de colaboração tentar suprir e corrigir as falhas na educação.

Assina pelos professores da UMIT

João Luiz Bolsoni

Tenente Portela

### SUGESTÃO

Gostaria de sugerir a vocês, que a exemplo das mesas redondas como foram feitas, com os jovens (n° 61) e com os professores rurais (n° 63), fizessem algo semelhante com representantes de organismos (órgãos empregadores) ligados ao meio rural, versando sobre as poucas

— influir nos muitos planos existentes hoje para o futuro do Brasil?

Foi com estas e outras perguntas que o Cotrijornal recebeu, no mês passado, em Ijuí, 18 dirigentes sindicais do interior gaúcho, representantes de duas categorias importantes: a dos trabalhadores rurais e a dos empregadores.

O resultado foi melhor do que o esperado. Algumas questões bastantes polêmicas, que já deram muito pano para manga ao longo da nossa história, como a Reforma Agrária, por exemplo, já não parecem tão polêmicas assim — pelos menos para os 18 dirigentes sindicais que entrevistamos. Todos concordam, sem hesitação, com a necessidade de se fazer uma Reforma Agrária no Brasil. A discordância começa na maneira de como deverá ser realizada esta Reforma Agrária.

De qualquer forma, após três horas de debate, chegou-se a conclusão de que a discussão dos problemas, ao invés de seu esquecimento puro e simples, é o melhor caminho para se obter soluções. E os dirigentes sindicais falaram mesmo na possibilidade de reunirem-se novamente, "desta vez sem a presença do gravador", como disse um deles.

O debate dos temas principais que afetam hoje a vida de milhões de brasileiros do interior nos parece um assunto tão importante e fundamental, que a mesa redonda realizada com os dirigentes sindicais tornou-se o assunto de capa desta edição, publicado a partir da página 11.

\* \* \*

Quais as contas que o Governo utiliza para calcular os preços mínimos? E os financiamentos de custeio? Estas, certamente, são duas perguntas que todos os agricultores gostariam de fazer. Afinal de contas, todos os anos os cálculos feitos por cooperativas nunca são iguais aos das autoridades. Este ano, principalmente pelo declarado incentivo que o Governo quer dar à agricultura, muita gente pensou que as diferenças entre os números oficiais e os dos produtores iriam acabar. Lendo a matéria da página 3, entretanto, os leitores verão que as coisas não mudaram muito, infelizmente.

oportunidades de emprego, atualmente, para os técnicos agrícolas, médicos-veterinários, engenheiros agrônomos, etc., que estão se formando agora.

Eng. Agr. Raul Cerqueira

São Leopoldo

NR — A sugestão está anotada

### ARTIGOS PARA RELER

Sou Coordenador Regional de Cooperativismo da Emater — MG e gostaria de fazer parte da relação dos que recebem seu jornal. Tenho lido inúmeros exemplares cedidos por funcionários da SUDECOOP, mas quando preciso reler algum artigo não o tenho à mão.

José Geraldo Ferreira Pena

Muriae — MG

### ORIENTAÇÃO

Sirvo-me da presente para apresentar-me como agropecuarista e membro do Conselho da Administração da Cooperativa Agrícola de Tupanciretã. O meu objetivo é solicitar-lhes o recebimento do jornal editado por esta Cooperativa, o qual tenho lido alguns números e cujas matérias abordadas tem sido de grande utilidade para a minha orientação dentro da atividade a que me dedico.

Ernesto Rubens de Amorim Andrade  
Tupanciretã.



# PROBLEMAS DE CÁLCULO

## Governo e Cooperativas têm opiniões diferentes sobre os financiamentos de custeio

Reunidas em Curitiba, no início de junho, as cooperativas de produção dos quatro estados do Sul (Rio Grande, Santa Catarina, Paraná e São Paulo), através de suas organizações estaduais, debateram, durante três dias, um assunto que interessa a todos: os preços mínimos para as culturas de verão, safra 79/80.

Ao contrário do que acontecia tradicionalmente, desta vez as cooperativas do sul resolveram fazer em conjunto seus cálculos, tomando por base os custos médios de produção registrados nos quatro estados. E, pela primeira vez, a solicitação dos preços mínimos por parte das cooperativas, foi defendida na mesma linguagem, isto é, todas as cooperativas pediram os mesmos preços para as mesmas culturas: soja, milho, feijão, sorgo, arroz, amendoim, algodão, batata-semente e criação de suínos.

Após a reunião, o documento contendo os preços mínimos que as cooperativas acham justo para as diversas culturas estudadas, foi entregue diretamente ao diretor-executivo da Comissão de Financiamento da Produção (CFP), Paulo Vianna, e ao chefe da Assessoria Econômica do Ministério da Agricultura, em Brasília.

### CUSTOS MÉDIOS

"Nós tomamos por base os níveis médios de produtividade dos quatro estados", explica o agrônomo Paulo Roberto da Silva, da Cotrijuí, que foi a Curitiba representando a Organização das Cooperativas do Estado do Rio Grande do Sul (OCERGS), juntamente com o economista Paulo Trevisan.

Assim, para o cálculo do financiamento de custeio da soja, safra 79/80, foram utilizados os seguintes dados: Sementes, 100 quilos por hectare; Fertilizantes, 250 quilos por hectare; e Defensivos (herbicidas e inseticidas), totalizando um custo de Cr\$ 3 mil 904 por hectare, referente aos insumos modernos.

Quanto aos outros ítems, o custo

por hectare de soja foi dividido entre combustíveis e lubrificantes, conservação e reparos, mão-de-obra, e frete, totalizando Cr\$ 1 mil 994. No final, de acordo com o cálculo das cooperativas, o custeio de um hectare de soja, na próxima safra, será de aproximadamente Cr\$ 5 mil 898, para uma produtividade de 30 sacas/ha.

"Foi com base nestes custos", diz Paulo Roberto, "e sempre levando em conta o nível tecnológico possível, que chegamos ao preço mínimo de garantia para a saca de soja: Cr\$ 326,40".

O mesmo raciocínio foi seguido para o cálculo dos preços mínimos das outras culturas. No nosso caso, aqui no Rio Grande, o que mais interessa são a soja, o milho, o arroz e o feijão (veja tabela abaixo). Para o milho, o preço mínimo solicitado foi de Cr\$ 209,50, para a saca de 60 quilos, considerando-se uma produtividade de 55 sacos por hectare, o que representa um aumento de 93,5 por cento em relação ao preço da safra do ano passado. O feijão, cultura que o governo anuncia ser prioritária, teve seu preço mínimo calculado em Cr\$ 574, representando um aumento de 55,5 por cento em relação ao preço da última safra.

### ALGUMAS DÚVIDAS

Agora, resta saber se as autoridades irão usar os índices calculados pelas cooperativas, ou não. Quando recebeu o documento, o diretor-executivo da CFP,

Paulo Vianna, mostrando entusiasmo, disse que "a união das cooperativas é um grande passo. É uma pressão legítima". Paulo Vianna justificou seu entusiasmo: "De um lado, porque é uma iniciativa inédita e positiva; de outro, porque as primeiras análises não indicam grandes divergências entre os números propostos pelas cooperativas e as contas que os técnicos do Ministério vem fazendo".

No dia 27, porém, quando o Conselho Monetário Nacional anunciou, em Brasília, os novos Valores Básicos de Custeio (VBC), apareceram algumas divergências entre os números oficiais e aqueles calculados em Curitiba. Por exemplo: o financiamento de custeio da soja aumentou, em relação ao ano passado, apenas 17 por cento, enquanto que os insumos necessários à lavoura subiram, em média, 48 por cento — sem contar o aumento do combustível anunciado para agosto.

O que mudou, em relação ao custeio da soja, é que, no ano passado, o Governo financiou apenas 60 por cento, e, para a próxima safra, o financiamento de custeio será de 100 por cento, nas regiões onde houve frustrações (nas demais regiões, o custeio da soja será financiado em 80 por cento).

Com o feijão e o milho, a coisa foi pior do que com a soja. O custeio do feijão, no ano passado, foi calculado pelo Governo em Cr\$ 5 mil 535 por hectare (dos quais foram financiados 60 por cen-

to, ou seja, Cr\$ 3 mil 321). Para este ano, o Valor Básico do Custeio do feijão, que será financiado em 100 por cento, tem seu teto máximo calculado em Cr\$ 5 mil 526. Para a nossa região, cuja produtividade média normal é de 15 sacos por hectare, o custeio será de Cr\$ 4 mil 328.

### INCENTIVOS x INFLAÇÃO

No milho, a coisa ficou assim: ano passado, o custeio de um hectare foi calculado pelo Governo em Cr\$ 3 mil 345 (dos quais foram financiados 60 por cento, ou seja, Cr\$ 2 mil 8). Este ano, o Valor Básico de Custeio, anunciado dia 27, é de Cr\$ 3 mil 336, considerando-se uma produtividade de 31 sacos por hectare.

Os números oficiais, certamente, não correspondem às expectativas e aos próprios planos do Ministério da Agricultura. É que, dentro do Governo, está acontecendo uma coisa curiosa: é preciso combater a inflação e, ao mesmo tempo, incentivar a agricultura. Os ministros da área econômica acham que o combate à inflação deve ser feito à base de cortes nos créditos — inclusive aqueles destinados para a Agricultura. Já o Ministério da Agricultura acha que incentivar a produção de alimentos é uma das formas de combater a inflação, pois aumentaria a oferta destes produtos e os preços para o consumidor poderiam baixar. Os ministros da área econômica, pelo jeito, ganharam a discussão. Só isso pode explicar os

### A TABELA DAS COOPERATIVAS

Produtos	Valor Básico de Custeio (hectare)	Produtividade	Custeio Saca	Preço Mínimo por sc. 60 kg
Arroz irrigado *	13.716,00	75	190,50	316,00
Feijão	6.916,00	20	346,00	574,00
Milho	6.940,00	55	126,00	209,50
Soja	5.898,00	30	196,60	326,40

\* OBS: No cálculo do arroz não estão incluídos os custos de transporte até o engenho, e a secagem do produto. Se isto fosse computado, o preço mínimo passaria a ser Cr\$ 370,00 por saca de 50 quilos.

### A TABELA DO GOVERNO

SOJA VALOR BÁSICO DE CUSTEIO		MILHO VALOR BÁSICO DE CUSTEIO		FEIJÃO - VALOR BÁSICO DE CUSTEIO	
Faixa de Produtividade (Kg/ha)	V.B.C. (Cr\$/ha)	Faixa de Produtividade (Kg/ha)	V.B.C. (Cr\$/ha)	Faixa de Produtividade (Kg/ha)	V.B.C. (Cr\$/ha)
	80%		100%		
Até 1.000	2.253,60	Até 900	1.847,00	Até 900	4.328,00
De 1.001 a 1.100	2.550,40	De 901 a 1.100	2.151,00	De 901 a 1.000	4.614,00
De 1.101 a 1.200	2.722,40	De 1.101 a 1.300	2.433,00	Acima de 1.001	5.526,00
De 1.201 a 1.300	2.909,60	De 1.301 a 1.500	2.801,00	<b>ARROZ IRRIGADO - VALOR BÁSICO DE CUSTEIO</b>	
De 1.301 a 1.400	3.095,20	De 1.501 a 1.700	3.077,00	Faixa de Produtividade (Kg/ha)	V.B.C. (Cr\$/ha)
De 1.401 a 1.500	3.326,40	De 1.701 a 1.900	3.336,00	Até 2.200	7.343,00
De 1.501 a 1.600	3.509,60	De 1.901 a 2.100	3.592,00	De 2.201 a 2.500	8.131,00
De 1.601 a 1.700	3.720,00	De 2.101 a 2.300	3.834,00	De 2.501 a 2.800	8.772,00
De 1.701 a 1.800	3.899,20	De 2.301 a 2.500	4.075,00	De 2.801 a 3.100	9.243,00
De 1.801 a 1.900	4.101,60	De 2.501 a 2.700	4.288,00	De 3.101 a 3.400	9.827,00
De 1.901 a 2.000	4.278,40	De 2.701 a 2.900	4.517,00	De 3.401 a 3.700	10.472,00
Acima de 2.001	4.503,20	De 2.901 a 3.100	4.742,00	De 3.701 a 4.000	11.024,00
		Acima de 3.101	5.070,00	De 4.001 a 4.300	11.555,00
				De 4.301 a 4.600	12.163,00
				Acima de 4.601	12.669,00

índices baixos revelados agora, que não se enquadram com a meta do Ministério da Agricultura: todo o incentivo à atividade agropecuária.

#### FAIXAS DE PRODUTIVIDADE

As divergências entre os números oficiais e aqueles calculados pelas cooperativas do sul, na verdade, só ficarão definitivamente esclarecidas depois que forem conhecidas as fórmulas que o Governo adotará para classificar as regiões de produção nas diversas "faixas de produtividade" estabelecidas, e para fixar os preços mínimos.

De acordo com a tabela anunciada dia 27, o financiamento dos valores básicos de custeio estão condicionados à uma faixa de produtividade, que será medida em quilos por hectare. Assim, nas regiões onde a produtividade média da soja foi de 1 mil a 1 mil 100 quilos por hectare (17 sacas/ha), o custeio será de Cr\$ 2 mil 817. Nas regiões onde a produtividade média foi de 1 mil 501 a 1 mil 600 quilos por hectare (25 sacas/ha), o custeio será de Cr\$ 4 mil 387 — e aí estaria enquadrada a nossa região.

A dúvida que fica é se os técnicos do Ministério da Agricultura vão considerar a produtividade média *normal* ou, ao contrário, vão simplesmente pegar a produtividade média *real* alcançada nos últimos anos. Porque, se a produtividade média considerada for a dos últimos anos, a nossa região, devido às duas sucessivas frustrações, ficará prejudicada, pois será enquadrada numa faixa de produtividade menor. Em consequência, receberá um financiamento de custeio inferior às reais necessidades dos produtores.

#### E O PREÇO MÍNIMO DA SOJA?

A outra grande dúvida que permanece é sobre a própria fórmula de cálculo do preço mínimo para a soja. O *Pacote Agrícola* desvinculou o preço mínimo dos financiamentos de custeio mas, até agora, não é conhecida a nova fórmula que as autoridades irão adotar para calcular os

### OS PROVÁVEIS PREÇOS MÍNIMOS PARA A SOJA (safra 79/80)

Fórmula 1 .....	281,90 saca 60 kgs.
Fórmula 2 .....	219,35 saca 60 kgs.

preços mínimos da safra 79/80.

Técnicos do governo, *extraoficialmente*, afirmam que a fórmula será esta: Valor Básico de Custeio dividido pela produtividade por hectare, e multiplicado por 1,666 (equivalente a 60 por cento dos custos de produção por hectare). Entretanto, *oficialmente*, não há ainda nada de certo.

"Existem alguns indícios permitindo concluir que o Governo pode adotar outra fórmula para a soja", afirma o agrônomo Paulo Roberto.

Segundo ele, é bem provável que as autoridades usem, ao contrário do que foi anunciado *extraoficialmente*, a seguinte fórmula: Valor Básico de Custeio dividido pela produtividade por hectare, e multiplicado por 1,25 (equivalente a 80 por cento dos custos de produção).

"Acontece", diz o agrônomo, "que os Valores Básicos de Custeio da soja,

conforme anunciou o próprio Governo, serão financiados somente em 80 por cento. Nós, aqui nesta região, vamos pegar 100 por cento por causa das frustrações, e só por isso. Então, é possível admitir que o Governo, no cálculo do preço mínimo, divida por 80 por cento, ao invés de 60 por cento, como dizem alguns".

Além disso, Paulo Roberto acha que o aumento do preço da soja deve acompanhar o mesmo aumento que será dado ao feijão e ao milho:

"Estas duas culturas terão seus preços mínimos ajustados em torno de 50 por cento, em relação ao ano passado. Se a fórmula anunciada valer para a soja, o aumento do preço mínimo seria de 96 por cento, bem acima dos aumentos dados às outras culturas. Se, ao contrário, o Governo dividir por 80 por cento, o aumento do preço mínimo da soja ficará em

46 por cento — o que me parece mais próximo dos demais aumentos".

#### AS FÓRMULAS

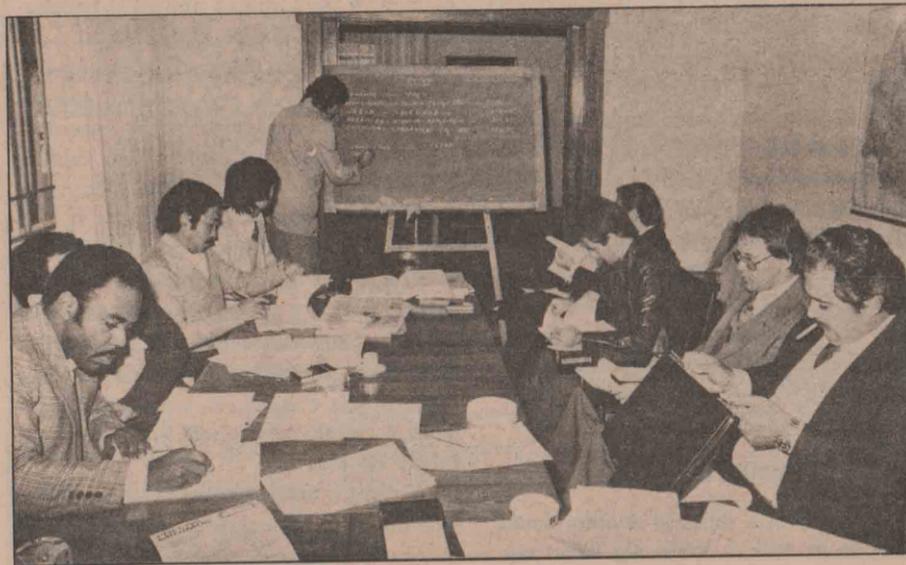
Deixando a polêmica de lado, vamos fazer os cálculos. Primeiro, usaremos a fórmula que alguns técnicos estão anunciando como a verdadeira, que chamaremos FÓRMULA N<sup>o</sup> 1. Nesse caso, o preço mínimo de garantia para a soja será de Cr\$ 281,90 — 15 por cento a menos que o valor solicitado pelas cooperativas; para o feijão, o preço mínimo será de Cr\$ . . 551,82 — 4 por cento abaixo do preço reivindicado em Curitiba; finalmente, para o milho, o preço mínimo será de Cr\$ . . 163,43 — 28 por cento menor do que aquele calculado pelas cooperativas.

Se a fórmula adotada pelas autoridades for aquela explicada por Paulo Roberto, que chamaremos de FÓRMULA N<sup>o</sup> 2, o preço mínimo para a soja deverá cair para Cr\$ 219,35.

Prosseguindo na nossa hipótese, (FÓRMULA N<sup>o</sup> 1) e se ela for correta, o agricultor deverá colher 15 sacos de soja por hectare, para fazer frente ao pagamento do custeio. Neste caso, porém, não deve haver muita preocupação: os preços do mercado externo, para a soja, historicamente têm sido maiores do que o preço mínimo de garantia do Governo. Quem pode perder, caso seja mesmo fixado o preço menor (Cr\$ 219,35), são as cooperativas, uma vez que todos os EGF e AGF (Empréstimo e Adiantamento do Governo Federal, respectivamente) são baseados no preço mínimo oficial.

Para o milho, será necessária uma colheita de 30 sacos por hectare, só para pagar o financiamento de custeio (a média da região, nos últimos 5 anos, é de 25 sacos por hectare).

Finalmente, no caso do feijão (que passará a ter 100 por cento de cobertura do Proagro, em caso de frustrações), caso a nossa hipótese esteja certa, a produtividade deverá ser de 10 sacos por hectare — enquanto a média da região tem sido de 15 sacos por hectare, em anos normais.



Curitiba: cooperativas fizeram os cálculos em conjunto.

## Renovado o convênio Unimed

Uma das alterações no Plano Cooperativo de Saúde Cotrijuí-Unimed, que foi renovado para o período de 30 de junho deste ano até 30 de junho de 1980, na região pioneira, é a cobertura de todas as despesas hospitalares, e mais anestesia e exames radiológicos, nos casos em que o beneficiário necessitar de internamento hospitalar para cirurgia odontológica.

O que mudou também foi a tabela de preços. A contribuição mensal passa a obedecer o seguinte critério:

Classificação	C/Odontologia	S/Odontologia
Associado Solteiro	Cr\$ 215,00	Cr\$ 190,00
Associado com 1 dependente	Cr\$ 420,00	Cr\$ 380,00
Associado com 2 dependentes	Cr\$ 612,00	Cr\$ 540,00
Associado com 3 dependentes	Cr\$ 804,00	Cr\$ 700,00
Associado com 4 dependentes	Cr\$ 985,00	Cr\$ 865,00
Para cada dependente a mais, acrescentar	Cr\$ 187,00	Cr\$ 173,00

Aumentou também a participação nas consultas médicas, durante o horário normal de atendimento, que será paga no ato da consulta:

Classe	Categoria	Valor
A	Empregado Rural	Cr\$ 30,00
B	Médio Produtor	Cr\$ 60,00
C	Empresário Rural (acima de 150 ha)	Cr\$ 120,00

A consulta odontológica, que será paga no momento em que for marcada, tem o valor de Cr\$ 30,00.

Os associados que possuem o cartão de aptidão (que comercializaram sua produção em 1978 na Cooperativa) têm prazo até o dia 10 de julho para comunicar, se for o caso, sua desistência do plano, entregando a carteira de usuário. Após esta data a renovação será automática, com a facilidade de pagar o valor da anuidade através de débito em conta corrente.

Para quem não possui o cartão de aptidão, o prazo para a renovação vai até 30 de julho. Depois desta data o associado que não comunicar o

desejo de continuar participando do plano será considerado excluído. Para estes o pagamento será à vista, no momento da renovação, que pode ser feita nas unidades da Cotrijuí e, na sede, no Departamento de Assistência Médica e Social (no prédio antigo da Cooperativa).

As novas inscrições só serão aceitas até o dia 30 de agosto. Após este dia elas somente serão aceitas de associados recém admitidos ou de filhos de associados que venham a nascer.

A partir do dia 1<sup>o</sup> de agosto os participantes do plano somente poderão ser atendidos se tiverem renovado sua carteira, pagando por sua confecção uma taxa de Cr\$ 35,00. A carteira pode ser obtida nas unidades ou no DAMS, no caso de Ijuí.

Os demais termos do convênio entre a Cotrijuí e a Unimed permanecem inalterados. Solicite na Cooperativa o catálogo que explica direitinho os atendimentos que são prestados através deste convênio. Além da assistência médica e hospitalar, o plano é complementado por um plano de seguro de vida e acidentes pessoais e, opcionalmente, com assistência odontológica.



# VIDA DE FRETEIRO

*Um dia na vida de um freiteiro de leite: oito horas ininterruptas para percorrer 130 quilômetros, cinco vezes atolados, e muito trabalho por estradinhas esburacadas, no meio do barro.*

Sexta-feira, 8 de junho, cinco horas da manhã. Seu Arlindo Ceretta está patinando numa ladeira do bairro Getúlio Vargas (Linha 2 Oeste), o Ford F-350, ano 76, fazendo um barulhão danado, muito provavelmente acordando boa parte dos moradores do bairro. O sol nem começou a aparecer, ainda está escuro, mas não tem conversa: seu Arlindo é freiteiro de leite, e seu trabalho simplesmente não pode parar. Ele ainda tem de recolher mais de 10 mil litros de leite, a produção diária dos 84 produtores da sua linha.

Ademir, menino de 17 anos, um dos seis filhos de seu Arlindo, ainda está com sono, a cara meio

amarrada de quem foi tirado da cama a contragosto. Também pudera: a temperatura está a seis graus e Ademir sabe que hoje vai ter de trabalhar duro, pois ontem a chuva não parou nem um minuto e as estradas estão quase intrafegáveis.

Basta um olhar do pai e Ademir entende tudo. Espanta o sono, abre a porta e vai empurrar o caminhão, orientando seu Arlindo. O barulhão do motor já é agora quase indecente. O pessoal do bairro Getúlio Vargas deve estar xingando todo mundo: ninguém gosta de ser acordado às cinco horas da manhã, ainda mais num dia frio como esse.

Mas a coisa não de-

mora: uns cinco minutos depois o caminhão consegue vencer a ladeira e Ademir, com um salto, volta a se aninhar no cantinho do banco, fechando os olhos para aproveitar um pouquinho de sono que ainda resta.

— Hoje a gente vai demorar um pouco mais do que o costume. Se a estrada estivesse boa, a gente ia direto pelo Chorão, não precisava vir por aqui. Por esse caminho, a viagem fica uns 20 quilômetros mais comprida, diz seu Arlindo, ligando o rádio para saber a hora certa.

Arlindo Ceretta é um homem magro, alto, que fala pouco. Ademir saiu ao

pai e fala menos ainda. Aos poucos, porém, seu Arlindo vai se abrindo:

— Eu não sei porque a Prefeitura não dá um jeito nestas estradas. Tem dias em que é simplesmente impossível passar por determinados trechos, e muito leite deixa de ser recolhido. E eu acho que isso é prejuízo para todos.

Atualmente, a produção leiteira dos municípios de Ijuí, Augusto Pestana e Ajuricaba é escoada através de 22 linhas, onde são usados 26 carros e duas carroças. As linhas têm em média 110 quilômetros cada uma, num total de 2 mil e 420 quilômetros, que

os freiteiros percorrem todo o dia, durante o ano inteiro. A distância é igual a uma viagem de Ijuí ao Rio de Janeiro. Ou cinco vezes o trajeto Ijuí-Porto Alegre, todos os dias.

A produção diária recolhida nestas 22 linhas é mais ou menos de 28 mil litros, o que dá, em média, 11 litros por quilômetro percorrido. O problema é que, nos dias de chuva normal, 20 por cento da produção — quase 5 mil litros de leite — deixam de ser recolhidos porque os caminhões não podem trafegar. Nos dias de chuva torrencial, então, a coisa é muito pior: 30 por cento da produção, ou 8 mil e 400 litros de leite, não são recolhidos. Nas chuvas de

dezembro do ano passado, por exemplo, o negócio chegou ao extremo: 60 por cento da produção, mais de 15 mil litros de leite, não chegaram até a Cooperativa Central Gaúcha de Laticínios (CCGL), onde o leite é industrializado.

Seis e meia da manhã, aos trancos e barrancos o caminhão de *seu* Arlindo vai avançando. O sol ainda não deu as caras e não recolhemos nem um litro de leite. Lá atrás, o barulho dos tambores vazios a cada buraco que passa não incomoda tanto. Os ouvindo já se acostumaram. Enquanto Ademir dorme, apesar dos solavancos, o freteiro vai contando a sua história:

— Estou na cidade há pouco mais de cinco anos. Eu era agricultor, tinha 20 hectares ali na Linha 4 Leste. Mas não deu para continuar, a família não estava conseguindo viver mais com o que a terra produzia. Então vendemos tudo e viemos para Ijuí.

Por incrível que pareça, *seu* Arlindo gosta do seu trabalho. Pelo menos, acha que está melhor do que antes, quando ainda era agricultor. Mesmo tendo que acordar todo o santo dia naquela hora da madrugada, faça chuva ou faça sol, ele está contente:

— Quando eu cheguei na cidade, com o dinheiro que conseguí vendendo a minha terra, tratei de comprar uma casa e montei um bar. O bar não deu certo e até hoje eu agradeço por ter comprado a casa. Se não, a coisa teria ficado preta prô meu lado". Depois dessa fase de *vacas magras*, ele conseguiu a linha de leite e diz que não larga mais.

Os seis filhos foram os que mais insistiram com *seu* Arlindo para que ele viesse para a cidade. Eles queriam estudar, o pai achou justo. Mas até agora só tem dado *zebra*: o filho mais velho, formado no curso de Técnico Agrícola, no ano passado, até agora não conseguiu emprego. E Ademir deixou de estudar neste ano, porque não agüentou o ritmo: chegava do colégio às dez, onze da noite, e tinha que levantar

às quatro e meia da madrugada para ajudar o pai a carregar leite.

Faltam 12 minutos para as 7 horas. O sol começa a aparecer. Depois de quase 50 quilômetros, saindo pelo bairro Getúlio Vargas, em Ijuí, e passando pelo Capão Bonito e Bom Sucesso, entramos em Mauá. Dois minutos depois *seu* Arlindo encosta o caminhão no portão da casa do primeiro produtor de leite da linha, cuja produção é de 60 litros. Ademir salta rápido para recolher os tambores, enquanto seu pai anota na planilha o nome do produtor e a quantidade entregue. Além da planilha, ele ainda tem de anotar a quantidade de leite recolhida na caderneta do produtor, que fica na casa, junto aos tambores vazios. Duas horas de solavancos, barro e frio até recolher o primeiro leite!

— Se a estrada não ficasse tão ruim nos dias de chuva, a gente teria ido pelo Chorão e ganhava mais de meia hora.



7:15h: em Mauá, Ademir se espicha e tenta segurar o caminhão.

No ano passado, depois de um minucioso levantamento realizado pelos freteiros das 22 linhas e por técnicos agrícolas da Cotrijuí, uma comissão de produtores e dirigentes da Cooperativa levou até o Prefeito Municipal de Ijuí, Wilson Mânica, um pedido para que a Prefeitura arrumasse as estradas do leite. O levantamento mostrava em detalhes quais os trechos e quais as obras que seriam necessárias para que

a perda de leite diminuísse.

O prefeito Mânica, na ocasião, lembrou que o município de Ijuí, sozinho, não teria recursos para fazer todos os reparos e obras necessários. Mas disse que um trabalho conjunto das três prefeituras envolvidas e da Cooperativa poderia resolver o problema.

— Nós não temos recursos para fazer 30 por cento do que foi pedido. No total, são mais de 80

quilômetros que precisam ser arrumados. Nós já fizemos algumas obras de empedramento, principalmente nos distritos de Salto, Floresta, Alto da União, Coronel Barros e na Linha 2 Oeste. Nosso parque de máquinas não pára nem aos sábados, domingos e feriados. E nem assim conseguimos vencer o serviço", explica o prefeito.

Sete e quinze da manhã. Recém saímos da casa do primeiro produtor, ainda estamos em Mauá. Há uma subida perigosa, em frente à casa do pastor, onde é preciso recolher 9 litros e meio de leite. Apesar dos esforços de *seu* Arlindo e de Ademir, não deu para subir. O caminhão desgovernou-se e ficou atolado na estrada, atolado. Seu Arlindo dá um suspiro e salta para pegar a pá.

Empurra daqui, empurra dali, o caminhão vai saindo do atoleiro. Ademir e seu pai já estão cobertos de barro, suando bastante. Ficamos presos no barro quase meia hora. Quando o carro finalmente arranca, Ademir sai correndo para pegar seu lugar. Ele, à essa altura, já perdeu o sono. E diz:

— Leiteiro sofre.

*Seu* Arlindo conta que todo esse trabalho é normal, por isso ele sempre traz no caminhão uma pá, corrente para os pneus, cordas, etc. Ele acha que muito atoleiro poderia ser evitado se, em alguns casos, os produtores fizessem um tambo coletivo nas estra-

## No debate, a solução

*Solucionar o problema do transporte de leite não é tarefa para poucos dias. Acharmos que o melhor meio para se alcançar resultados que satisfaçam a todos os envolvidos — produtores, freteiros e a CCGL — é a discussão destes problemas em conjunto. Talvez seja o caso, inclusive, da criação de um Conselho de Produtores e Transportadores de Leite, idéia que pretendemos levar até leiteiros e freteiros, para melhor esclarecimento.*

*Este Conselho seria o lugar para a análise de todos os aspectos que envolvem a produção e o transporte de leite, onde os dois lados apresentariam as suas razões e onde as soluções significassem um denominador comum. Tudo isto, porque entendemos que tanto produtores quanto transportadores são responsáveis pelas grandes mudanças ocorridas no setor, durante os últimos dois anos.*

*De fato, desde outubro de 1977, quando a indústria Cafrasa passou ao controle da Cooperativa Central Gaúcha de Laticínios (CCGL), as coisas mudaram muito. Naquele tempo, existiam apenas 12 linhas de leite, totalizando 800 produtores, nos municípios de*

*Ijuí, Augusto Pestana e Ajuricaba. Hoje, as linhas de leite são 22 e o número de produtores triplicou, pulando de 800 para 2 mil 582.*

*Com a entrada de tantos novos produtores, naturalmente, os trajetos das linhas de leite tiveram de ser refeitos, e aqui encontramos a origem de boa parte dos problemas atuais: as novas linhas passaram a abranger também as estradas secundárias e caminhos de roça, ao contrário de antigamente, quando o leite era recolhido apenas nas estradas principais. Ora, todos sabemos que a maioria das estradas secundárias não oferece boas condições de tráfego, ocasionando inúmeras quebras nos veículos, atoleiros e, em conseqüência, um maior custo de manutenção. Por outro lado, todos estamos sentindo na carne a elevação dos preços do petróleo e seus derivados, outro fator fundamental para os altos custos do transporte rodoviário.*

*A partir destes dados, foi que o setor responsável pelo transporte de leite criou alguns projetos, os quais pretendemos levar até os produtores para uma ampla discussão. Estes projetos são: 1) criação de um Fundo Mútuo de Assistên-*

*cia ao Transporte de Leite, a partir do próximo aumento de frete. Isso significa a retenção de Cr\$ 0,03 (três centavos) por cada litro de leite bom e Cr\$ 0,01 (um centavo) por cada litro de leite ácido transportado pelos freteiros. Estes valores, somados, seriam usados para subvencionar novas linhas, principalmente aquelas que ainda não somam a quantidade de leite necessária para sustentar uma linha de coleta. Com a criação destas novas linhas, os trajetos de cada uma ficariam mais curtos e os custos de frete também baixariam.*

*2) Para que as linhas ficassem ainda mais curtas, propiciando uma real queda nos custos do frete para cada produtor, seria necessário, também, que os produtores trouxessem o leite até as estradas principais. É claro que cada Linha seria estudada com critério, pois os moradores que se localizam mais distantes das linhas principais poderiam agrupar-se e fazer a entrega coletiva numa única plataforma. Deixamos aqui estas sugestões, para um posterior debate com produtores de leite e freteiros.*

*(Santo Desordi, responsável pelo transporte do leite).*



7:45h: na Linha 12 Norte, só o trator tirou o caminhão do barro.



Seu Arlindo tentou mas não conseguiu: o caminhão acavalou na valeta.

das principais. Assim, o caminhão não teria de entrar nas estradinhas menores, que levam diretamente às casas dos produtores de leite.

Neste momento, aliás, estamos entrando na estrada que leva à propriedade de Arnaldo Erik Beier, na Linha 12 Norte, em Mauá. Ao fazer a curva para voltar, depois de recolher 8 litros de leite, o caminhão começou a dançar e foi caindo em direção à valeta que margeia a estrada. Ademir nem sequer resmungou: salta fora do caminhão e vai direto buscar a pá.

Depois de meia hora empurrando, o caminhão nem sequer sai do lugar. Então, seu Arnaldo Beier, agradecido porque o freiteiro não deixou de recolher seu leite mesmo com a estrada intransitável, manda buscar o trator. É a única maneira de sair dali.

Seu Arlindo bem que gostaria de não recolher o leite que fica depositado nas estradinhas secundárias, nos dias de chuva. Mas é que, além da bronca dos produtores que não tiveram seu leite recolhido, ele ainda perde dinheiro. Então, ele entra com o caminhão em todos os lugares, mesmo sabendo que vai ficar atolado.

O freiteiro de leite não ganha salário. Sua remuneração é proporcional à quantidade de leite que recolhe. De um a 30 litros, o freiteiro ganha 75 centavos por litro; de 31 a 80 litros, ele ganha 65 centavos por litro; de 81 a 150 litros, 50 centavos por litro; de 151 litros para ci-

ma, o freiteiro ganha 45 centavos por litro. Quer dizer, quanto mais leite recolher, mais ele ganha pelo trabalho.

— Pena que a maioria do pessoal entrega pouco leite.

Na linha do seu Arlindo, dos 84 produtores, somente nove entregam mais de 50 litros de leite por dia. A média de entrega diária é de apenas 14 litros por produtor. Sendo assim, a razão está com seu Arlindo: recolher todo o leite da linha, mesmo que, para isso, tenha de atolar várias vezes por dia.

A Prefeitura Municipal de Ijuí tem uma verba de Cr\$ 6 milhões para a pavimentação e conservação de ruas e estradas, neste ano. Até agora, metade do ano, segundo o prefeito Mânica, já foram gastos Cr\$ 4 milhões de cruzeiros. É que esta verba inclui o pagamento de mão-de-obra, combustível, manutenção das máquinas, madeira para pontilhões, tubos para drenagem, etc. O prefeito diz que faz o máximo que pode:

Desde março de 77, quando assumimos a Prefeitura, já compramos 6 caminhões, 2 tratores, 2 motoniveladoras e um rolo-compressor. Eu sei que isso não é suficiente, mas o município não pode fazer mais.

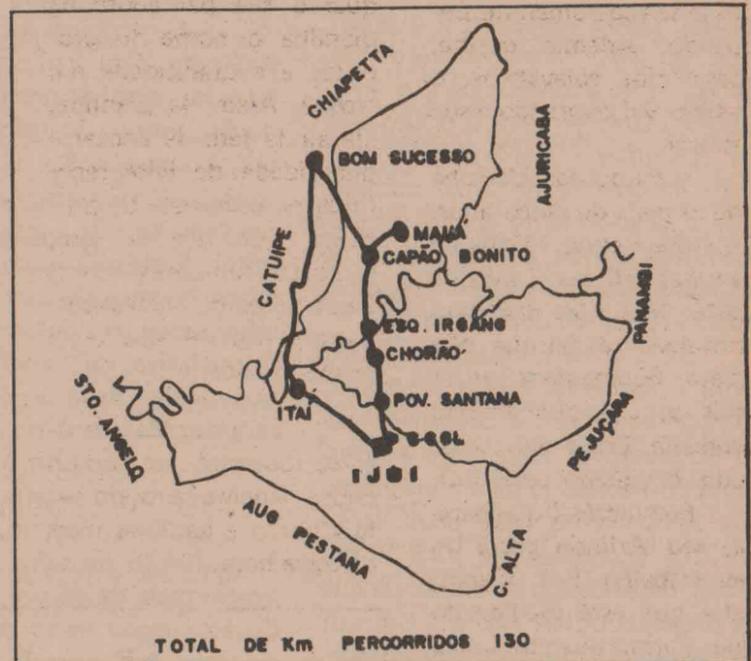
São 8 horas e 10 minutos, e o caminhão de seu Arlindo Ceretta recém deixou o distrito de Mauá. Até agora, três horas depois que saiu de casa, ele

só conseguiu recolher 120 litros de leite — 10 por cento do total —, correspondente à produção de apenas 8 produtores.

— À esta hora, normalmente, eu estaria no Chorão, lembra o freiteiro.

O problema da falta de recursos da Prefeitura não deixa de ser engraçado. Por falta de dinheiro, as estradas não são arrumadas; por falta de boas estradas, diminui a quantidade de leite recolhido; diminuindo a quantidade de leite recolhido, menor é a produção da CCGL; com a produção menor, a CCGL paga menos impostos, ou seja, o município deixa de arrecadar aquilo a que teria direito se as estradas fossem boas e a produção da CCGL não diminuísse. Um círculo vicioso.

Nos últimos seis meses (dezembro a maio), a Cooperativa Central Gaúcha de Laticínios paga cada vez mais impostos, sinal de que a sua produção vem aumentando. Em dezembro, por exemplo, a CCGL recolheu Cr\$ 223 mil 884 a título de Imposto sobre Circulação de Mercadorias (ICM); em março, a arrecadação do ICM pela CCGL já era de Cr\$ 988 mil 751. E, no mês de maio, ela recolheu Cr\$ 1 milhão 167 mil e 375 de ICM. O município de Ijuí, depois de uma complicada operação, acaba recebendo 20 por cento dessa quantia. Quer dizer: a Prefeitura ganharia mais caso a produção de leite não caísse tanto, devido às más condições das estradas.



A linha de seu Arlindo: 130 quilômetros em oito horas.

São 9 horas e 22 minutos, o caminhão de seu Arlindo trafega na Linha 6 Norte. No total, ele recolheu apenas 590 litros de leite, passando por 22 propriedades. Em dia normal, com a estrada seca, à esta hora seu Arlindo estaria bem pertinho da Central. Mas a estrada não permite que ele aumente a velocidade — vamos a uma velocidade média de 10 quilômetros por hora — sem contar as inúmeras vezes em que o caminhão atolou e ele perdeu tempo.

Agora, por exemplo, depois de ter cruzado o asfalto, seu Arlindo está colocando correntes nos pneus. Ele diz: "Vêm uma coxilhas brabas por aí".

Seu Arlindo ganha, mensalmente, em torno de Cr\$ 35 mil, bruto. Ele gasta 16 mil cruzeiros no posto, para abastecer e lubrificar; 10 mil de oficina, pois

não há carro que agüente com todos os buracos; Cr\$ 5 mil de prestação do carro. No final, sobra pouca coisa, principalmente se a gente lembrar que para ele não existe domingo, nem feriado. Até nas noites de Natal e Ano Novo ele tem que sair de casa às quatro e meia da manhã para recolher o leite.

Finalmente, andando relativamente tranquilo depois que colocou as correntes nos pneus, seu Arlindo chega na casa do último produtor da linha. São 12 horas e 50 minutos.

Mas ele está contente. Apesar de ter atolado cinco vezes e de ter trabalhado 8 horas sem parar ao menos para um cafezinho, seu Arlindo pode dizer: — Não deixamos de recolher nenhum litro de leite.

Agora só falta dirigir até a Central, descarregar o leite na plataforma, voltar para casa e almoçar. Lá pelas 3 horas da tarde.

# UMA SOLUÇÃO PARA O ARROZ QUEBRADOR

A primeira que aparece é o rendimento, que dificilmente é inferior a 62 ou 63 por cento de grãos inteiros, uma proporção quase nunca alcançada pelo arroz branco. Com isso, o produtor recebe mais por cada saco de arroz que comercializa. Outra vantagem é o preço, que não segue tabelamentos do Governo, como acontece com o arroz branco. Uma terceira é o alto teor de vitaminas e sais minerais, também inexistente no arroz comum, que é praticamente apenas amido. Isso sem contar o rendimento na panela e a diminuição do tempo necessário para seu cozimento.

Se o arroz parboilizado é tão bom e apresenta tantas vantagens, porque ainda não é produzido pela Cooperativa? Pelo custo e investimento necessário para a instalação do equipamento, que pode variar de Cr\$ 6 milhões até Cr\$ 17 milhões, dependendo da eficiência que se pretenda obter. Agora a Cotrijuí instalará em Dom Pedrito um engenho próprio para o beneficiamento de arroz branco. O parboilizado poderá ser uma segunda etapa, dependendo do interesse de seus associados. A implantação deste processo também depende, e muito, de pesquisas de mercado que estão sendo realizadas para medir as possibilidades de comercialização deste arroz, que já conquistou a mesa de americanos, europeus e até mesmo africanos.

Tão importante como o mercado é o comportamento do produtor. De nada adiantam máquinas sofisticadas, que dependem de um al-

to investimento e de pessoal capacitado tecnicamente, se o produtor não estiver sabendo das vantagens do processo de parboilização. Bem diz o associado Ruy Adelino Raguzoni, um dos produtores que melhor conhece o assunto:

— O negócio é mesmo este parboilizado. Mas tem uma parte que eu acho negativa: precisa muita produção, porque as máquinas são caras. A Cooperativa não tem condições de enfrentar a concorrência do mercado se não contar com o produtor. E ele não está querendo nem saber. Na maioria das vezes só quer saber o que terá de retorno. Como a Cooperativa vai beneficiar grandes quantidades deve ter o mercado garantido. Mas também para isso será preciso ter produto o ano inteiro, inclusive na entressafra.

Em Dom Pedrito, mesmo com a frustração de safra (com quebra aproximada de 45 por cento) a produção chegou perto de 1,5 milhão de sacos. A Cooperativa, que é nova por lá (este é o terceiro ano de recebimento de arroz) divide com mais 11 engenhos instalados só na cidade o recebimento de produto. A Cooperativa é a única que dispensa o ensacamento do produto, recebendo a granel todo arroz.

## A CONFUSÃO DO MACERADO

Isso sem contar o arroz que sai do município e vai para Santa Catarina, onde é beneficiado pelo processo de maceração, que é, em algumas coisas, semelhante ao de parboilização. Uma delas é o rendimento, que também é alto em rela-

ção ao arroz branco. Mas fica só nisso, especificamente. A cor, que também é amarelada, não é uniforme como a do arroz parboilizado. O teor de vitaminas, mesmo sendo elevado, é menor do que no parboilizado. A diferença maior fica no cheiro: o parboilizado, assim como o arroz branco, não tem qualquer odor, enquanto o macerado (que também é chamado de amarelão) tem um cheiro desagradável provocado pela fermentação que ele sofre.

Isso acontece porque o arroz macerado fica mergulhado por um tempo indeterminado em água mantida à temperatura ambiente, enquanto o parboilizado fica em água quente e ainda sofre a ação de um vapor (veja na matéria a seguir). Como a cor é parecida e o rendimento também, os próprios produtores confundem bastante um tipo de arroz com o outro. Um deles é Urbano Adolfo Veiga Freire:

— Eu não gosto deste arroz por causa do cheiro, muito enjoado. Quando vou na casa de um cunhado, que só come este amarelão, levo uns quilos aqui do meu, branquinho e sem cheiro.

Depois, quando lhe explicam que o parboilizado não tem cheiro nenhum, fica mais satisfeito. Urbano comenta que tudo que é para melhorar deve ser feito, desde que se possa, é claro, fazer:

— Eu que colhia sempre 180 sacos por quadra, tirei só 130 este ano. O arroz tem ficado mais quebrador, por causa da falta de chuva. Tem gente que diz que é por causa dos remédios, destes defensi-

*O arroz desta safra tem se mostrado um fracasso, ainda mais na hora do beneficiamento: no descascar e polir, os grãos, que já são quebradores, ficam virados quase só em pedaços. A culpa, na verdade, não é só desta safra, onde a seca no crescimento e o frio na época da floração atrapalharam um bocado, mas também do processo de beneficiamento. É por isso que os técnicos da Cotrijuí em Dom Pedrito, e também alguns produtores, estão pensando seriamente num novo tipo de beneficiamento, que aumente a proporção de grãos inteiros mesmo depois do polimento. O nome do processo, parboilização, é meio complicado, mas as vantagens são muitas.*

vos todos, que dá muito arroz quebrado. Não sei não. Mas é bom que se encontre uma maneira de aproveitar mais este arroz que a gente perde por causa dos quebrados.

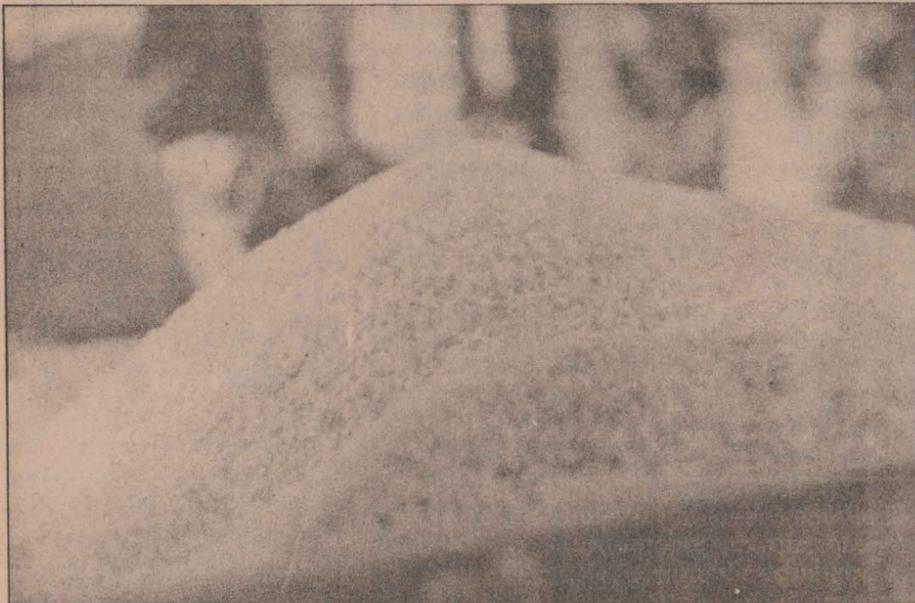
## UM ALTO NEGÓCIO

Um dos produtores que entregou para uma empresa de fora a produção de arroz macerado foi Gentil Rafael Pozzebon. Enquanto a Cooperativa estava dando um adiantamento de Cr\$ 180,00 por saco, para complementar o preço depois da análise de rendimento (que é feita num laboratório instalado na Cotrijuí a partir desta safra), Pozzebon vendeu parte da produção por Cr\$ 260,00 o saco na lavoura. Ele entregou na Cooperativa apenas o arroz de melhor qualidade, que apresentava um alto rendimento de grãos inteiros. O quebrado, que traria prejuízo tanto para ele como para a Cooperativa, saiu de Dom Pedrito:

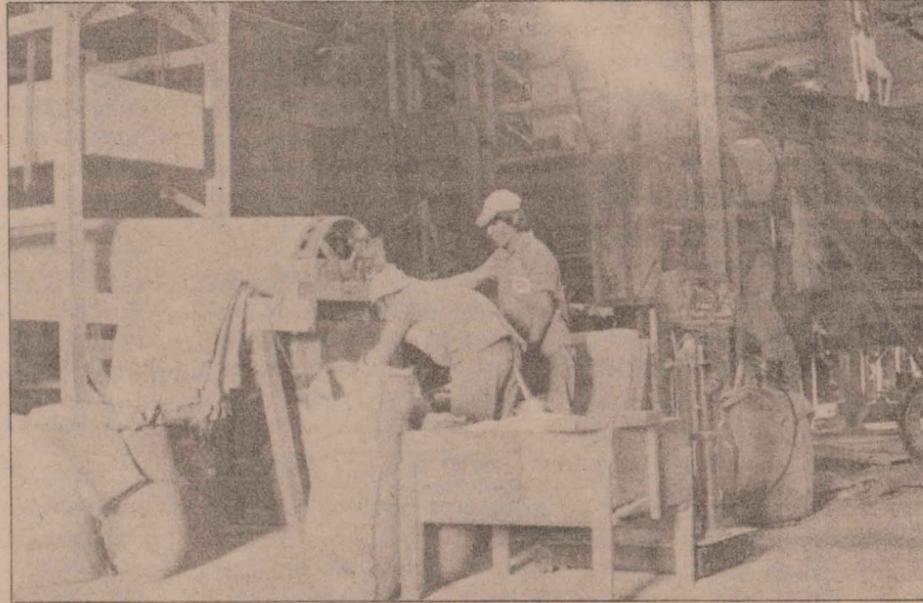
— Eu não sei muito bem como é este negócio de deixar o grão que está quebrado ficar inteiro. Só ouvi falar assim numa reunião da Cooperativa, de que se aproveita muito do arroz, todo aquele canjicão e aquela quirera. Entendi que é para ser mais ou menos a mesma coisa que os catarinas fazem.

O Dinaldo José Dupond também acha que é um alto negócio entregar o arroz bom na Cooperativa. Mas o mesmo não acontece quando o produto é ruim, pela alta quebra que ele traz:

— E este ano, na minha opinião, se viu mais arroz ruim do que



A qualidade do produto depende também do processo de beneficiamento



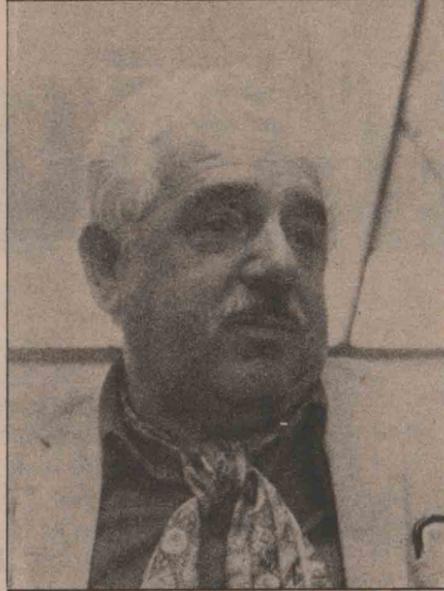
No engenho, o arroz quebrador acentua sua quebra.



Ruy: apoio do produtor



Gentil: aproveitar o canjição



Urbano: acabar com as perdas



Dinaldo: concorrer no mercado

bom. Por isso a Cooperativa deve entrar com este tipo de arroz parboilizado para concorrer no mercado. Com arroz quebrado, como a gente vê, não pode igualar ao mercado de fora. É por isso que os catarinas estão levando tanto arroz daqui e a gente é quase obrigado a vender para eles.

Esta discussão sobre o arroz parboilizado já vem acontecendo há algum tempo, encontrando no Jorge Everardo Perez, que é agrônomo, o maior defensor da idéia, lá por Dom Pedrito. Ele está convencido que mesmo o alto investimento necessário para a instalação do equipamento acaba sendo muito compensador:

— Se os catarinenses, e mesmo proprietários de engenho gaúchos que produzem o arroz macerado,

conseguem lucro buscando o arroz em Dom Pedrito para beneficiar em outros lugares, é porque o negócio se mostra favorável.

### COMERCIALIZAÇÃO

Só para exemplificar, ele conta que o preço obtido pela tonelada de arroz parboilizado no mercado internacional, tem sido de 150 a 200 dólares (entre Cr\$ 3.750,00 e Cr\$ 5 mil) a mais do que o arroz comum. E mesmo no mercado interno, onde seu preço é estabelecido em 10 por cento a mais do que o arroz branco, na verdade existe uma certa liberalidade por parte do Governo, pois não acontece um controle efetivo na sua comercialização.

Existem, no Brasil, de acordo com um Estudo de Viabilidade de Produção e Exportação de Arroz

Parboilizado, realizado em outubro de 1977, não mais que seis unidades de produção deste tipo de arroz. A primeira foi instalada em 1953, aqui no Rio Grande do Sul (no município de Guaíba), produzindo a marca *Arroz Malekizado*. Faltam, porém, ainda dados concretos sobre produção e comercialização deste tipo de arroz no País, que é estimada, pelo mesmo estudo, em 100.000 toneladas anuais. Uma quantidade aproximada é produzida em pequenas unidades que adotam o sistema simplificado de maceração. Este número representa menos do que 3,5 por cento da produção brasileira, enquanto a produção mundial de arroz submetido ao processo de parboilização é estimada em muito mais do que 20 por cento da produção total.

Uma certa reação que existe por parte do consumidor em trocar o arroz branco, basicamente o único conhecido, está muito mais ligada a um hábito alimentar do que a uma rejeição ao produto. Se esta acontece, algumas vezes — como é o caso do seu Urbano — é pela confusão do parboilizado com o macerado ou amarelão. As vantagens alimentícias, rendimento e tempo necessário para seu preparo, podem acabar conquistando o mercado brasileiro. A desvantagem, no caso do consumidor, fica apenas no preço. Este, é claro, conta bastante, mas mesmo assim o arroz parboilizado vem lentamente conquistando algumas fatias do mercado, mesmo que numa proporção bem mais lenta do que em muitos outros países do mundo.

## O segredo: água quente e vapor

Atualmente o arroz está sendo beneficiado pela Cotrijui num engenho alugado em Dom Pedrito, onde também são empacotadas as duas marcas produzidas pela Cooperativa: *Levieste* e *Império*. Até o final de setembro, ou pelo menos no início de agosto, já deverá estar operando um engenho próprio, planejado para a produção de arroz branco através do processo tradicional de beneficiamento: secagem do produto (reduzindo a umidade para 13%), descascamento e polimento.

O caso é que o produto perde grande parte de seu valor nutritivo pois são retirados, durante o polimento, o embrião e a película que reveste o grão, exatamente as partes que deixam o arroz ranço durante o armazenamento. E, como o polimento é feito por atrito, o grão também acaba quebrando um pouco. Se o produto é bom, as quebras são pequenas, numa proporção que pode variar de 50 a 62 por cento ou um pouco mais de grãos inteiros. Mas quando é ruim, esta proporção cai bastante, chegando até mesmo a 6 por cento, como aconteceu com a carga de um produtor este ano lá em Dom Pedrito.

Pelo processo de parboilização, por mais quebrador que seja o arroz, ele sempre dá uma proporção de grãos inteiros que dificilmente fica abaixo de 62 ou 63

por cento mesmo depois de polido. Jorge Everardo Perez, que é um agrônomo especializado em orizicultura, é quem explica o que acontece para que o arroz, mesmo depois de quebrado, acabe ficando inteiro. Parece coisa de mágico, mas não é.

— Antes mesmo do descascamento, o arroz fica mergulhado por algum tempo (não mais que cinco horas), em tanques cheios de água aquecida, mantida numa



Jorge: não é coisa de mágico

temperatura uniforme. Com isso o amido do grão (pois o arroz é quase todo só amido) fica úmido. Depois se aquece o arroz com vapor até alcançar uma temperatura que dissolva o grão.

Jorge simboliza dizendo que a casca do arroz funciona como sendo uma forma para o grão, que fica todo derretido. O aquecimento por vapor provoca várias alterações, sendo uma das principais o deslocamento das vitaminas da superfície para o interior do grão. Além disso, como a temperatura é elevada e constante, todos os processos de deterioração do produto são destruídos por completo.

Como a umidade do arroz ficou muito alta depois do encharcamento e do vapor, são necessárias altas temperaturas para a sua secagem. Normalmente, ela é feita em duas etapas: primeiro reduzindo a umidade para aproximadamente 18 por cento e depois, num processo mais lento, para 13 por cento. Só que antes de entrar no engenho, onde o produto será descascado e polido, o arroz deverá permanecer várias horas parado, para perder todo calor que recebeu e permitir que a umidade, que se concentra mais no interior, possa se espalhar uniformemente por todo grão, que deve ainda ter sua textura consolidada. Depois de descascado e polido é

que aparecem mesmo as diferenças: os grãos quebrados são em pequena quantidade e a cor do arroz não é branca. Ela é amarela e uniforme.

Se, por um lado, o processo de parboilização possibilita esta "solda" do grão em qualquer tipo de arroz, aumentando seu rendimento e qualidade para comercialização, por um outro, pode aumentar os defeitos que ele apresente. Se é um arroz manchado, picado de insetos, que já iniciou um processo de fermentação, etc, todos estes defeitos são aumentados, diminuindo, por conseqüência, sua qualidade.

Baseado nisso, Jorge conta que pode ser adotado um esquema de beneficiamento. O produto de qualidade excepcional, que alcance um rendimento de 50 por cento de grãos inteiros, ou mais, na amostra analisada, não sofreria o processo de parboilização. O mesmo aconteceria com o arroz de péssima qualidade em termos de manchas, picadas de insetos e assim por diante. Já o grosso da produção, que é um arroz de boa qualidade mas muito quebrador, poderia aproveitar então as vantagens da parboilização. Assim, todos os produtores encontrariam uma boa compensação no beneficiamento, tanto faz se seu arroz será o branco ou o parboilizado.

# LIGAÇÃO DIRETA

"Estou feliz e agradecendo a Deus por isso", dizia seu Alarico Stumm, no dia 20 de junho, em meio à festa que se realizava na sua *Fazenda São José*, no distrito de Alto da União. É que, naquele dia, estava sendo oficialmente inaugurado o primeiro projeto de telefonia rural via rádio, implantado pela Cooperativa Central Gaúcha de Telecomunicações Rurais (CCGTEL), ligando 60 agricultores de Ijuí aos sistemas de Discagem Direta à Distância (DDD) e Discagem Direta Internacional (DDI).

A casa de seu Alarico estava cheia de gente, e até o ministro das Comunicações, Haroldo Corrêa de Mattos, e o Governador do Estado, Amaral de Souza, estavam lá. Eles vieram especialmente para a inauguração da linha, que foi realizada com uma ligação feita na casa de seu Alarico, pelo ministro Corrêa de Mattos, para o gabinete do ministro da Agricultura, em Brasília.

Na hora em que falavam os dois ministros, chegou a ligar-se o telefone a um altofalante para que todo mundo pudesse escutar a conversa. E todos ficaram admirados com a perfeição do som: era como se o ministro da Agricultura nem estivesse em Brasília, a quase três mil quilômetros de distância.



O ministro ao telefone: do Alto da União para Brasília.

— Agora, o produtor terá as informações corretas sobre as oscilações do mercado, enquanto os consumidores saberão rapidamente o que os meios produtores têm para lhes oferecer. O importante é que se acabe com o monopólio da informação", afirmou o ministro Corrêa de Mattos aos repórteres, depois que desligou o telefone.

## VELHO SONHO

De fato, com a inauguração deste primeiro projeto, começou a concretizar-se um velho sonho dos produtores: o de poder comunicar-se na hora com a cidade, a fim de saber ali mesmo, na sua propriedade, os preços do dia dos vários produtos.

Agora, só para dar um exemplo, os 60 assinantes da CCGTEL poderão, *sem sair de casa*, comunicar-se com a Cooperativa e liquidar uma safra inteira de soja, se o preço-dia na Bolsa de Chicago estiver favorável.

A história da telefonia rural começou em julho de 1976, quando nove cooperativas singulares reuniram-se em Ijuí e fundaram a CCGTEL. Somente o sistema cooperativista poderia implantar os telefones rurais em tão pouco tempo e a custos baixos, como aconteceu. Tudo isso porque a CRT (Companhia Riograndense de Telecomunicações), órgão do Governo do Estado encarregado dos telefones, calcula em Cr\$ 550 mil, aproximadamente, o custo de um aparelho na zona rural.

A CCGTEL, no entanto, por ser uma cooperativa, pôde reunir vários interessados em obter telefones rurais — e, com isso, os custos de cada aparelho ficaram menores. Neste primeiro projeto, por exemplo, cada telefone vai custar ao produtor a importância de Cr\$ . . . 170 mil.

O preço pode parecer alto demais, à primeira vista. Mas acontece que a CCGTEL conseguiu um financiamento do Badesul (Banco de Desenvolvimento da Região Sul), e os produtores terão 12 anos para pagar, com dois de carência, e juros de apenas 15 por cento ao ano. Dessa forma, no final das contas, a telefonia rural vai sair quase mais barata do que um telefone da cidade.

## OUTROS PROJETOS

Mas a coisa não fica só aí: até dezembro deste ano, a CCGTEL vai colocar em funcionamento mais 288 telefones, beneficiando produtores dos municípios de Ijuí, Cruz Alta, Panambi, Tapera, Não-Me-Toque e Carazinho, num projeto avaliado em Cr\$ 65 milhões, que o Badesul também vai financiar.

Além disso, a CCGTEL já está estudando a instalação do sistema de telefonia rural em seis outros municípios: Santo Ângelo, Dom Pedrito, São Borja, Júlio de Castilhos, Tupanciretã e Ibirubá.

A Cooperativa Central Gaúcha de Telecomunicações Rurais só não está fazendo mais porque encontra algumas dificuldades em obter financiamentos para seus projetos. Segundo Arnaldo Drews, presidente da CCGTEL, "se a participação oficial fosse mais ativa, nós poderíamos iniciar pelo menos mais 20 projetos, agora mesmo".

## TELEFONES COMUNITÁRIOS

Um dos grandes planos da CCGTEL, conforme salientou seu presidente, é a instalação de telefones comunitários. E ele explica porque:

— Não é todo o agricultor, naturalmente, que pode pagar este preço para ter um aparelho em casa. Mas nós

podemos criar os telefones comunitários, que seriam adquiridos pela comunidade, um grupo de 10 ou 15 pessoas. Seria necessário que o grupo escolhesse um dentre eles para ficar encarregado do telefone. Então, o aparelho ficaria na sua casa e ele se encarregaria de transmitir os recados ou chamar os outros, quando fosse o caso. E ficaria, também, com o compromisso de anotar as ligações e ir pagar a conta do telefone, depois que cada um pagasse as ligações que tivesse feito".

A instalação dos telefones comunitários seria, sem dúvida, de um grande alcance social, ainda mais se a gente lembrar que as cooperativas singulares filiadas à CCGTEL são basicamente formadas por pequenos agricultores, que não têm condições de, sozinhos, pagar o preço de um aparelho.

— O único problema, até agora, conta Drews, é que não existem muitas linhas de crédito para a telefonia rural, pelo menos por enquanto".

Outra preocupação dos dirigentes da CCGTEL é no que se refere à definição de



Seu Alarico está feliz

uma política oficial para a telefonia rural. Todos ainda se lembram do que aconteceu com a eletrificação: as cooperativas se uniram e criaram centrais para a eletrificação rural e, depois, o Governo mesmo criou empresas para isso, estabelecendo uma concorrência negativa.

Foi por isso que, na festa da inauguração, o presidente da CCGTEL, durante seu discurso, fez um apelo ao ministro Corrêa de Mattos:

— As cooperativas estão aí e podem fazer muito mais do que fazem. O que pedimos é o apoio e o incentivo das autoridades".

# MILGO E

## AGORA A OPÇÃO MAIS BARATA PARA O CONTROLE DO OÍDIO.

Não jogue dinheiro fora com problemas que não existem!  
Se o problema é oídio, gaste só o necessário para controlar o oídio.  
Milgo E é a alternativa econômica. Agora formulado no Brasil, Milgo E ficou mais barato para você. Inclua Milgo E e economize no seu programa de aplicações.

Milgo E garante maior produção desde que aplicado com cuidado. Sua ação orientada por pesquisas que apontam o oídio como a principal causa de perda de produtividade. Não se trata de uma doença, mas de um ataque que ocorre antes da maturação das plantas. Milgo E penetra rapidamente na folha, emulsificando o oídio e não é lavado por 15 dias. 20 dias. É líquido. Dispensa pré-mistura. Aplicação: 1 litro por hectare. Em aplicações terrestres: 30 a 300 litros de água/litro. Em aplicações aéreas: 20 a 30 litros de água/litro. Milgo E é compatível com outros inseticidas e fungicidas. Dispensa espalhador adesivo.

Departamento Agrícola

CIA. IMPERIAL DE INDÚSTRIAS QUÍMICAS DO BRASIL  
Av. Euzébio Matoso, 891 (Pinheiros), 05423, São Paulo, SP  
Tel: 232-9555 - Telex: 348455MIX  
Ca. Postal, 30377, 01000, São Paulo, SP.



**Mesa redonda**

# A QUESTÃO SINDICAL

*A partir do ano passado, em todas as grandes cidades do país, começou a crescer a importância do movimento sindical, cada vez mais unido em torno de reivindicações gerais para os trabalhadores urbanos. Os sindicatos do interior, principalmente aqueles ligados à atividade agrícola, porém, são os grandes ausentes desta mobilização sindical nacional. Foi buscando as razões dessa ausência que o Cotrijornal reuniu, em Ijuí, 18 dirigentes sindicais do interior gaúcho, representando as classes dos trabalhadores e dos empregadores rurais. Durante três horas, os dirigentes sindicais tentaram encontrar explicações para esta pergunta, num debate que se revelou interessante e altamente produtivo — segundo a opinião geral dos participantes. Nenhuma questão ficou sem resposta, e temas polêmicos, como a Reforma Agrária, a liberdade sindical e a união de trabalhadores rurais e urbanos, foram exaustivamente debatidos. Nas próximas quatro páginas, publicamos os principais trechos deste debate.*

**Cotrijornal** — Qual é o principal problema que os Sindicatos de Trabalhadores Rurais enfrentam hoje?

**Juvêncio** — Para mim, é a falta de união do povo. Esse é o maior problema.

**Carlinhos** — Um dos problemas que nós estamos sentindo hoje, é o próprio enquadramento sindical. Aí entra a questão do módulo rural como divisor, para fins de enquadramento, colocando pequenos agricultores — no caso, aqueles que têm mais de 25 hectares —, como empregadores rurais. Então, esse pessoal está deslocado da sua categoria. E, se considerarmos ainda a questão do cadastro do Incra, nós vamos encontrar gente com menos terra porque, no caso do produtor de hortigranjeiros, o módulo rural é menor, é de 4 hectares, na nossa região. Então, a questão do enquadramento sindical é, a nível de sindicato, um dos problemas mais sérios que nós estamos enfrentando.

Para agravar esta situação, entra, também, o problema do enquadramento previdenciário: pequenos agricultores que são considerados empregadores porque têm mais do que o módulo rural e, por isso, recebem do Funrural carnês de empregadores. Quer dizer, se mistura enquadramento

sindical com enquadramento previdenciário. Então, hoje tem gente que está devendo para o Funrural como empregador, estão atrasados, vão ter que pagar multa, juros e correção monetária e, na verdade, muitos nem sabem que são empregadores. Porque, segundo me parece, a palavra *empregador* já diz: aquele que trabalha com empregados.

Outro problema que a gente sente, dentro de um Sindicato de Trabalhadores Rurais, é porque nós estamos amarrados em duas pontas: uma, referente à própria autonomia sindical, porque estamos vinculados ao Ministério do Trabalho, através da CLT; e, a outra, é porque nós temos o assistencialismo dentro do sindicato, o Funrural. E isso dá uma confusão tremenda! Se a gente for até a base e fizer uma pesquisa junto aos associados do sindicato, nós vamos ver que metade ou mais confunde o que é sindicato e o que é Funrural. E são duas coisas completamente diferentes: o Funrural é para dar assistência ao trabalhador rural e o Sindicato deve ser um órgão de defesa, de orientação e de reivindicação.

Então, me parece, o Funrural veio anestesiando os próprios sindicatos, porque isso causa muita confusão no trabalhador



Carlinhos Karlinski — STR Ijuí

rural. Eu cito estes dois problemas como os maiores que o Sindicato enfrenta hoje. E existe um outro, muito mais grave, que é a questão da estrutura fundiária, porque nós estamos numa região onde o minifúndio predomina e o êxodo rural é grande. Este problema da estrutura fundiária é um dos que mais nos preocupa no momento.

**Franck** — Apenas complementando o Carlinhos, é do nosso conhecimento que está surgindo um movimento para a criação de uma terceira categoria. Ficaria então a dos empregadores, a dos pequenos proprietários e a dos empregados rurais. E isso deixaria um dos sindicatos — ou o dos pequenos produtores ou o dos trabalhadores — sem condições de se sustentar. Na região de Campanha, por exemplo, só o município de Bagé teria condições de sustentar os dois sindicatos. Eu acho que essa divisão viria muito em contrário às atuais aspirações dos trabalhadores rurais, porque nós enfraqueceríamos uma classe ou outra.

**Florício** — Lá em Dom Pedrito nós não teríamos condições de sustentar dois sindicatos, não teríamos número suficiente para isso.

**Franck** — Eu acho que nós teríamos que lutar contra essa divisão. Isso é fruto de uma pressão do norte e nordeste do país e nós temos que lutar aqui contra isso, para ver se não sai esta terceira categoria.

## Atualmente, todas as leis vêm de cima

**Carlinhos** — Eu acho que esta questão tem que ser estudada. Ninguém deve se precipitar e criar agora um novo sindicato mas, para o futuro, acho que isso pode ter alguma validade. Porque os pequenos agricultores estão se tornando assalariados, o número de assalariados permanentes, com a modernização da agricultura, está aumentando, e diminuindo o número de parceiros, arrendatários e de trabalhadores temporários. Mas, agora, isso que o Franck coloca, realmente, é uma preocupação, porque é difícil um município onde tenha um pequeno número de assalariados fundar um sindicato de empregados e outro de pequenos proprietários.

**Ottonelli** — Bem, com relação a isso, eu acho que futuramente vai ter que ser formada a categoria dos assalariados. A tendência é haver um entendimento entre o sul e o norte. Porque eles tem um problema sério, que é o bóia-fria.

**Cotrijornal** — E o sr. Kommers, que é empregador, como vê essa situação?

**Kommers** — Com relação ao enqua-

dramento sindical, realmente, eu acho que há certas injustiças. O que nós, empregadores, estamos encontrando como maior dificuldade, é com referência ao Funrural, o pagamento do carnê. Porque de 70 a 80 por cento dos nossos associados não legalizaram a sua situação, principalmente por falta de informação. Muita gente que não trabalha com empregados está enquadrada no Funrural como empregador e não sabe. E nos últimos três anos os valores devidos triplicaram, com multa, juros e correção monetária. Então, muitos agricultores não estão em condições de pagar estes impostos, a não ser que vendam um pedaço de terra.

**Cotrijornal** — Temos aqui situações bem distintas, de um sindicato para outro. Mas parece que há um problema comum, que é a falta de informação dos associados. Qual é a origem disso, porque existe esta falta de informação?

**Juvêncio** — Acho que a falta de informação é decorrente da falta de participação dos associados nas reuniões.

**Canísio** — Um dos motivos é a falta de participação. Mas eu também acho que há outro motivo: não existe sindicalismo no currículo escolar. Nós não aprendemos desde pequenos o que é um sindicato, e os pequenos de hoje continuam não aprendendo.

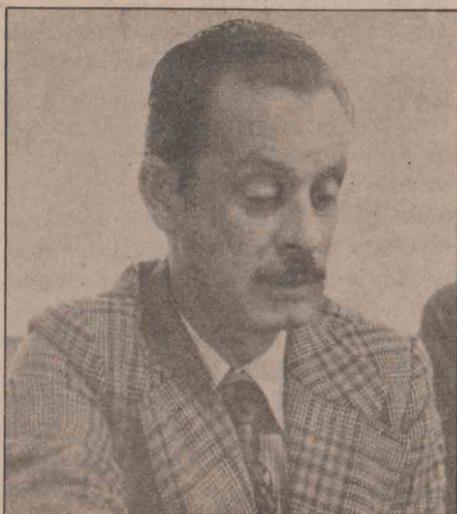
**Anatalino** — À primeira vista, parece que o culpado de tudo isso é o associado, o agricultor. Mas, na verdade, o que se constata por aí é que os órgãos que deveriam informar são os que menos informam.

**Franck** — Esta falta de interesse e de participação não é só com relação aos sindicatos. Em todas as entidades a gente está sentindo isso: cooperativas, igrejas, clubes, círculos de pais e mestres, todos se queixam do mesmo problema. E eu acho que tudo isso é decorrente do fato de que, atualmente, todas as leis vêm de cima, nenhuma foi reivindicada pelo trabalhador rural e quando são reivindicadas não são atendidas. Então, é lógico, isto provoca um afastamento. Começa a desaparecer o interesse do trabalhador na luta pelo seu sindicato e pelos seus direitos. Acho que este é um dos grandes erros que se comete e que vai se continuar cometendo. E outro problema: há uma divergência de leis e uma mudança muito freqüente. E todas elas de cima para baixo.

**Romeu** — Eu acho que este despreparo está lá, dentro do próprio órgão. Você chega ao Funrural, e nem eles sabem explicar. Eles estão criando uma confusão que é exatamente para angariar mais dinheiro.

**Cotrijornal** — O que os empregadores têm a dizer sobre essa confusão causada pelas leis e sobre o fato delas virem sempre de cima para baixo?

**Bicca** — Isso aí é uma constatação



Abu Souto Bicca — SR Dom Pedrito

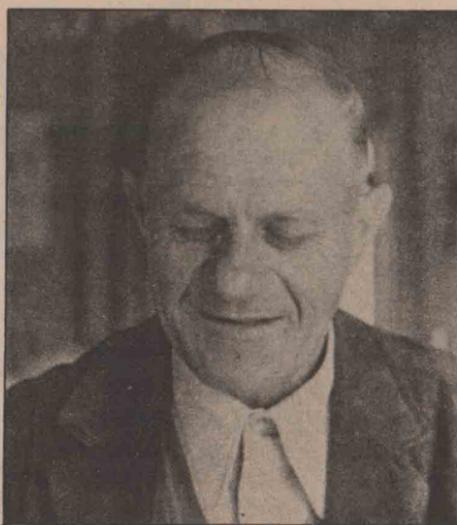
diária. Quase todos os problemas que se leva aos agentes desses órgãos não encontra solução. As soluções ficam pendentes um ano, dois anos, indefinidamente. E não se consegue nem uma orientação de procedimento. Ainda tem mais isso: além da falta de soluções para os casos, não se tem um caminho a seguir.

**Cotrijornal** — O que se constata, então, é que o envolvimento com o Funrural e a Previdência Social traz muita confusão para os sindicatos. A prestação destes serviços de assistência médica e previdenciária não deveria ser atribuição de outros órgãos, que não os sindicatos?

**Casali** — Isso foi feito para provocar um esvaziamento. Quando o Sindicato foi criado, aqui na nossa região, por volta de 62, 63, o povo agricultor esperava muita coisa, principalmente quando se falava em Reforma Agrária. Nessa época, o agricultor participava efetivamente, qualquer reunião tinha 50, 60 e até 100 pessoas. Mas, depois, como as coisas não ocorriam como todos esperavam, e mesmo as leis começaram a vir de cima para baixo, então parece que o agricultor foi perdendo aquele entusiasmo. E como o Sindicalismo obteve poucas vitórias, então o povo meio que se desanimou. Esse enquadramento sindical veio ajudar isso, porque o agricultor não sabia mais se pertencia ao sindicato dos trabalhadores ou ao sindicato patronal. Toda essa jogada contribuiu para que o povo agricultor ficasse confuso e se dividisse.

**Cotrijornal** — Antigamente, então, as reuniões tinham um bom comparecimento. E depois vieram leis confusas, que dividiram a população rural. Qual terá sido o objetivo dessas leis e com que interesses elas foram baixadas, já que não partiram de reivindicação dos agricultores?

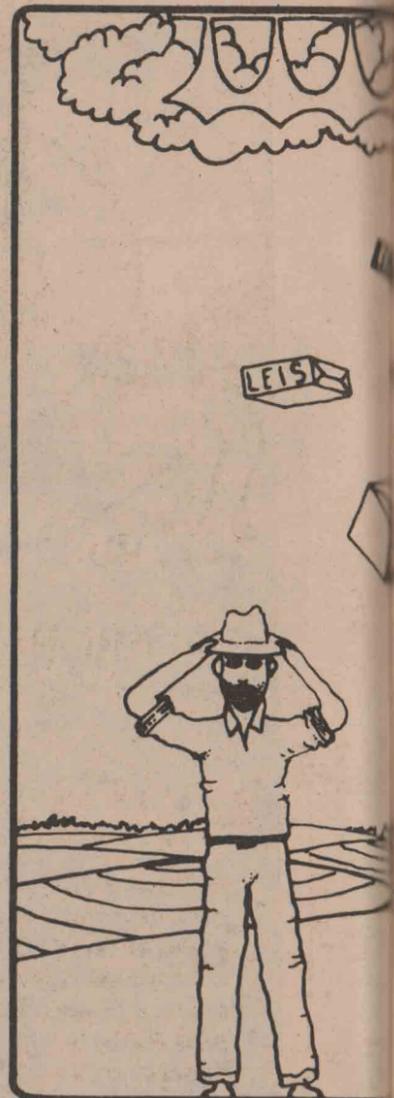
**Casali** — Eu acho que essas leis foram baixadas por pessoas que queriam evitar uma conquista do povo agricultor.



Reinholdo Kommers — SR Ijuí

**Carlinhos** — Com relação aos objetivos dessas leis, para mim está bastante claro que foi esvaziar os sindicatos. Havia um clima de organização e de pressão, principalmente com relação ao problema terra, que foi muito sentido quando da criação dos sindicatos e foi uma das primeiras mobilizações da categoria. O Funrural foi criado a partir de uma reivindicação do próprio agricultor, porque o trabalhador urbano tinha assistência e o trabalhador rural não tinha. Agora, a maneira como veio e continua vindo até hoje esse Funrural é que é o grande ponto, a grande dúvida. Porque, se não me engano, em 65 começaram as contribuições e depois vieram os benefícios. Mas vieram por dentro dos sindicatos, mediante convênio, e isso só trouxe problemas.

Eu tomo como exemplo o sindicato aqui de Ijuí. Nós fizemos um levantamento

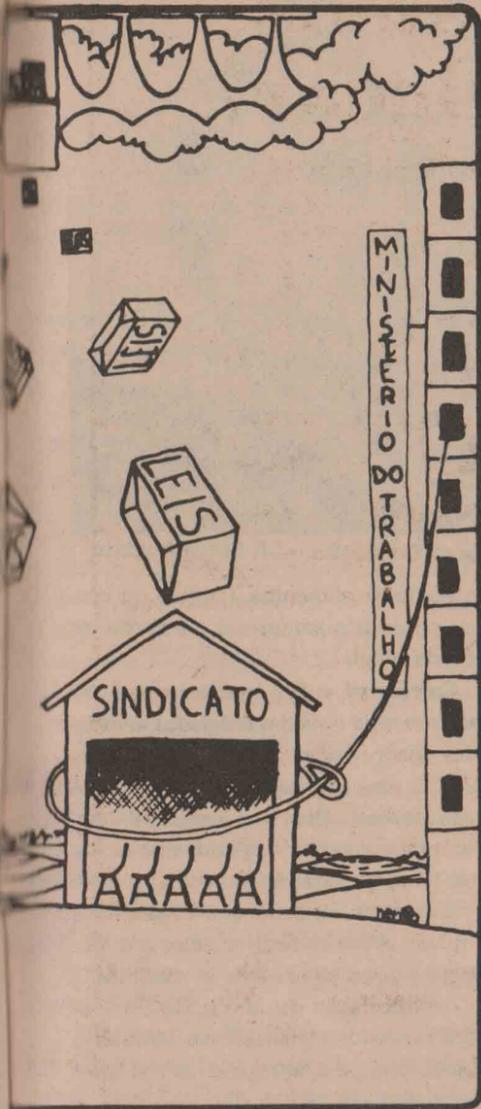


## Metade da terra no Brasil não tem documentos

referente aos atendimentos do mês maio: para os dois gabinetes dentários e para o ambulatório médico, veio Cr\$ 43 mil, uns quebrados, do Funrural. E o Sindicato gastou, só no mês de maio, com o Funrural, Cr\$ 80 mil, um pouco mais. E não considero água, luz etc. Quer dizer, 100 por cento que nós pagamos, o Funrural contribui com apenas 50 por cento, e outros 50 por cento sai da mensalidade de renda sindical. E como a assistência é deficiente, o associado reclama muito. Me parece que a intenção é clara: "Vamos dar assistência dentro do sindicato, porque a assistência é deficiente, e a briga fica ali dentro". Enquanto isso, os outros problemas seriam vindicar uma mexida na estrutura fundiária do país que, na minha opinião, é a raiz de todo o problema.

Se nós analisarmos a estrutura fundiária do país, vamos ver que o Brasil tem 856 milhões de hectares e só 480 milhões estão titulados, tem algum documento, seja, quase a metade da terra no Brasil não tem nem documento. E desses 480 milhões que são titulados, apenas 280 milhões são explorados, quer dizer, tem 200 milhões de hectares de terra que nem explorados são.

Então, vamos voltar à questão da contribuição do Funrural, que são 2,5 por cento sobre toda a produção agrícola brasileira. Se nós tivéssemos todas as terras do Brasil exploradas, quanto não dava de cursos? Agora, se tivermos multinacionais invadindo grandes áreas de terra, grandes econômicos industriais comprando a terra inclusive visando a especulação imobiliária como acontece, então nós vamos ver



2,5 ou até 3 por cento de contribuição não vão resolver o problema. O problema todo é produzir, porque aí vão haver recursos para distribuir depois.

**Cotrijornal** — O Carlinhos diz que a estrutura fundiária é a raiz de todos os problemas. Qual é a opinião dos demais presidentes de sindicatos sobre isso?

**Romeu** — É, o problema todo está na estrutura fundiária do país. E isso, inclusive, está criando problemas para todos, porque o nosso trabalhador rural não está mais conseguindo se manter, então vende a terra e vai para as cidades e aí agravam-se os problemas da população que vive nas cidades. Então, eu acho que enquanto não mexer na estrutura mesmo, não vão se resolver os problemas nunca.

Para mim, o primeiro passo que deveria ser dado é fazer com que o pessoal entenda o que é uma Reforma Agrária. Precisamos mudar aquela imagem de que Reforma Agrária é tomar a terra e dar para quem não tem terra, eu acho que esta é a nossa luta, é começar pela raiz. Explicar para o trabalhador que isso não é verdade, que o nosso movimento nunca quis e nem nunca vai querer tomar terra de quem tem terra.



Frederico Casali — STR Ijuí

E, em segundo lugar, o nosso movimento nunca quer terra dada. As terras que nós achamos que devem ser distribuídas são essas terras que não estão sendo exploradas, terras que, como disse o Carlinhos, estão nas mãos das multinacionais, prejudicando o nosso trabalhador.

Então nós precisamos conscientizar, primeiro, o nosso trabalhador de que Reforma Agrária é pagar o justo valor para aquele que tem a terra e, então sim, partir para redistribuição, através de vendas com crédito fundiário. Só isso seria a Reforma Agrária.

Nós precisamos mostrar ao nosso trabalhador os dados da realidade fundiária brasileira, e dizer para ele então qual é a Reforma Agrária que o país precisa, para que não tenha mais conflitos entre empregados e empregadores, e que todos tenham condições de viver, porque o país é grande, tem terra para todo mundo. Não há porque uns não quererem a Reforma Agrária. Porque, sem ela, nós só vamos dar um calmanete para a doença.

**Cotrijornal** — O que os empregadores têm a dizer sobre isso?

**Nerci** — Eu não sou contra a Reforma, sou a favor. Mas acho que teria que por a terra em usufruto. Porque nós temos um exemplo, lá em Santo Augusto, na terra dos índios, onde foram distribuídos 50 e poucos lotes e me parece que hoje só tem três. O resto tudo vendeu. Hoje em dia, tem granjeiros ali ao lado que têm cento e tantos hectares de terra comprados dos colonos...

**Romeu** — É porque esse pessoal não estava preparado para receber a terra... Agora, se eles venderam para melhorar de vida, se eles conseguiram melhorar seu nível de vida, então, tudo bem! Essa foi uma das questões que nós debatemos no nosso 3º Congresso, em Brasília. A pergunta é: quem é que deve ter terra? Claro que não vai ser o aventureiro, tem que ser uma pessoa que saiba usar a terra.

**Nerci** — Mas esse pessoal que eu falei tinha condições...

## O primeiro passo é explicar a Reforma Agrária

**Romeu** — Não, mas eu já frisei antes, eu acho que a nossa gente *ainda não* está preparada, ainda agora, para receber a terra, e o senhor está falando sobre um episódio já acontecido, quando, na minha opinião, estavam muito menos preparados ainda. Então vem o que eu disse: primeiro, nós precisamos mexer na raiz, preparar a nossa gente, mostrar da necessidade que ele tem de ter um pedaço de terra para produzir para o país e para a família dele. Eu concordo com o senhor e por isso eu disse: antes que venha Reforma Agrária, nós precisamos conscientizar a nossa gente. E não querer que uma Reforma venha de repente, de cima para baixo, porque essa também vai desmoronar e não vai funcionar...

**Nerci** — Porque eu não sou contra a Reforma Agrária, sou a favor. Mas a única coisa que eu acho que deve ser cuidada é o problema da venda, porque senão eles ficam sem terra, como antes.

**Kommers** — Eu concordo que realmente a estrutura fundiária do país traz problemas. Agora, nós temos que pensar nos agricultores e filho de agricultores que tenham condições de trabalhar. Seria muito



Olderige Bertol — STR Ten. Portela

interessante que as cooperativas, por exemplo, em convênio com o Governo, organizassem esta distribuição. Que pegassem uma área grande e procurassem colocar lá aqueles que mais necessitam da terra. Agora, por outro lado, está para ser posta em vigor uma nova lei do Incra, que diz que toda a terra improdutivo no país vai ser tributada pelo seu valor. Então, automaticamente, obrigará o proprietário a utilizar ou então arrendar a terra. Se essa lei entrar em vigor, já será um grande passo para a Reforma Agrária.

**Romeu** — Mas aí tem um problema. O sr. sabe, os financiamentos são fáceis e uma máquina substitui um monte de gente. Então, no momento em que o grande proprietário, o latifundiário, for obrigado a colocar novos cultivares, ele bota lá três, quatro ou cinco tratores, dá emprego para quatro ou cinco e continuam os milhares, novamente, sem terra. Eu não vejo, com essa lei, a solução. Acho que é mais um comprimido contra a dor, mas não contra a doença.

**Cotrijornal** — Os representantes das duas classes aqui presentes concordam com o fato de que a estrutura fundiária é a causa de muitos problemas. Mas discordam na maneira que cada um tem para solucionar o problema: um acha que a tributação pode resolver, outro acha que só a distribuição efetiva da terra é a solução. Então, nós perguntamos: como seria a Reforma Agrária de cada um?

**Romeu** — Eu acho que, em primeiro lugar, é preparar o trabalhador, para ele entender primeiro o que é uma Reforma Agrária. Em segundo lugar, seria fazer um cadastro de todas as terras disponíveis no país, terras que estão improdutivas, e ver quanta terra está nas mãos das multinacionais e outros grandes grupos que não a usam, estão com a terra somente para valorizar, para amanhã ou depois vender. Depois, cadastrar todos os trabalhadores, com a participação dos sindicatos — porque o sindicato não vai pegar aquele fulano lá na cidade, o sindicato vai pegar o filho do trabalhador rural, vai pegar aquela família numerosa.

Quarto, depois de feito o cadastro das terras disponíveis, improdutivas, e depois do cadastro dos trabalhadores, seria feita a desapropriação dessas terras, que seriam pagas — porque, seja de multinacional ou de quem for, eu acho que todos tem o direito de receber o justo valor da terra. Depois, o trabalhador receberia o crédito fundiário em dez, quinze anos, para pagar essa terra. Todo aquele trabalhador que não quiser produzir na sua terra, vai perder a terra. Isso, inclusive, consta da nossa reivindicação no 3º Congresso. Então, se ele não cultivasse 70 por cento da terra destinada à agricultura (fora o previsto em lei para reflorestamento), ele perderia a terra...

**Nerci** — E teria que por uma cláusula proibindo ele de vender a terra para um terceiro...

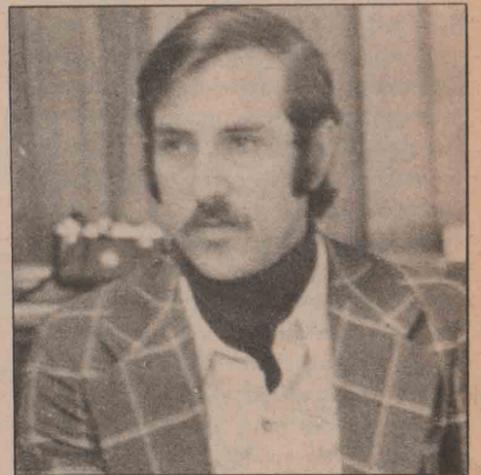
**Romeu** — Mas olhe, meu amigo, se o trabalhador rural chega a conseguir terra, se ele é um verdadeiro trabalhador rural, não precisa de lei nenhuma para não vender porque ele não vende, ele está lutando para conseguir a terra!

**Nerci** — Mas aqueles lá de Santo Augusto brigaram para conseguir a terra...

**Romeu** — Mas, como eu já disse, não foi feito com eles um trabalho de conscientização. Porque se aparecer um negócio bom para ele, amanhã ou depois, dentro da nossa Constituição ainda não existe isso de que aquele trabalhador é obrigado a ficar sempre em cima daquele pedaço...

**Franck** — Nós temos o exemplo desses colonos que foram expulsos da área indígena de Nonoai e foram para Bagé. Eram 140 famílias que receberam lotes lá. E eles não foram conscientizados. Pura e simplesmente, por uma obrigação social do Governo, pegaram e botaram eles lá dentro. Então, a Cooperativa Mista Central Ltda., de Bagé, fez um contrato com o Governo, onde tem uma cláusula de que essas pessoas só podem vender as terras após 15 anos. A Cooperativa se responsabiliza nestes termos. Então, o que aconteceu? Das 140 famílias, na hora em que souberam disso, ficaram só 105, os outros se mandaram. Então, o que se vê é que essas 105 famílias eram realmente agricultores, estavam conscientes. Eles aceitaram só vender essas terras após 15 anos. E aqueles que não aceitarem são obrigados a repassar estas terras novamente à Cooperativa, e a cooperativa reassenta novos colonos.

**Romeu** — Mas, então, se tivesse sido feito um trabalho, um levantamento antes, esses que correram já nem teriam ido...



Romeu Winck — STR Braga

**Franck** — Exato, já nem teriam ido. E isso eu acho que é um exemplo: como os colonos estavam lá no Parque de Esteio e precisavam sair por causa da Exposição, simplesmente pegaram uns ônibus e mandaram todos para Bagé.

**Cotrijornal** — E na sua opinião, qual seria o modelo de Reforma Agrária?

**Franck** — Eu acho que isso é um exemplo. Mas, lógico, começando com a conscientização, com o trabalho de base, que é fundamental. Então, esses colonos seriam conscientizados: o que é uma Reforma Agrária, como seria feita, quais os compromissos que eles assumiriam, inclusive a parte técnica. Porque esses colonos todos estão assistidos pela Emater e pela Cooperativa. Eles nada podem fazer, a não ser dentro da técnica. A Cooperativa assumiu toda a responsabilidade.

Essas terras foram financiadas, são 13 anos, com três de carência, se não me engano. Todos vão receber 10 vacas de leite, casa, galpão, aramado, tudo à base de Cr\$ 500

mil. E a cooperativa dá toda a assistência técnica, financeira, etc. Inclusive, eles vão ter que se moldar ao ambiente: o camaráda vai ser agricultor mesmo ou vai cair fora.

**Carlinhos** — Bem, pelo que se falou aí já há até projetos encaminhados e idéias sobre a Reforma Agrária, como é o caso de Bagé. Eu fico um pouco animado e também um pouco preocupado com o outro lado da questão. Porque os anti Reforma Agrária, os que são contra a Reforma Agrária sempre usam certos argumentos: por exemplo, no caso de Bagé, foram 140 famílias e ficaram 105, 35 debandaram. Então, os contra Reforma Agrária usam estes 35 para dizer: "Está vendo?, não adianta fazer a Reforma Agrária, não adianta distribuir terra, eles são uns vadios, o pessoal não quer nada com nada". Mas o outro lado também anima: essas 105 famílias mostram que é possível, que tendo a terra eles vão produzir para o seu sustento e para alimentar outras pessoas.

Agora, o meu modelo, a minha opi-



— Anatalino dos Santos — STR Ijuí —

nião, é de que a Reforma Agrária deve vir com outras reformas. Já foi dito aqui da necessidade de conscientização e educação. Depois, tem o próprio modelo econômico, esse que, de 68 para cá, começou a incentivar mais a produção para exportação e isso contribuiu para a situação atual. De 1970 a 1975, os agricultores com propriedades até 50 hectares, perderam 900 mil hectares, isto é, diminuíram. E os que tinham área maior do que mil hectares concentraram, em cinco anos, 20 milhões de hectares de terra. Quer dizer, não adianta fazer uma reforma assim por cima, acho que isso foi frisado aqui: tem que ter todo um acompanhamento, tem que surgir também outras reformas. Porque não adianta dar um pedaço de terra e não mudar o modelo. Porque, dentro de um modelo exportador como o nosso, o agricultor não tem condições de concorrer com os que têm grandes áreas.

Então, o próprio crédito é questionável, nessa altura dos acontecimentos, porque estão dando, como é o caso do trigo, este ano, mais do que o necessário. Eu questiono Cr\$ 2 mil e 500 para tratos culturais. É claro, também o grande produtor está descapitalizado, com estas frustrações. Mas, em anos normais, este crédito abundante só vai favorecer para concentrar a propriedade da terra. Se vocês forem ver o cadastro de terra nos últimos 8 anos, o pequeno agricultor se desfez de terra, vendeu. E quem comprou não foi o outro pequeno, que também precisa de terra. Foi o grande proprietário quem comprou e ficou com uma área maior ainda.

**Nerci** — Pois é por isso que eu digo que é preciso proibir a venda. Lá em Santo Augusto, quem comprou a terra foi o grande que estava ao lado...

## O Inkra limita um mínimo. Porque não limita o máximo?

**Romeu** — Bem, mas porque não limitar? Acho que se o Inkra limita o mínimo, deve também limitar o máximo. Porque só apertar o sapato do pequeno e não apertar a bota do grande? Assim, se um grande completou a sua quota, não pode comprar mais, só pode comprar um outro que precisa da terra para produzir e que ainda não completou a sua quota. Aquele primeiro se está sobrando dinheiro, que vá aplicar em outras áreas, na cidade, por exemplo...

**Cotrijornal** — Parece que todos concordam com a necessidade da Reforma Agrária, mas há divergências de como ela seria. Uns falam em trabalho de base, limitação de máximo de terras, outro fala de outras mudanças, como a do próprio modelo econômico, e outro fala, ainda, na proibição da venda da terra que foi distribuída. Tudo isso nos leva à outra questão: como administrar a Reforma Agrária. Qual seria o papel dos sindicatos nesse trabalho?

**Romeu** — Os sindicatos participariam no levantamento de quem é que tem condições de trabalhar a terra. Fariam um cadastro, dentro do município, dos filhos de agricultores que não têm terra, do trabalhador que têm muito pouca terra, que não tem condições de sobrevivência em dois, três, cinco hectares. Também no trabalho de base. Aí vem todo o trabalho do sindicato. Porque as autoridades teriam que consultar as bases, e não fazer uma reforma de cima para baixo. Então, a participação do sindicato seria total, do princípio ao fim. Outra coisa, é mudar esta imagem da Reforma Agrária. Isto aí eu acho muito fundamental que o sindicato faça.

**Kommers** — Agora, uma das coisas principais que eu acho é o crédito fundiário. Porque o agricultor que tem 10 hectares, por exemplo, não tem condições para aumentar a sua terra. Se o Banco financia sementes, adubos e máquinas, porque não financiar também a terra?

**Franck** — Certo, mas o crédito fundiário deve ser limitado até uma certa faixa, para *xis* hectares...

**Romeu** — E tem outra coisa: tem que ser um crédito grande, que dê para resolver o problema, e não um crédito numa faixa pequena, que resolva o problema de uma meia dúzia. Porque, senão, é mais um comprimido para o câncer...

**Carlinhos** — Acho que a participação dos sindicatos é elemento fundamental. Agora, isso aí se liga com a questão da própria liberdade e autonomia sindical. Por exemplo, o Inkra está aí e se mostrou inoperante. Já provou que, apesar de se chamar Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, não quer fazer Reforma Agrária nenhuma, é manobrado pelo grande latifúndio.

E há outros casos, como o do recente Pacote Agrícola. Quem é que se reúne? É um Conselho Monetário Nacional, e decide as coisas sem a participação dos trabalhadores e produtores rurais. Então me parece que para se mexer num problema sério, como é a estrutura fundiária, teria que haver um fortalecimento dos sindicatos, eles teriam que ser ouvidos, até teriam que ser incluídos dentro de um órgão como o Inkra, como um elemento de peso lá den-

tro. Através de suas entidades de classe, os trabalhadores estariam representados lá dentro.

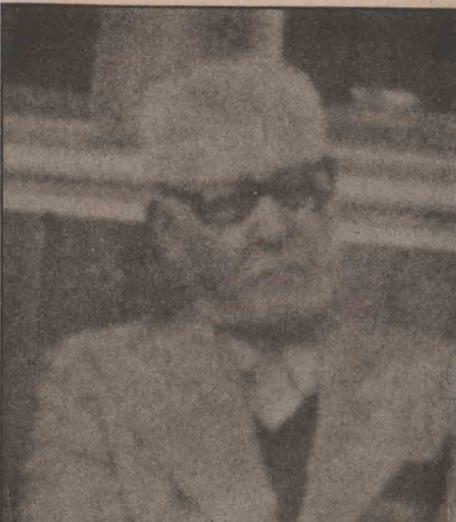
A gente poderia fazer um levantamento, mas eu acho que mesmo os dados do Inkra já servem para se constatar a necessidade de mexer na estrutura fundiária: são 8 milhões de assalariados, temporários e permanentes; 2 milhões e 500 mil famílias de pequenos proprietários; posseiros, arrendatários e parceiros, mais 2 milhões. Em 1976, por exemplo, a tributação do Imposto Territorial Rural era assim: os de menos de 10 hectares, pagavam Cr\$ . . . . 17,10 por hectare; e os que tem área maior do que 10 mil hectares, pagavam Cr\$ 1,10 por hectare!

Quer dizer, tem de haver uma reforma muito grande, porque, até aqui, o privilégio é sempre dos que tem grandes áreas de terra. Então, eu acho que a pressão tributária poderia funcionar. Mas está claro, o próprio Governo diz isso: ele não quer a Reforma Agrária. Então, isso me preocupa um pouco, porque as experiências que a gente têm por aí são um pouco amargas. O Governo só cedeu onde tem grande tensão social, como é o caso dos colonos que estavam no Parque de Exposições de Esteio denunciando isso para todo mundo.

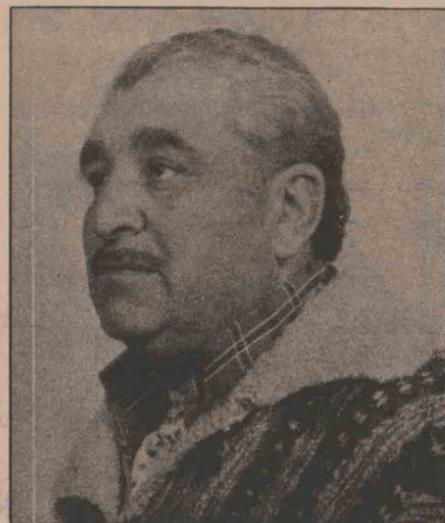
Temos outros exemplos, como no Mato Grosso, onde há 60 casos de tensão social em 17 municípios. Tem mais de 50 mil pessoas envolvidas em conflitos de terra em três estados, Maranhão, Mato Grosso e Bahia. Quer dizer, 50 mil pessoas não é muito, mas, se vamos analisar, é o município de Ijuí todo! Será que a colonização vai resolver isso? Eu me preocupo com a própria segurança, acho que na cidade o pessoal não está tranquilo.

## A liberdade sindical deve ser conquistada

**Franck** — E tem outra coisa, relacionada com aquilo que tu falaste no início, sobre a agricultura de exportação. Aqui no Rio Grande temos soja e trigo, soja e trigo e nada mais. A Reforma Agrária iria acabar com isso. Parece mentira, mas nós importamos a maioria do milho que consumimos, estamos importando alho — é uma pouca vergonha até falar nisso —, estamos importando muito arroz, feijão. Então, a Reforma Agrária traria isso: maior diversificação de culturas. Por incrível que pareça, nós importando tudo isso e o nosso povo, morrendo de fome... A Reforma Agrária não traria benefícios só para o interior mas também para a cidade, porque iria aumen-



Juvêncio Pedrosa — STR Tupanciretã



Nerci Conceição — SR Santo Augusto

tar a oferta de alimentos. Porque, do contrário, o que nós vamos dar de comer ao pessoal da cidade?

**Cotrijornal** — Foi levantado aqui que o sindicato seria uma das entidades mais indicadas para "administrar" a Reforma Agrária. E isso pressupõe autonomia e liberdade sindical. Qual é a margem de manobra, qual é a autonomia atual que os sindicatos têm para fazer isso?

**Romeu** — Eu acho que é necessária uma maior abertura sindical, como o Governo têm prometido. Nós já pedimos a nossa desvinculação do Ministério do Trabalho e posterior vinculação ao Ministério da Agricultura. Eu acho que isso já seria um passo importante.

**Carlinhos** — Essa desvinculação tem que ser principalmente na parte burocrática. Por exemplo, o sindicato faz uma assembléia e tem que cumprir à risca o que o Ministério do Trabalho impõe. Assim são as eleições dos sindicatos, que dá um processo violento. Dois terços dos associados tem que votar, tem que mandar o nome dos associados em condições de votar, tem que mandar depois a ata para o Ministério do Trabalho, é uma burocracia tremenda, que envolve muito o sindicato.

**Otonelli** — E olhe que aqui no Sul a coisa ainda é melhor. Porque diz que lá no Nordeste até os antecedentes da esposa do candidato têm que ser enviados ao Ministério do Trabalho...

**Carlinhos** — Essa desvinculação tem que acontecer e, é claro, ela não vai ser dada pelo Governo, tem que ser uma conquista dos trabalhadores, vamos ter que suar muito para conseguir isso. Porque o próprio associado do sindicato, indiretamente, está cadastrado no Ministério do Trabalho. É uma condição, tem que mandar o nome de todos.

**Kommers** — Os empregadores também se envolvem com a mesma burocracia, é o mesmo problema dos dois terços...

**Carlinhos** — Essa convocação dos dois terços é uma dificuldade, quase não se consegue...

**Franck** — Quando se termina um processo de eleição tem que começar o outro, logo... As listagens são muito complicadas, tem que ser em ordem alfabética.

**Cotrijornal** — Os sindicatos dos empregadores também acham necessária essa desvinculação?

**Kommers** — Sim. Nós temos essa mesma burocracia, é para todo mundo.

**Canísio** — E tem também o problema econômico. Qualquer 20 cruzeiros, qualquer quantia um pouco maior, recebida como doação, por exemplo, tem que ser pedida a licença ao Ministério e demora bastante. A própria renda sindical, também. Quer dizer, a Assembléia é soberana mas tem

que pedir licença ao Ministério do Trabalho, para depois voltar, é uma complicação . . .

**Franck** — A Assembléia tem o nome de soberana, é para ser soberana, mas . . .

**Carlinhos** — É engraçado: a Assembléia é soberana mas não decide, porque se não cumprir o que o Ministério do Trabalho diz, já não vale . . .

**Cotrijornal** — Carlinhos diz que a desvinculação não vai ser dada pelo Governo, teria que ser conquistada. Como aconteceria isso?

**Carlinhos** — Acho que isso só será conquistado com a participação do trabalhador, na medida em que formos debater com ele a questão da autonomia sindical. Porque nós estamos falando muito em liberdade sindical, mas eu acho que isto está muito na nossa cabeça. O agricultor não está sentindo e não sabe que o sindicato tem todas estas dificuldades. E como isso não vai ser dado, vai ter que ser conquistado com uma certa pressão.

Então, eu vejo na mobilização da classe a única maneira de pressionar. E aí teríamos que reunir sindicatos de trabalhadores rurais, sindicatos rurais, sindicatos de trabalhadores urbanos . . . Teria que ser uma mobilização geral, neste sentido. Se não, nós não vamos conseguir nada.

**Cotrijornal** — Seria o caso de uma Central Sindical?

**Carlinhos** — Eu vejo que isso é uma das maneiras de ter força, de fazer pressão. Agora, para isso tem que haver uma certa preparação também. Nós temos os trabalhadores rurais ainda despreparados, não estão discutindo nem a situação de seu próprio sindicato. Então, eu acho que tem que haver uma preparação mais geral, uma preparação de base. Agora, não há dúvida, uma Central Sindical faz tremer, faz cho-ver . . .



Florício Barreto — STR Dom Pedrito

**Romeu** — Eu acho que se esta Central surgisse agora, de um momento para o outro, seria mais uma coisa criada de cima para baixo. Eu acho que ainda não é hora de se criar isso. Eu acho que é hora da gente começar a estudar isso com a participação do trabalhador . . .

**Franck** — Eu acho que antes da Central Sindical, seria necessário que as autoridades nos ouvissem mais, dessem mais atenção às nossas reivindicações . . .

**Canísio** — É, esse seria o primeiro passo.

**Carlinhos** — Eu acho que a coisa é um pouco inversa. As autoridades não estão dando muito ouvido. Então, acho que através de uma Central . . .

**Cotrijornal** — O Carlinhos falou em mobilização geral, de união dos trabalhadores urbanos e rurais. E isso lembra uma questão que está sendo muito discutida atualmente, principalmente nas grandes ci-

dades, que é o chamado PT — Partido dos Trabalhadores, que nasceu de encontros e discussões entre alguns dirigentes sindicais urbanos. O que os sindicatos de trabalhadores rurais pensam disso e que tipo de contribuição poderiam dar ao chamado Partido dos Trabalhadores?

**Franck** — Se os trabalhadores rurais se aliassem a este partido, logicamente ficariam alheios, novamente, porque seriam eleitos candidatos dos meios urbanos. Jamais seriam eleitos candidatos do meio rural, porque os trabalhadores do meio urbano são maioria. Então, seria inútil isso.

**Cotrijornal** — O sr. acha que os interesses dos trabalhadores urbanos são diferentes dos interesses dos trabalhadores rurais?

**Franck** — Totalmente.

**Bertol** — Eu também acho, são totalmente diferentes. São dois extremos.

**Franck** — Claro, nós vamos pelo lado da produção e eles têm que ir pelo lado do consumo.

## Um Partido de Trabalhadores vai dar um susto

**Carlinhos** — Eu vejo a coisa de um outro aspecto. Me parece que a situação do trabalhador rural, assalariado ou pequeno proprietário, se identifica em muitos pontos com a do operário, por exemplo. Eu acho que essa questão precisa ser melhor analisada, essa questão do PT. Porque me parece que um partido formado por trabalhadores *mesmo* — não como muitos aí que se dizem trabalhistas mas que, na verdade, usam o trabalhador —, então me parece que um partido do trabalhador, que tenha trabalhador na frente, gente que tem experiência e que viveu toda uma luta sacrificada, que não vai enganar o próprio trabalhador, acho que seria uma força.

É claro que o operário urbano, o metalúrgico paulista, por exemplo, está muito mais consciente, é um cara que está sentindo mais na carne todos os problemas. E o trabalhador rural, nesse ponto, eu noto que ele é muito mais conservador, inclusive. Mas eu entendo que é importante a gente começar a se preocupar com isso. Inclusive porque a gente precisa ter as coisas claras, porque se nós não nos preocuparmos está sujeito a sair o partido e nós ficarmos num mato sem cachorro. Que não aconteça o que tem acontecido até agora: na hora da campanha o trabalhador é lembrado, é carregado na palma da mão, mas depois é esquecido. Por exemplo, o enquadramento



José Franck — STR Bagé

sindical foi aprovado pelo Congresso Nacional! E a gente pergunta: o trabalhador estava presente lá? O trabalhador rural, principalmente, que sempre elege seus representantes e é usado esteve lá? O deputado ou senador, na hora das votações, sempre vota em função dos seus interesses e não em função dos que o elegeram.



Canísio Welter — STR São Martinho

**Romeu** — E na atual estrutura política, as coisas não acontecem. Nós temos o exemplo do sr. Kommers, que está presente. Ele foi candidato numa região muito grande, era um rurícola, mas, em função da estrutura política, não conseguiu se eleger. E também o caso do nosso colega Suzin, de Caxias do Sul, que não se elegeu. Mas porque? Porque, com atual estrutura política, muitas vezes pessoas altamente qualificadas acabam rodando da petição. Então, eu acho que dá para pensar neste partido. E pensar seriamente. Porque, nós, pensando ou não pensando, talvez surja o partido. E se nós estivermos despreparados . . . Porque nós temos que pensar numa maneira de colocar representantes nossos, acho que temos que fazer isso.

**Otonelli** — A política para nós, agricultores, hoje, é uma palhaçada, a gente não consegue nada! Há um pequeno grupinho lá que tem acesso, que consegue alguma coisa, mas o pequeno agricultor não consegue nada. Então, não dá para aceitar mais essa estrutura política. E eu acho que um Partido dos Trabalhadores vai dar um susto no pessoal, vai agrupar um número maior de pessoas.

**Cotrijornal** — Foi dito aqui que a união dos trabalhadores rurais e urbanos em um mesmo partido, por exemplo, seria prejudicial aos homens do interior, uma vez que os interesses das duas categorias não são os mesmos. No entanto, o Carlinhos diz que a situação dos dois, em muitos casos, é parecida. Até que ponto, de fato, os interesses dos trabalhadores urbanos e rurais são diferentes?

**Romeu** — Eu acho que não são diferentes, acho que são praticamente iguais. O que está havendo são os atravessadores, que não aparecem. Realmente, o produtor está recebendo pouco e o consumidor está pagando muito, porque o lucro mesmo está ficando na mão daquele que não aparece, o atravessador. Então, eu acho que existe uma identificação entre os interesses dos trabalhadores rurais e urbanos. Porque, quem é que está sofrendo? Não são o consumidor e o produtor? São esses. Então, enquanto esta política for voltada para a exportação, este problema vai continuar. Mas quando pensarmos em produzir primeiro para nós mesmos, para os brasileiros, e conseguirmos tirar os atravessadores, então a coisa vai melhorar.

**Juvêncio** — Mas será que depois des-

sa união, em torno desse partido, os representantes não vão esquecer o povo de novo?

**Carlinhos** — Acho que é uma questão de consciência. Se os representantes eleitos tiverem o compromisso de ouvirem os trabalhadores . . . Agora, me parece que isso também tem a ver conosco. O eleitorado não pode simplesmente eleger um cara e deixar as coisas por aí, como está acontecendo agora. O próprio eleitor que vota vai ter que cobrar depois do seu candidato. Neste sentido, se o candidato é um trabalhador, me parece que ele tem mais condições de não se dobrar a este sistema que está aí, não é? Ele continua ligado à sua origem.

**Juvêncio** — Eu ainda acho que pode haver um conflito entre as duas classes.

**Franck** — É, o trabalhador urbano é maioria e o trabalhador rural é minoria . . .

**Romeu** — Eu acho que se houver esse conflito vai ser então o mesmo problema: falta de consciência entre os nossos representantes, então estes não servem para ser nossos representantes.

**Franck** — Vai ser maioria contra a minoria . . .

**Romeu** — Mas como contra? Tu achas que os consumidores estão comprando o nosso produto mais ou menos pelo mesmo preço que nós estamos vendendo? Será que não existe multinacional aí no meio, ganhando uma fortuna de dinheiro? Porque o que está havendo é o encarecimento. Até que chegue no consumidor o nosso produto está passando em muitas mãos, quase tudo multinacionais, que estão enfraquecendo o capital nacional. Não é que nós estejamos ganhando muito pelo nosso produto, eles é que estão pagando demais. Eu acho que existe uma ligação direta entre as duas classes, são as duas classes mais sofridas, o produtor e o consumidor. Então, eu penso que, juntos, nós vamos achar a solução para o nosso problema.



Luiz Otonelli — STR Ajuricaba

**Carlinhos** — Eu acho que a questão do conflito, se ele aparecer é positiva, não? Nós temos que exercitar a tal da democracia. Se o PT que surgir aí não serve para os trabalhadores rurais, então nós vamos ver como é que ficamos. Agora, acho que o PT ou outro partido que surgir aí nesse sentido, pode contribuir para uma definição maior, inclusive dos próprios dirigentes sindicais. Porque este partido poderia trazer assim mais um amadurecimento no sentido de ver quem é quem. Porque, realmente, os dois partidos que estão aí não tem muita coisa para se tirar, em termos de trabalhador. O trabalhador participa até eleger . . .

**Romeu** — Até o dia 15 . . .

**Carlinhos** — . . . e depois disso o trabalhador desaparece.

# QUEM TEM LARANJA QUE COLHA ...

*A Cotrijuí está recebendo, na unidade de Tenente Portela, as laranjas comuns que os associados se mostraram interessados em comercializar este ano. É a primeira etapa de um trabalho que pretende incentivar o cultivo de frutas cítricas na região.*

Todo ano, centenas de milhares de laranjas vinham sendo desperdiçadas em Tenente Portela. Nesta região, essencialmente minifundiária — tanto que apenas duas entre as 3.960 propriedades rurais cadastradas pelo INCRA têm mais de 100 hectares e outras 31 tem área variando de 50 a 100 hectares — é bastante comum encontrar pelo menos um pé de laranjeira no fundo dos quintais. São pés que nasceram sem os menores cuidados, às vezes até mesmo sem que os colonos semeassem, produzindo frutos de baixa qualidade comercial, mas que podem perfeitamente ser aproveitados para a produção de suco de laran-

ja concentrado. E é isso que está acontecendo, a partir deste ano, com muitas das laranjas de Tenente Portela.

Para uma família consumir todos os frutos produzidos por um único pé, tem que descascar muita laranja. Ainda mais num ano como este, quando o clima ajudou e os pés carregaram de frutos como há muito não acontecia. Alguma coisa vai para os porcos, mas mesmo assim ainda sobra muita laranja, que fica apodrecendo pelo chão.

Foi então que o pessoal técnico responsável pela parte de hortifrutigranjeiros da Cooperativa pensou em encontrar uma forma para aproveitar to-

da esta laranja que acabaria indo fora. Comercializar como "fruto de mesa" não é possível: a casca enrugada e cheia de ferrugem não atrai nenhum consumidor. O pessoal quer laranja bem grande, colorida e lustrosa. Do contrário, ninguém compra estas laranjas sem variedade definida. Outra alternativa seria vender para uma fábrica de sucos, onde a aparência externa do produto não conta absolutamente nada.

## A EXIGÊNCIA

Então, no início de maio, depois de acertar com uma indústria de Montenegro, a Polar, a Cooperativa começou a convidar, através de notas pelo rádio, todos os associados interessados em entregar laranja na Cotrijuí. A única exigência: deveria ser laranja comum, sem umbigo, pois a casca interna desta fruta impede sua transformação em suco. Acabaram se inscrevendo 264 produtores,

com um total superior a 3.500 pés de laranjeiras.

A colheita iniciou na última semana de junho e a primeira carga foi levada até Montenegro no sábado, dia 30. Como a laranja é um produto que facilmente estraga depois de arrancada do pé, foi preciso organizar e planejar bem certo a colheita, já que a laranja não vai toda de uma só vez para Montenegro. O mais fácil foi somar o número de pés de cada produtor e seus vizinhos, até completar o volume necessário para encher um caminhão, evitando que ele ficasse se deslocando de uma localidade para outra. O agrônomo Lauro Kühlkamp, que está coordenando o trabalho, explica:

— Antes de iniciarmos a colheita não se tinha qualquer estimativa de produção. Por isso acompanhamos os primeiros produtores que colheram para saber qual o rendimento médio de cada laranjeira. E ele ficou acima daquilo que estávamos esperando.

A produção média obtida foi um pouco superior a 100 quilos por árvore. Como uma carga do caminhão tem capacidade para 10 mil quilos, deverão ser colhidos de cada vez uns 100 pés.

Por cada quilo de laranja entregue, os produtores receberão Cr\$ 0,75 líquidos, já descontados os 2,5% do Funrural, 3% de capitalização, quebras técnicas (laranja rachada, murcha, deformada) e o frete. Assim, cada pé de laranjeira representa uma renda de Cr\$ . . . . . 750,00 e só dá o trabalho de colher. O Lauro conta:

— Um dos objetivos da Cooperativa em receber laranja dos produtores é o de aproveitar um produto que ia fora de qualquer maneira, transformando-o em dinheiro para o produtor, sem que ele precise investir em nada para isso. É até meio uma forma de contornar a crise de descapitalização que os produtores enfrentam com as frustrações da lavoura.

## A COLHEITA

Um dos primeiros a colher foi o Guido Calgaro, da localidade de Daltro Filho, que inscrevera 50 pés de laranjeira espalhados por sua propriedade, a do pai e de um vizinho. Guido reuniu toda parentada, os irmãos, cunhadas, sobrinhos, para ajudar no trabalho. O pessoal levou uma porção de laranja na cabeça, encheu as mãos de espinhos e passou dois dias carregando lona de um lado pa-



**Guido: melhor que colher soja à muque.**

ra o outro e sacudindo as árvores

— É um trabalho castigado, ainda mais para o cara que não está acostumado.

No fim do segundo dia a turma já estava bem mais craque do que no início, quando não sabiam nem por onde começar e nem como colher. Foram experimentando: arrancar uma por uma não dá. As árvores são altas e só se alcança de escada. Trepando nos galhos não se tira tudo. A melhor solução foi deixar alguém lá em cima sacudindo a árvore e o resto do pessoal embaixo segurando uma lona para evitar que no cair as laranjas rachessem. O que não cai deste jeito é arrancado com uma vara ou mesmo à mão.

Guido achou um pouco baixo o preço que será pago pelo quilo de laranja, mas que compensa pelo volume produzido em cada árvore. Mesmo assim, acha que é uma oportunidade que deve ser aproveitada, ainda mais quando a situação está difícil como agora. Um de seus irmãos, o Nelson, participa da conversa e opina:

— Se tivesse dado uma safra cheia de soja, só queria ver se o pessoal ia colher laranja.

— A trabalhadeira é grande, concorda Guido, mas menor do que colher soja no muque. O caso é que as árvores são altas e cheias de espinho.

Guido imagina que plantando laranjeiras de qualidade aí sim é que o trabalho pode se tornar mais rendoso. Tanto que perguntou ao Lauro se não seria quase mais vantajoso derrubar os pés mais velhos e formar um pomar no capricho. A resposta do agrônomo:

— Não digo derrubar estas árvores, porque ainda estão produtivas. Mas que pode ser um bom negócio plantar mudas enxertadas, isso é uma verdade.



Segurar a lona, para evitar que as laranjas rachem . . .



. . . é trabalho para reunir toda parentada

# ... QUEM NÃO TEM QUE PLANTE

Antes mesmo de implantar o recebimento de laranja comum em Tenente Portela, foi iniciado um trabalho de formação de laranjais na região. O incentivo a esta cultura, como alternativa de diversificação, está intimamente ligado ao clima, muito favorável ao desenvolvimento de citrus, e também à estrutura fundiária, onde os minifúndios são predominantes.

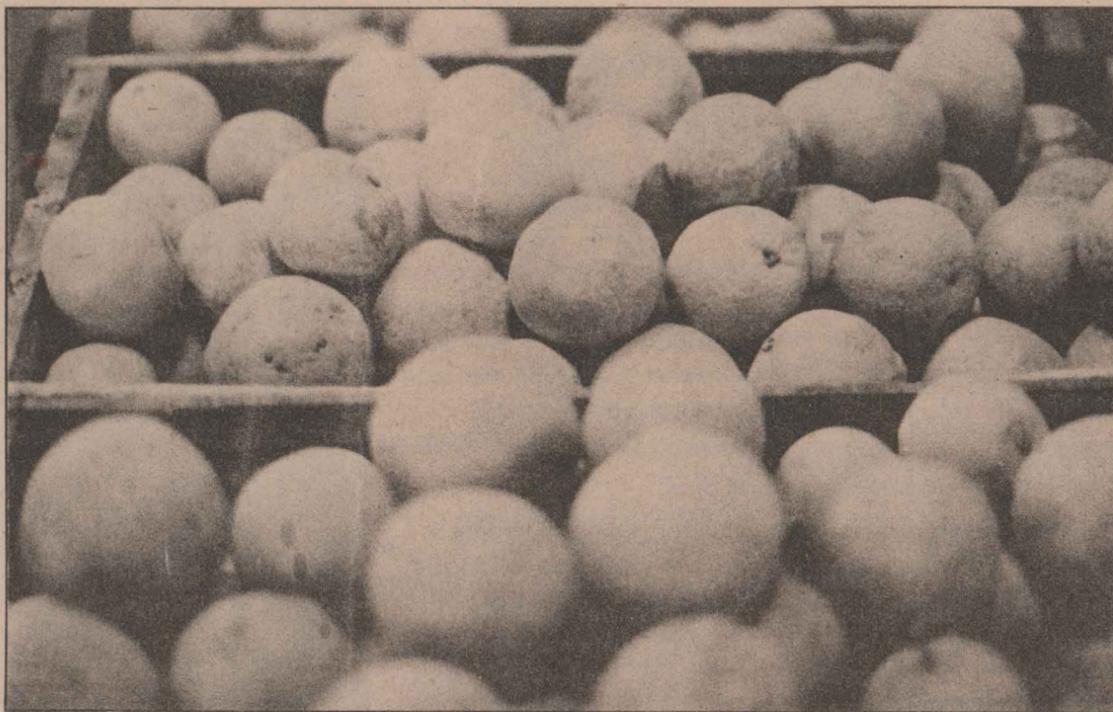
A estrutura de produção, voltada basicamente para o cultivo de milho, soja, um pouco de trigo e suinocultura, confere à região de Tenente Portela uma característica de subsistência que tem sido duramente castigada com as últimas frustrações de safra. Por esta razão, os pomares aparecem como uma das mais viáveis alternativas de diversificação. Enquanto a soja, por exemplo, exige uma área de terra relativamente extensa, muito capital (máquinas) e pouca mão-de-obra para se tornar rentável, a laranja dispensa muita terra e maquinaria. Só o que ela precisa é de bastante mão-de-obra, exatamente o que existe de disponível na própria família do produtor.

A colheita de laranja comum, neste ano, também foi adotada como uma forma de incentivar a implantação de laranjais com mudas enxertadas e mais produtivas a curto prazo. Se o preço pago por estas laranjas, de menor qualidade, é hoje de Cr\$ 0,75, o produto de variedade definida que resultará destes pomares planejados, pode alcançar uma cotação muito maior, por ter também um aproveitamento não restrito apenas à produção de suco concentrado. Há, portanto, mais de uma alternativa de mercado para a colocação dos frutos.

## O INVESTIMENTO

Até agora 15 produtores se mostraram interessados em participar do projeto, e nove deles, que já haviam se inscrito no ano passado, já formaram alguns hectares de laranja. No total foram 18 hectares, e este ano mais seis produtores inscritos formarão outros 13 hectares.

O investimento necessário para a implantação de um hectare de pomar fica em torno de Cr\$ 25.000,00, já estando



O mercado de frutas in natura é outra alternativa

incluído neste valor uma verba para correção de solo e aplicação de defensivos até o terceiro ano após o plantio. O prazo para pagamento é de oito anos, sendo três de carência, com juros de 15 por cento ao ano sobre o saldo devedor. Mesmo sendo de três anos a carência para o capital, o produtor já inicia os pagamentos no primeiro ano, abatendo os juros. A primeira prestação do financiamento é no quarto ano, com cinco por cento sobre o valor do contrato. No quinto ano de 10 por cento; no sexto de 20 por cento; no sétimo de 30 por cento e no oitavo de 35 por cento. A última prestação, que é a maior de todas, fica em Cr\$ 9.000,00, que já é um valor fixo contratado.

## A PRODUÇÃO

O pomar, na verdade, acaba se pagando sozinho e com uma larga margem de rentabilidade. Enquanto as laranjas nativas, sem variedade definida, começam a produzir somente a partir do sétimo ou oitavo ano, as árvores formadas a partir de mudas enxertadas, começam a dar frutos já no terceiro ou quarto ano após o plantio. E será a partir desta receita que o produtor irá amortizando o financiamento que contraiu.

Ainda numa comparação, a lotação média de um hectare de pomar conduzido é de 300 pés, enquanto as laranjas comuns ficam em 200 pés por hectare. Outra diferença é o

porte das árvores, que é maior na comum, dificultando a colheita e tratamentos fitossanitários. Há ainda a ocorrência de espinhos, que é bem menor nas variedades enxertadas. Outra coisa é a maturação: na comum ocorre toda numa só época, enquanto na outra é possível planejar a produção, e época de colheita, pela escolha de variedades diferentes. E mais uma vantagem: num pomar conduzido as variedades são definidas, possibilitando assim uma melhor comercialização do produto.

Produzindo já a partir do quarto ano (é possível que alguns frutos já nasçam no terceiro ano), com uma média de 6.000 quilos por hectare, o pomar começa a se pagar. Lauro Kühlkamp, o agrônomo que está orientando os produtores, estima em Cr\$ 1,80 o preço que atualmente poderia ser pago pelo quilo desta laranja:

— Então, no primeiro ano de produção, a receita bruta do pomar será de Cr\$ . . . . . 10.800,00, do qual o produtor abaterá apenas a prestação do financiamento.

No quinto ano, a produção pode alcançar 12.000 quilos; no sexto, 18.000; no sétimo, 24.000 e, no oitavo, 30.000, passando daí para frente a se estabilizar nesta média:

— No oitavo ano, o produtor acaba de saldar sua dívida para a formação do pomar, pagando uma prestação já de valor fixado em Cr\$ 9.000,00.

Só que colhendo 30.000 quilos, considerando ainda em Cr\$ . . . 1,80 o preço a ser pago por cada quilo, ele terá uma renda de Cr\$ 54.000,00. Dali para a frente tudo é lucro, só com o trabalho de controlar as moléstias, fazer uma capina de vez em quando e colher.

Lauro ainda lembra um ponto muito importante: um pomar representa uma cobertura vegetal permanente para o solo, que deixa de ser trabalhado por um longo período (a

média de vida de uma laranjeira é de 30 anos). No caso da cultura de soja, ou milho, o solo é lavrado, gradeado e semeado todo ano, facilitando o aparecimento de problemas com erosão da terra.

## O MERCADO

A produção, que hoje será formada inicialmente em 31 hectares, pode se desenvolver até chegar pelo menos aos 1.000 hectares, sem precisar se preocupar com a colocação do produto no mercado.

De Tenente Portela, estas laranjas serão enviadas para o entreposto de hortifrutigranjeiros da Cooperativa, em Ijuí, e para a Ceasa (Centrais de Abastecimento) em Porto Alegre, onde serão comercializadas como fruto de mesa. Quando este mercado não se mostrar favorável, o produto pode ser industrializado, como acontece atualmente com as laranjas comuns:

— Uma indústria de beneficiamento só é viável economicamente se pode contar com pelo menos 5.000 hectares de laranja para transformação. Para o produtor é muito melhor entregar o produto para comercialização in natura do que transformar em suco, pois o preço que ele recebe é até três vezes maior.

## "Chova ou faça sol", Rodisan controla as doenças do seu trigo.



Eficiência comprovada por órgãos oficiais e triticultores no controle das principais doenças do trigo.

Rodisan tem formulação exclusiva e original: dispersão espalhantes adesivos, oferece efeito mais ativo, melhor distribuição sobre a superfície tratada e maior resistência às chuvas e ventos.

Rodisan acrescenta zinco às plantas: um micronutriente que estimula o desenvolvimento vegetal.

Rodisan é o fungicida que apresenta, graças a presença de óleo em sua formulação, resultados mais regulares nas aplicações aéreas. Evita, inclusive, a formação de "grumos" típicos dos pós-molháveis.

Rodisan é mais seguro: na manipulação, no preparo da calda e na aplicação.

Rodisan não é fitotóxico e não deixa resíduos nas plantas e no solo.

Rodisan é compatível com a maioria dos fungicidas, inseticidas e fertilizantes foliares.

Rodisan é mais econômico.

Rodisan tem assistência técnica CNDA;

**CNDA**

COMPANHIA NACIONAL DE DEFENSIVOS AGRÍCOLAS  
Porto Alegre: Rua Tobias de Silva, 207 - Fone: 22-1082 e 22-4092  
Cuiabá: Rua Comendador Araújo, 908 - Fone: 23-8884  
São Paulo: Av. Maria Costha Aguiar, 215 - Bloco C, 1º andar  
Fone: 545-1122, Ramal 4315.



Só aplique defensivos em sua lavoura quando for absolutamente indispensável. Consulte sempre um agrônomo para saber qual o produto recomendado. Economize dinheiro e preserve sua saúde. Em cada aplicação você pode estar morrendo um pouquinho.

# A VEZ DOS BORREGÕES

*Abater cordeiro no inverno? Pode parecer coisa de louco para muito criador de ovelha. Afinal, será que tosando os animais quando começa a esfriar, não perigam morrer? Não. É só tomar uns poucos cuidados. Pois este programa, de abate de cordeiros na entressafra, está sendo implantado no Rio Grande do Sul e alguns criadores de Dom Pedrito também participam este ano, primeiro como experiência, conforme conta um deles.*

O cordeiro normalmente é abatido nos meses de novembro e dezembro, aproveitando a proximidade do Natal para a comercialização da carne. A estas alturas o animal mal completou cinco meses e na tosquia, que acontece a partir de outubro, ele não chega a produzir mais do que 800 gramas ou um quilo de lã, o que às vezes não compensa nem o gasto com o esquilador.

Mesmo assim este é o procedimento mais comum dos criadores. Executam a tosquia na primavera, temendo que os animais não suportem o frio que faz a partir do outono, exatamente a época indicada para a tosquia dos cordeiros que serão abatidos na entressafra (nos meses de junho, julho e agosto).

Paulo Arines Pedroso, que é agrônomo da Secretaria da Agricultura, e está coordenando este programa na Cotrijuí, em Dom Pedrito, encontra uma explicação para este comportamento dos criadores:

— Este é um problema mais psicológico. É quase um tabu que existe em relação ao manejo de rebanhos de ovinos.

Pedroso está levando a Dom Pedrito a experiência que desenvolveu por vários anos em São Gabriel. Os resultados foram bastante positivos, proporcionando o aproveitamento da industrialização de um produto com colocação imediata e mercado garantido:

— Pelo trabalho que realizamos, foi constatado que as ovelhas tosadas mais cedo não tinham problema para se adaptar às

baixas temperaturas. Inclusive adotamos, como precaução, a prática de banhar os animais após a tosa, tentando evitar um choque brusco de temperatura, e deixando-os, para secar o corpo, presos numa mangueira para só então largá-los no campo.

## LÃ x CARNE

Uma das intenções deste programa é valorizar um pouco mais o cordeiro como carne. Ela sempre figura como um sub-produto, pois a lã é considerada a renda principal para o

criador. Continua Pedroso:

— Podemos notar que nos anos em que a lã estava mais valorizada, qualquer trabalho que se fazia para o abate de cordeiro no fim do ano, em plena safra, não encontrava resultados. O pessoal queria mesmo era tirar o segundo velo do animal. Quando o preço da lã é bom o criador não abate, surgindo assim uma concorrência entre os dois produtos. No lugar de abater o cordeiro, o criador abate o capão, que apresenta uma carcaça com excesso de gordura e



Uma das vantagens é a maior quantidade de carne das carcaças

baixo rendimento, que é uma característica indesejável para o consumidor.

Como o abate vai acontecer nos meses de junho, julho e agosto, exatamente o período mais crítico para as pastagens, se conseguirá também ali-

mentar mais adequadamente os animais que permanecem no campo. Oscar Silva, que é um dos criadores que participa desta primeira fase do programa em Dom Pedrito, conta:

— É uma grande vantagem a gente poder tirar os bichinhos do campo no inverno, bem quando se está apertado de pasto e os cordeiros começam a pesar pelo que comem. A ovelha, como se sabe, come com os olhos, escolhe o que vai comer. Enquanto está pastando ali num cantinho, já está olhando para os lados e procurando uma ervinha melhor.

Este trabalho foi iniciado por Pedroso no Engenho Gabrielense, até se estender por todo município de São Gabriel.

— Comecei a pesquisar o seguinte: os cordeiros que nasciam em setembro e outubro ficavam para ser abatidos no inverno, com oito ou nove meses de idade. A tosa acontecia no outono, em abril e maio, obtendo produções médias de dois quilos de lã por animal. Depois de cinco anos de experiência, e com dados de outros criadores que também estavam tosando na entressafra, foi lançado em todo município um trabalho feito pelo Projeto Sudoeste-1 e Secretaria da Agricultura. Participaram 41 criadores

## O manejo

*É fundamental um manejo adequado para se obter melhores resultados com o abate de cordeiros na entressafra. Ele já começa na época do encarneamento, ou inseminação artificial, e mostra-se tecnicamente viável e adequado às condições criatórias do Estado.*

**Encarneamento:** a época indicada vai do início de abril até o final de maio, provocando assim a concentração do nascimento de cordeiros em setembro e outubro. Inseminando os animais neste período é possibilitado o aumento de fertilidade dos ventres, pois a ovelha aumenta a ovulação à medida em que os dias ficam mais curtos. No verão acontece exatamente o contrário, pelas altas temperaturas e dias muito longos. Outra vantagem é a diminuição da mortalidade de cordeiros ao nascer (que se mantém numa média de 25 por cento em todo Estado) e uma padronização do lote para abate, e consequente uniformidade das carcaças.

**Desmame:** depois de completar 54 dias de vida o cordeiro não necessita mais do leite materno. Aos três meses de idade ele pode alimentar-se apenas de pasto.

**Everminação:** controle constante do rebanho com acompanhamento, sempre que possível, dos técnicos e veterinários.

**Alimentação:** após o desmame, os cordeiros podem permanecer em campo nativo, mantendo uma lotação média de 10 cabeças por hectare. Em pastagem cultivada, no período de janeiro a maio, a lotação pode ser até de 40 cabeças por hectare. Os cordeiros poderão permanecer no máximo 30 dias nesta pastagem, obtendo-se assim uma boa terminação das carcaças:

**Tosquia:** ela deve acontecer de dois a três meses antes do abate, valorizando assim a pele com comprimento de um quarto a meia lã. A época é durante o outono, sem maiores prejuízos quanto à adaptação dos cordeiros esquilados em relação ao clima. Recomenda-se que logo após a tosquia os cordeiros sejam banhados e mantidos presos nos bretes até secarem o corpo. É uma medida de precaução quanto ao choque brusco de temperatura. O desenvolvimento da lã, devido a sua propriedade termo-reguladora, também não representa um problema durante o verão por excesso de calor, como poderia se supor. Nos ovinos adultos a tosquia realizada no outono demonstrou que houve a eliminação do capacho, valorizando assim comercialmente o produto.

**Abate:** nos meses de junho, julho e agosto.

e em torno de 5.000 animais. O resultado obtido foi muito bom, tanto que hoje a Secretaria está lançando a nível estadual este trabalho com cordeiros.

Do total do rebanho ovino gaúcho, 4,7 por cento está em Dom Pedrito, o que representa mais ou menos 561 mil cabeças. Pelo menos 40 por cento deste rebanho é formado por ventres, que ficam reservados para a recria e produção de lã. Outros 21,2 por cento são cordeiros. Isso que o índice de assinalamento (cordeiros marcados) é muito baixo: em cada 100 que poderiam ter nascido, somente 52 por cento são efetivamente registrados. Mesmo assim,

são umas 600 mil cabeças que, transformadas em carne, produziram uns 720 mil quilos, tomando como base um peso médio de 12 quilos de carcaça. Transformando isso em dinheiro, seriam Cr\$ 28 milhões e 800 mil, considerando em Cr\$ 40,00 o valor do quilo da carcaça.

### OS BORREGÕES

Seu Oscar vai entregar 100 cordeiros que foram esquilados no final de maio. A estas alturas eles não são nem mais cordeiros, mas sim uns borregos, porque nasceram em julho do ano passado. A tosa aconteceu bem de acordo com as recomendações de Pedroso:

— Esquilei os animais num dos dias mais frios que tivemos. Foi de manhã. Depois foram batizados com água e deixados presos nos bretes até que secaram o corpo. Naquela mesma noite caiu uma das maiores geadas, com temperatura de 1,2 graus abaixo de zero. E os bichinhos suportaram todo aquele frio, não morrendo nenhum deles.

Cada animal produziu 1,84 quilos de lã e pesou, depois da tosquia, uma média de 26 quilos. Antes de levar para o aba-

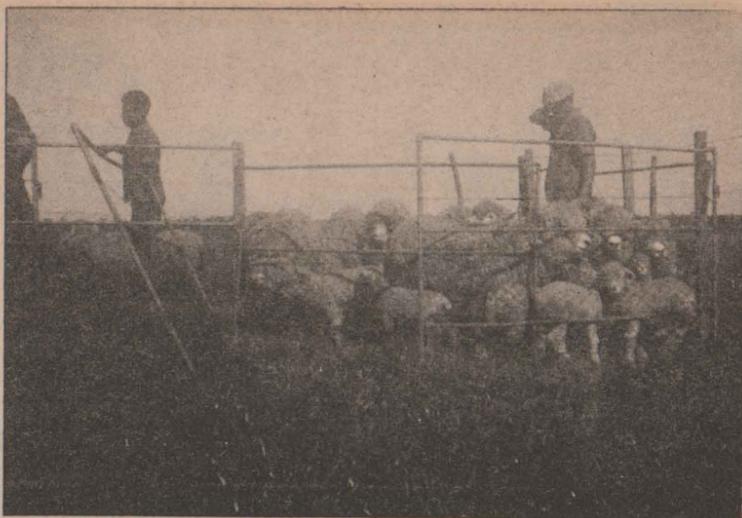
te, seu Oscar colocou-os num bom pasto para tomarem mais peso.

A qualidade das carcaças que deverão ser produzidas não fica nada a dever para as do cordeiro mamão, que é aquele abatido até os cinco meses de idade, como normalmente acontece. E Pedroso diz ainda que existe uma vantagem para estes "borregões", como o pessoal anda chamando: maior quantidade de carne. Outro ponto a considerar é a valorização da pele do animal:

— Como o cordeiro é abatido de dois a três meses após a tosquia, a pele é mais valorizada pela altura da lã, que fica em um quarto ou em meia lã, como se diz, e é muito usada para estofamentos e como pelego.

Então o seu Oscar começa a fazer as contas: Cr\$ 28,00 o quilo da lã; uns Cr\$ 40,00 o preço do quilo da carcaça e mais uns Cr\$ 250,00 pela pele. No final, cada cordeiro que for abatido nesta época, deverá render aproximadamente Cr\$ 800,00:

— Eu já entrei acreditando no negócio. Se deixasse para abater só na época da safra, lá pelo fim do ano, decerto cada animal iria produzir ainda uns



Tirando os cordeiros do campo sobra mais pasto para os outros animais.

3 quilos de lã. Agora é o mercado quem vai nos dizer se é ou não mais vantajoso abater na entressafra, confiando no valor da carne.

deu esta tradição de vender cordeiro. Nos últimos anos vendeu-se ainda, mas muito pouco, porque o preço da ovelha andava aviltado. Hoje parece que está novamente se valorizando, não só para carne como também para lã.

Para o produtor, como reconhece seu Oscar, é mais uma alternativa de renda, um mercado novo que está se abrindo. E isto a um baixo custo, sem que o criador precise investir alguma coisa praticamente:

— Esta é uma safra que se tem bem na época de cachorro louco, quando se está mal de pasto e de dinheiro.

### UMA ALTERNATIVA DE RENDA

E a carne tem andado meio desvalorizada nos últimos tempos, como bem recorda o criador:

— Quando eu era pequeno, me lembro que a gente vendia muito cordeiro para o frigorífico. Depois parou por muitos anos este mercado, talvez porque a carne não tinha um valor grande e se per-

A aplicação de defensivos exige técnica e cuidados especiais. Observe as recomendações dos agrônomos e técnicos agrícolas antes de cada aplicação.



Oscar: entrei acreditando

## Liquidação da lã

Se a produção de lã recebida pela Cotrijuí este ano em Dom Pedrito não apresentou um volume maior ou igual ao do ano passado, pelo menos a qualidade do produto foi muito melhor que a da safra anterior. Todos os dados da liquidação foram apresentados aos pecuaristas associados durante uma reunião que aconteceu no dia 29 de junho, quando os técnicos aproveitaram para fazer uma explanação dos trabalhos que estão desenvolvendo no setor pecuário. Foi o momento escolhido, também, para lançar o programa de abate de cordeiros na entressafra (veja a matéria na página anterior).

O preço pelo quilo de lã variou de acordo com a qualidade do produto. A lã de velo, que é a melhor de todas, foi valorizada de Cr\$ 81,02 até Cr\$ 54,21 dependendo de sua classificação (Supra merina, especial merinada, etc). Os velos com defeitos tiveram seu preço variando de Cr\$ 54,55 até Cr\$ 41,60. A lã de borrego ficou entre Cr\$ 44,63 e Cr\$ 38,04; a lã de garra entre Cr\$ 30,04 e Cr\$ 25,11, que são os menores preços pela qualidade inferior do produto. Já a lã de descole, quan-

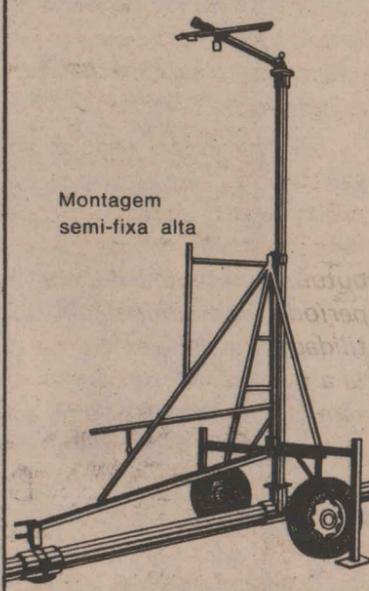
do limpo, teve preço de Cr\$ 32,14 e com semente de Cr\$ 26,78.

Cada participante da reunião — aproximadamente um número de 130 produtores — recebeu o remaneio, que é uma planilha onde consta o aproveitamento da lã, por onde o produtor pode ficar sabendo do total que será creditado na sua conta corrente. Com isso ele também pode sentir qual foi o aproveitamento de seu trabalho.

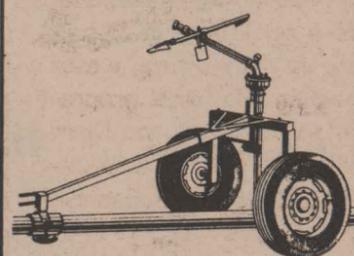
Mesmo sendo menor a safra do que a do ano anterior (974 mil e 300 quilos contra 1 milhão e 280 mil quilos), ela foi considerada altamente positiva, com uma liquidação satisfatória para os associados. O menor recebimento pode ser explicado pela adoção, neste ano, apenas da modalidade Preço Médio para a comercialização da lã. Eliminando o Preço do Dia fica facilitada a liquidação, que também é muito mais justa para os produtores.

A safra foi boa, então, pela qualidade do produto comercializado pelos associados, o que se deve bastante às condições climáticas, onde a falta de chuva, se foi ruim para o pasto e para a lavoura, proporcionou uma lã melhor.

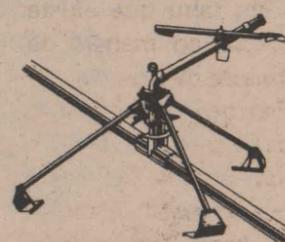
## RAINBOW SISTEMAS DE IRRIGAÇÃO



Montagem semi-fixa alta



Montagem semi-fixa média



Tripé para canhão

## O LUCRO LÍQUIDO



CARBORUNDUM

Av. Independência, 3215 - CEP 13280  
Vinhedo SP - Tels.: (0192) 76-1439 e  
76-1340 - Telex 0191958 CARB BR



As variedades híbridas produzem melhor

# É IMPORTANTE A VARIEDADE?

O agricultor Anatalino dos Santos perguntava aos técnicos, durante uma reunião onde seria definido o conteúdo do Cotrijornal do mês de julho, qual a variedade de milho mais recomendada para o plantio. Assim como Anatalino, vários outros produtores que se preocupam em planejar a lavoura, ficam em dúvida sobre qual variedade escolher para garantir uma boa produção.

Atualmente, nem técnicos e nem agricultores recebem em dizer que as variedades de milho híbrido são bem mais produtivas que as de milho comum. Mesmo submetendo-as a idênticas condições de clima e de solo, o rendimento é em torno de 30 por cento superior. Entretanto, persiste a dúvida, pois apesar de ser pequeno o número de híbridos lançados anualmente — em relação às

quantidades testadas — o produtor encontra uma série grande de marcas e números que acabam deixando facilmente qualquer um confuso. Além disso, de certa forma, é difícil conseguir a mesma variedade que foi plantada no ano anterior.

O Celestino Dal Molin, agrônomo da Cotrijuíf na unidade de Tenente Portela, explica que mesmo o agricultor que observar os resultados de pesquisa em testes de híbridos separados por ciclo, pode se confundir:

— É que os rendimentos de um mesmo híbrido são muito diferentes em cada região onde são feitos os testes. Isto se deve à disponibilidade de água no pendoamento, que ocorre em épocas diferentes porque o ciclo da planta nem sempre é igual.

## A ÁGUA É VITAL

Na verdade, os híbridos comerciais geralmente têm produzido bem. A variedade passa a ter importância mais pela disponibilidade de água no pendoamento do que pelo próprio potencial de rendimento que ela possa apresentar. Havendo água à vontade uma a duas semanas antes do pendoamento e ainda duas depois, a produção seguramente será satisfatória. Assim, a diferença de uma semana que seja na época do pendoamento é que pode determinar um maior ou menor rendimento.

Mas, e quando acontece o pendoamento? Isso depende da temperatura. Os técnicos fazem uns cálculos meio complicados para determinar o ciclo exato da planta e sua maior ou menor precocidade. Se a temperatura do solo se mantém em 15 graus centígrados, a emergência acontece em 13 dias. Já se ela chega aos 30 graus, por exemplo, o que é meio difícil de acontecer, a emergência se dá em cinco dias. Cada grau centígrado a mais na temperatura do solo representa meio dia na antecipação da emergência. Então, com 17 graus centígrados, a emergência acontece em 12 dias.

## CONTROLE DO TEMPO

Da emergência ao pendoamento, o que conta é a temperatura do ar. Cada grau centígrado a mais na média desta temperatura provoca uma redução de 5 dias no ciclo para cultivares precoces e 6 dias para os tardios. Para que o produtor saiba exatamente o ciclo da lavoura que plantou e planejar o plantio da soja na mesma área, se quiser, é só se

dar o trabalho de controlar diariamente a temperatura.

Dal Molin explica como isso pode ser feito: se anota a temperatura mínima e máxima de cada dia, dividindo depois o número obtido por dois. Assim, se a temperatura mínima foi de 20 graus centígrados e a máxima de 30 graus, por exemplo, somando estes números e dividindo por dois se obtém 25 graus. Deste número se diminui sempre 10 graus centígrados, chegando, neste caso, a um resultado igual a 15 graus: Isto se faz todos os dias, somando resultado por resultado.

Quando se chegar aos 850 graus centígrados, os milhos precoces estarão pendoando. Os tardios só vão pendoar quando o resultado for de 950 graus. Pois uma semana ou duas antes do pendoamento e duas depois não pode faltar água para o milho para não comprometer o rendimento da lavoura.

A hora de colher também vai ser determinada por alguns cálculos que indicam o ciclo da planta: soma-se 60 dias aos que correspondem à metade do pendoamento. Vamos dizer que o pendoamento aconteceu 70 dias após o plantio. Então, a maturação está completa 95 dias depois (60 mais 35, que é a metade dos 70 dias que decorreram até o pendoamento). O ciclo da planta, portanto, é de 165 dias.

## TECNOLOGIA ESTRANGEIRA

Já está certo e definido que os milhos híbridos são os de maior rentabilidade. Isto porque eles são o resultado de uma alta tecnologia no campo da pesquisa, onde são feitos cruzamentos entre diferentes cultivares para obter uma outra variedade com as características mais positivas de cada uma daquelas que lhe deu origem. É um processo bastante sofisticado, que na área do milho (assim como no sorgo) é dominado por grandes empresas (Agrocères, Proagro-Pioneer, Cargill, etc) que atuam em diversos países do mundo. Aqui no Brasil já existe também um início de pesquisa, mas tudo ainda muito distante do que já foi obtido no exterior. Será preciso muito investimento e também anos de trabalho para se alcançar uma tecnologia na produção de sementes que pelo menos se equipare à estrangeira.

O Luiz Volney Mattos Viau, também agrônomo da

Amendoim Bravo ou Leiteiro, Joá, Carurú, Corda de Viola, Beldroega, Carrapicho de Carneiro, Trapoeraba, Picão Preto e Picão Branco.

**Se a carapuça  
serviu para você,  
vista  
e vire a página.**



Híbrido replantado diminui seu rendimento

Cotrijuí, é quem conta que as multinacionais estão muito bem estruturadas nesta área, comercializando híbridos com bons rendimentos:

— E se por acaso algum concorrente lança uma variedade que supere as qualidades dos híbridos comercializados, estas empresas têm condições de produzir e colocar no mercado outras variedades ainda melhores. Mas só fazem isso quando é preciso. Do contrário, guardam para si este material, esperando um momento mais oportuno para sua comercialização.

Elas têm na mão, e guardam isto a sete chaves, o mais importante de tudo na formação destes híbridos, que são as matrizes, o material de partida para todo trabalho de lançamento de novas variedades:

— Aqui, a Secretaria da Agricultura está também produzindo sementes básicas de milho híbrido a partir de matrizes que conseguiu obter. Só que este material genético ainda não é tão bom como o das multinacionais. E nós, co-

mo técnicos, devemos recomendar aos produtores variedades de melhor rendimento.

As pesquisas, ainda quase inexistentes nesta área, também são pouco divulgadas, como lembra o Dal Molin. E como, além disso, as multinacionais também não falam muito sobre o que fazem, os agricultores não ficam sabendo bem direitinho do potencial de rendimento e adaptação dos híbridos às condições de sua região. O que eles próprios puderam comprovar é que guardar semente de milho híbrido em casa não é bom negócio, porque elas perdem seu vigor quando replantadas. Isto é uma característica dos híbridos, que não têm poder de reprodução. Quando replantados, no segundo ou terceiro ano, diminuem de 30 a 40 por cento sua produção em relação aos híbridos de primeiro ano. Volney faz uma comparação:

— A mula, por exemplo, é um produto híbrido do cruzamento de égua com jumento. E a mula não se reproduz.

## As outras influências

A área de plantio do milho aumenta num ano e decresce no outro em função do preço alcançado pelo produto na safra anterior. Como a do ano passado foi frustrada, e o preço, portanto, foi compensador, deverá acontecer uma expressiva expansão na área cultivada este ano. Isto mesmo em Tenente Portela, onde este aumento já foi considerável na safra passada, que é a região com a mais expressiva lavoura de milho na área da Cotrijuí.

A preocupação dos técnicos nesta hora — pois eles não influem diretamente no mercado — é alertar para alguns aspectos que o produtor deve considerar na formação de sua lavoura, para obter rentabilidade, mesmo que os preços do produto caiam a níveis próximos do preço mínimo. E esta depende muito de altas produções por hectare, que podem ser alcançadas se uma série de fatores responsáveis pelo comportamento da lavoura forem considerados. O preço será uma questão de oferta e procura de milho. Se a produção for grande, o preço será baixo.

O agrônomo Celestino Dal Molin enumera os fatores que podem influenciar a rentabilidade da lavoura de milho, independentemente da variedade escolhida pelo produtor.

O primeiro deles é a escolha da área. O ideal seria que o agricultor fizesse um histórico de sua lavoura, verificando o que e quanto foi produzido numa determinada área em anos anteriores. Como o milho é uma cultura aberta, que deixa o solo desprotegido, facilitando sua erosão, devem ser observadas práticas de conservação, principalmente aquelas que aumentam a retenção de água no solo. Só uma coisa: o milho não deve ser semeado em terras alagáveis.

A época de semeadura também é de grande importância, já que a temperatura tem uma grande influência no desenvolvimento da planta. Em toda região pioneira da Cotrijuí, a época recomendada vai do dia 15 de agosto a 30 de setembro, para as variedades de ciclo precoce, e de 15

de agosto a 15 de novembro, para as tardias. Já a época preferencial inicia um pouco mais tarde e acaba um pouco mais cedo: de 1º de setembro a 15 de outubro, para as precoces, e de 1º de setembro a 30 de outubro, para as tardias.

Não pode ser esquecido o preparo do solo e adubação de acordo com as necessidades de corretivos e fertilizantes indicadas pela análise. Solos com baixo teor de matéria orgânica necessitam de maiores cuidados e retêm menos água.

As plantas usam energia solar, água e nutrientes para produzir grãos. Geralmente os rendimentos aumentam com o maior número de plantas pelo aproveitamento mais intenso da luz do sol. Mas isso, é claro, desde que não existam limitações de água e nutrientes. Por isto também é importante o controle de inços, proporcionando à semente um lugar adequado que facilite sua germinação e penetração da água. Diz Dal Molin:

— Existem herbicidas para o controle de inços, mas nas regiões onde existe uma razoável disponibilidade de mão-de-obra, não recomendamos a utilização destes produtos químicos. A capina é sempre mais eficiente.

É claro que a escolha da variedade não é de todo dispensável. O produtor deve conhecer suas características — ciclo e estatura — para definir a densidade do plantio. Os técnicos recomendam, para os híbridos precoces e de porte baixo, de 40 mil a 50 mil plantas por hectare (de 5 a 6 sementes por metro linear). Para os tardios e altos, o indicado são de 30 mil a 40 mil plantas por hectare (4 a 5 sementes por metro linear).

Outra coisa: os híbridos precoces não devem ser plantados em solos de menor fertilidade. E Dal Molin explica o porquê:

— Os precoces necessitam retirar os mesmos nutrientes que as outras variedades num espaço de tempo muito menor. Então eles podem não produzir satisfatoriamente porque o solo não tem condições de oferecer na medida exata os nutrientes necessários.

## Mais um mercado e loja

Na segunda-feira chuvosa, dia 2 de junho, foi inaugurado o setor de consumo da Unidade de Augusto Pestana. Num espaço amplo, de 800 metros quadrados, foram montados loja e supermercado.

O presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva, e o prefeito do município, Alfredo Schmidt, cortaram a tradicional fita, dando por inaugurado

o local. "Este é mais um serviço que a Cotrijuí presta aos seus associados", salientava o presidente na ocasião, enquanto o prefeito lembrava do benefício econômico que representa para Augusto Pestana este estabelecimento, que vai proporcionar um razoável retorno de ICM (Imposto Sobre Circulação de Mercadorias).

O prédio está localizado

na esquina das ruas José Norberto e Venâncio Aires, bem no centro da cidade. O supermercado, que funciona com duas caixas registradoras, oferece aos associados da Cooperativa variados gêneros alimentícios, além de artigos de bazar, como decoração e utilidades domésticas. Na loja, há um setor de vestuário, calçados e ferreiros.



Até corte de fita.



O espaço é amplo.

**Com PIRIMOR em pouco tempo não vai sobrar um pulgão vivo no seu trigo. Mas os insetos benéficos serão todos preservados.**

Pirimor age por contato, fumigação e por via translinar. Não existe nenhuma espécie de afídeo que resista à sua ação. Preserva inimigos naturais dos pulgões, sendo por isso indicado para controle integrado da praga. É compatível, podendo ser misturado com os defensivos comumente utilizados. Suas duas formulações (GD e LVCE) permitem aplicações em qualquer tipo de pulverização, com qualquer tipo de equipamento.

Quem já usou já comprovou. Se você ainda não conhece Pirimor, peça uma demonstração ao agrônomo, ao técnico de sua cooperativa ou ao revendedor Imperial. Os pulgões vão cair duros. Na hora!



**Departamento Agrícola**

**CIA. IMPERIAL DE INDÚSTRIAS QUÍMICAS DO BRASIL**  
Av. Euzébio Matoso, 891 (Pinheiros)  
05423 São Paulo, SP.  
Tel. 224.8955 - Telex: IMPKEMIX  
Caixa Postal 30377 - 01000 São Paulo, SP



# TRABALHANDO JUNTAS



O núcleo das senhoras e filhas de associados da Cotrijuí na localidade de Fundo Alegre, em Augusto Pestana, foi formado

em 29 de setembro de 1978.

Desde o ano anterior o núcleo vinha solicitando os trabalhos que o setor de

Comunicação e Educação da Cooperativa desenvolvia com a família dos associados nos núcleos já formados. O líder da comunidade,

de, sr. Bruno Schneider, é quem se responsabilizava pelo encaminhamento das solicitações.

O grupo reuniu-se pela primeira vez no dia 29 de setembro de 78, com a participação de 31 senhoras e moças. O objetivo do encontro foi conhecer o grupo, expor os objetivos que o serviço de comunicação e educação se propõe, e planejar, juntamente com o grupo, os trabalhos que seriam desenvolvidos em futuras reuniões.

Concluiu-se que o grande grupo estava interessado inicialmente em participar de um curso de corte e costura e, mais tarde, receber orientações na área de preparo de alimentos assim como abordar os seguintes assuntos: higiene, educação familiar, administração do lar, etc.

Acrescentaram que as reuniões da Cooperativa realizadas com os associados, são também do interesse de toda família, porque aumenta seus conhecimentos. Segundo as integrantes do grupo, se a família não participar será mais difícil progredir, pois somente haverá progresso onde existir união. Suas opiniões sobre um trabalho em equipe foram de que isto "é ótimo para se conhecer melhor e ter uma maior relação de amizade. Todas trabalhando juntas".

Foram escolhidas duas representantes do núcleo: a senhora Edy Beck, que é a professora da localidade, e a senhorita Rosa Bruisma.

No dia 26 de outubro o grupo reuniu-se mais uma vez. O curso de corte e costura, previsto para aquele mês, ficou transferido para março de 1979. Na mesma reunião foram comentados assuntos referentes ao ensino do meio rural e à fuga dos jovens para a cidade. Na opinião das participantes, isto pode ser causado pelo aumento de maquinário no meio rural e, em consequência deste fato, a falta de serviços para eles executarem.

Esta reunião contou também com a participação da professora Cleusa Simon e da catequista

Izabel Goergen, ambas de Fundo Grande, também de Augusto Pestana, que solicitaram a implantação destes encontros de senhoras em sua localidade, pois gostariam de integrar a comunidade a este tipo de trabalho.

A terceira reunião do grupo aconteceu no dia 31 de novembro, onde foi abordado e debatido o tema HIGIENE, detendo-se mais especialmente nas causas e conseqüências das verminoses e intoxicações.

Em 22 de março deste ano, realizou-se uma reunião conjunta com a participação de 46 pessoas, entre associados e familiares. O objetivo do encontro foi reprogramar o curso de corte e costura, que estava para ser iniciado, e ainda discutir o assunto Leite-cota.

Foi em 22 de junho que aconteceu o encerramento do curso de corte e costura, orientado pela professora Maria Varasquini. Foram entregues os certificados às 22 formandas: Dulci Kern, Alice Goergen, Silda Beck Schneider, Clari Marlei Kunzler, Edi Maria Pedroni, Rosane Bruisma, Rosane Terezinha Wendt, Loiva Terezinha Kalb, Elci Gerke, Hildegard Schünemann, Sonia Isolde Graunke, Cristina Schünemann, Cledi Schneider, Miria Kunzler, Emelda Beck, Grácia Thereza Eberhard, Ilse Wolf, Iris Klein, Terezinha Brenn, Alice Mallmann, Sonia Rosane Renz e Marlise Fracaro.

O grupo expôs, na ocasião, em torno de 170 peças de vestuário por elas mesmas confeccionadas, e ofereceu um gostoso coquetel.

Na ocasião, estavam presentes elementos do setor de comunicação e educação da Cotrijuí e familiares das formandas. Foi lembrado, na oportunidade, que esta era apenas uma etapa do trabalho que se desenvolve nos núcleos, pois além do aprendizado da parte técnica existe uma razão maior para estarem ali reunidas: a integração entre a comunidade através de um trabalho cooperativo, que é uma prestação de serviço ao quadro social da Cotrijuí.

## Herbicida Seletivo para Soja

# Blazer

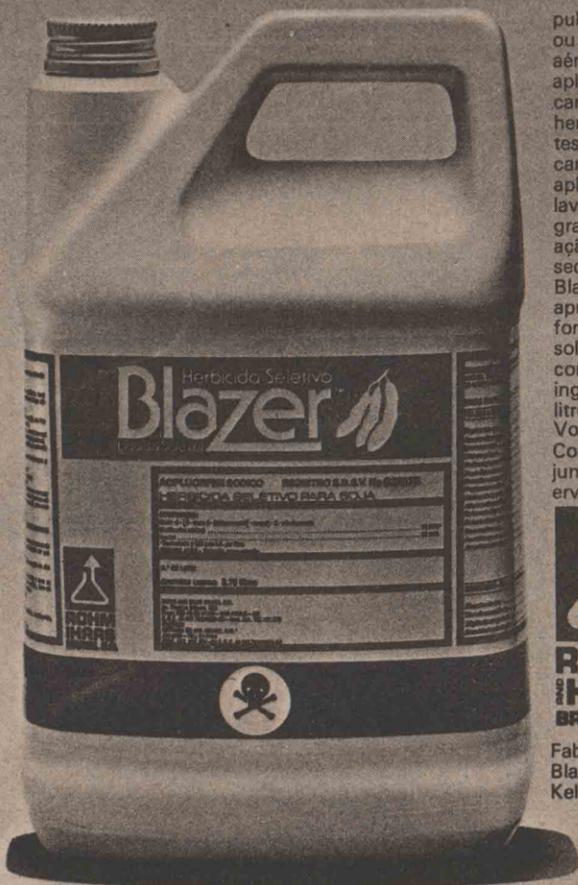
O carrasco das ervas de folhas largas.



Antigamente a gente plantava soja e esperava crescer. Ai então vinham as ervas daninhas de folhas largas e nhac! Comiam tudo. Não sobrava nada nem pra contar estória. Pra acabar com isso é que surgiu Blazer, o carrasco das ervas de folhas largas.

**O que é Blazer:**  
Blazer - o carrasco - é um herbicida seletivo de pós-emergência com ação de contato, que não perdoa. Trocado em miudos, Blazer - o carrasco - mata o que tem que matar, na hora certa e deixa protegida a plantação, sem estragar a terra. Seus efeitos são muito rápidos e podem ser vistos um dia após a aplicação. Amendoim Bravo ou Leiteiro, Joá, Carurú, pode ser o nome mais complicado que existe, a erva mais dura de roer, que Blazer - o carrasco - mata sem piedade.

**Como aplicar Blazer:**  
Blazer - o carrasco - é para ser aplicado com



pulverizadores terrestres ou através de aplicações aéreas. Blazer pode ser aplicado também nos campos já tratados com herbicidas pré-emergentes. Aliás, Blazer - o carrasco - deverá ser aplicado sempre sobre lavouras tratadas com graminicidas, pois sua ação sobre capins, é secundária. Blazer - o carrasco - é apresentado em formulação líquida, solúvel em água, contendo 224g de ingrediente ativo por litro. Você vai ver. Com Blazer trabalhando junto, a soja do homem erva daninha não come.



Fabricante de:  
Blazer, Dithane, Stam, Kelthane e Karathane.

São Paulo, SP: Rua Padre João Manoel, 923 - 13º a., Fone: 280-3211 • Curitiba, PR: Rua Anne Frank, 3803 - Fone: 76-1693 • Novo Hamburgo, RS: Rua Pedro Adams Filho, 3102 - Fone: 95-1955

## Recados

A Cooperativa já está recebendo os pedidos de reserva de semente de soja para a próxima safra. Os preços de cada saco, de 50 quilos, serão definidos até a metade do mês.

A tabela de fretes para o transporte de leite sofreu alterações. Os novos preços por litro, de acordo com o volume da entrega dos associados, é o seguinte: de 1 a 30 litros: Cr\$ 0,75; de 31 a 80: Cr\$ 0,65; de 81 a 150: Cr\$ 0,50; acima de 151: Cr\$ 0,45; leite ácido: Cr\$ 0,20 o litro.

A partir de 1º de agosto, a Cotrijuí só receberá leite dos associados de baixa produção em tarros de 10 litros (que custam Cr\$ . . . 98,40). Esta medida trará muitas vantagens: não há diferença na medida do fornecedor em relação à do freteiro, esta é uma vasilha específica para leite e fica ainda reduzido o tempo de coleta, pois o freteiro não precisará mais transportar o leite dos baldes e vasilhas para os tarros.

Os produtores que entregam acima de 40 litros diários, deverão utilizar tarros individuais. Estes tarros serão financiados pelo prazo de 12 meses, ao mesmo preço de compra à vista.

Duas linhas de coleta em Ijuí foram divididas, devido às grandes distâncias percorridas pelos freteiros e o interesse manifestado pelos associados. Da Linha Salto foi desmembrada a Linha Santa Lúcia, que atende ainda os associados de Rincão das Figueiras e Dr. Bozano. Da Linha Norte surgiu a Linha Bom Sucesso, abrangendo também as localidades de Aula Brasil, Vila Chorão e Povoado Santana. Os associados que ainda não estão entregando leite nestas localidades e estiverem com interesse de participar, deverão procurar o Departamento Técnico da Cooperativa para fazer seu cadastro.

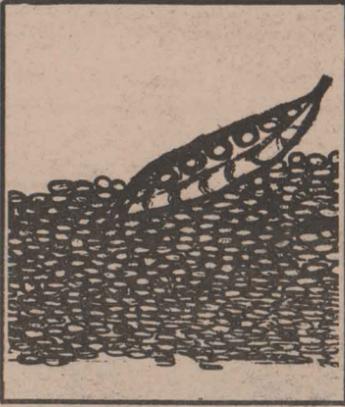
Com o aumento do petróleo, que será superior ao aumento concedido para o leite, a Cotrijuí desenvolverá uma série de reuniões com os associados, procurando definir melhor as linhas de coleta. Serão percorridas as estradas principais e os associados deverão levar o leite até estas estradas, colocando os tarros em plataformas coletivas. Este é um processo já adotado em várias linhas e tem demonstrado sua eficiência.

O programa de engorda e abate de novilhos precoces desenvolvidos pela Cooperativa, já tem alguns dados para divulgar. Eles são ainda parciais, pois dos 45 animais envolvidos, restam ainda 5 novilhos para serem abatidos. Em dois dos lotes abatidos e analisados durante uma reunião que aconteceu em Dom Pedrito, no dia 12 de junho, com a participação dos pecuaristas do município e ainda alguns da região Pioneira, a idade dos animais era de 21 meses. Um dos lotes foi terminado em pastagem, recebendo suplementação permanente de milho integral. O outro, também terminado em pastagem, recebeu uma suplementação apenas por 60 dias. O primeiro lote produziu 218 quilos de carcaça e o segundo 221 quilos. O consumo de suplemento foi de 1.090 quilos de milho para os animais que o receberam por um período de 319 dias e de 275 para os de 60 dias. O lote com suplementação permanente ofereceu um retorno líquido de Cr\$ 951,00 por novilho e o com suplementação parcial Cr\$ 3.264,00.

Estão à disposição dos associados as mudas de árvores frutíferas e florestais que foram encomendadas. Aqueles que realizaram pedidos devem entrar em contato com o Departamento Técnico de sua unidade e retirar estas mudas com brevidade, para que elas não sejam prejudicadas pelo longo tempo fora do solo. É bom lembrar que alguns pedidos não foram atendidos pela insuficiência de mudas e problemas ocorridos com determinadas espécies.

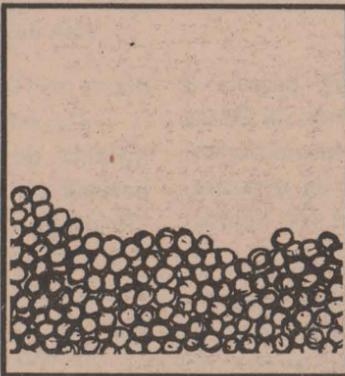
Realizada nos dias 8, 9 e 10 de junho, a Feira do Terneiro de Ijuí, este ano, superou todas as expectativas dos produtores. Dos 2 mil 210 animais colocados à venda, foram comprados 2 mil 207, a um preço médio de Cr\$ 5 mil 872 por cabeça. Ao final dos três dias, a Feira comercializou um total de Cr\$ 12 milhões 762 mil 600, e a média de venda por quilo vivo atingiu a cifra de Cr\$ . . . 32,44. O número de pessoas que visitou a Feira do Terneiro de Ijuí, este ano, foi calculado em aproximadamente 3 mil. Em relação à Feira realizada no ano passado, a de 1979 cresceu bastante, tendo seu movimento financeiro geral aumentado quatro vezes.

## A LAVOURA NO MÊS



### LENTILHA

As lavouras semeadas durante o mês de junho, estão agora em fase inicial de crescimento. Neste período é muito freqüente a aparição de Antracnose, uma moléstia que pode afetar seriamente a lavoura, principalmente se a umidade relativa e a temperatura forem elevadas. Neste caso, o controle químico pode ser tentado, apesar de que não existem ainda resultados muitos satisfatórios nesta área. Quando estas condições ocorrerem, entre em contato com o Departamento Técnico de sua Unidade. A lentilha não aceita o uso de Uréia em cobertura, portanto esta prática não deve ser realizada para não prejudicar a planta.



### ERVILHA

Estamos na época final de semeadura da ervilha, para o que valem as informações emitidas no mês anterior.

Lembramos da possibilidade de produção de ervilha para colheita de grãos secos, como alternativa para pequenas áreas durante o período de inverno.

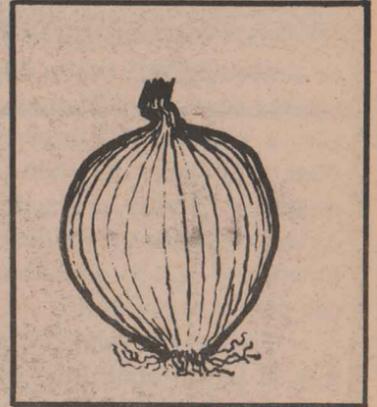
O solo deve estar rigorosamente bem preparado para facilitar a germinação e a emergência das plantas.



### ALHO

As lavouras de alho estão apresentando bom desenvolvimento, tendo sido muito boa a germinação e o crescimento inicial. O que tem se mostrado desfavorável é a ocorrência de um amarelecimento nas pontas das folhas, o que pode ser corrigido com pulverizações com Zinco.

É importante lembrar que o controle dos inços é indispensável. Recomenda-se uma capina assim que necessário, para evitar a competição com as plantas e conseqüente prejuízo na produção.



### CEBOLA

Neste período ainda pode ser efetuado o transplante das mudas de cebola para os canteiros definitivos. Naquelas áreas já transplantadas, recomendamos a aplicação de Uréia na razão de 50 quilos por hectare, ou seja, em torno de 5 gramas por metro quadrado. Esta aplicação propicia melhores resultados se for incorporada através de uma capina. O surgimento de ponta seca nas plantas pode ser corrigido com o uso de adubos contendo micronutrientes, aplicados em pulverização.

Alguns defensivos agrícolas podem até mesmo causar o câncer. Muito cuidado, então, ao aplicá-los.

## Faça a prova do trigo!

Quando você usar herbicida na soja, não deixe de usar Dual pelo menos em uma parte de sua lavoura. Na hora de plantar o trigo faça a prova: onde passou Dual não há mais resíduos que impeçam que o seu trigo cresça forte e bonito.

CIBA-GEIGY

Dual, o herbicida para a soja e que respeita o trigo.



# TUDO EM CASA

Bem cedinho, depois de colher as abobrinhas e o aipim, o produtor carrega seu caminhão e sai em direção à cidade. Fica rodando uma, duas, três horas, parando em tudo quanto é fruteira, quitanda, mercadinho e tendas de vendedores ambulantes — e não encontra colocação para o seu produto.

Todos os vendedores dizem que já têm a abobrinha e o aipim para aquele dia: "Posso comprar à sua produção só para o senhor não ter que voltar carregado para casa. Mas o preço é baixo".

Quantas vezes, nos últimos anos, esta cena se repetiu, sempre com grandes prejuízos e muita revolta para o agricultor? Pois foi pensando nisso, pensando em encontrar colocação rápida e a bom preço para os produtos de seus associados, que a Cooperativa abriu, em outubro do ano passado, um entreposto de comercialização para hortifrutigranjeiros, na Rua do Comércio, em Ijuí, aproveitando as antigas instalações da Cotrijuí.

"Desde outubro que começamos a receber quantidades razoáveis de produtos hortigranjeiros dos associados, abastecendo Ijuí e toda a nossa região, e levando, ainda, uma boa parte destes produtos para a Ceasa, em Porto Alegre. E os associados ficaram contentes com a nova situação", conta o agrônomo Hélio Pohlmann, responsável pela produção de hortigranjeiros junto ao Departamento Técnico.

De fato, antes da inauguração do Entreposto, a Cotrijuí absorvia somente 5 por cento da produção hortigranjeira de seus associados — apenas o suficiente para abastecer os supermercados das unidades. E isso, evidentemente, não poderia continuar.

## PRESTAR SERVIÇOS

"Encontrar canais de comercialização para os produtos de seus associados é uma das obrigações fundamentais da Cooperativa", lembra Hélio. E foi procurando resolver este problema que o agrônomo viajou, visitando as Ceasas (Centrais de Abastecimento) de Porto Alegre e São Paulo. Quando voltou, Hélio recomendou que a Cotrijuí adquirisse pelo menos um dos *box* da Ceasa de Porto Alegre.

Isto prestaria dois serviços à população: o primeiro, levar até os consumidores da capital a produção dos agricultores associados. E, em segundo lugar, trazer para os consumidores da região de Ijuí aqueles produtos que não são produzidos aqui durante o ano inteiro, como o tomate e a maçã.



O Entreposto comercializa...



... mais de 30 produtos

Assim, a Cotrijuí passou a comercializar diretamente na Ceasa de Porto Alegre, sem intermediários, uma produção regular de cenoura, aipim, repolho, tomate (no verão), melão, abobrinha etc.

A coisa foi andando e, depois de 8 meses de experiência no Entreposto de Ijuí, com vendas ao atacado, decidiu-se abrir também as vendas para o varejo, no mês passado.

## BOM E BARATO

"Antes de abrir o Entreposto ao varejo, nós fizemos um trabalho de incentivo e orientação à horticultura, à fruticultura e, em alguns casos, à produção de sementes. Só assim poderíamos garantir bons produtos à população consumidora, com um fornecimento regular, todos os dias do ano", afirma o agrônomo Hélio.

Os consumidores de Ijuí e das cidades vizinhas corresponderam à iniciativa: menos de um mês depois de abertas as vendas ao varejo, o Entreposto já recebia uma média

diária de 100 compradores.

Os motivos desse sucesso, na opinião de Hélio Pohlmann, estão baseados em dois pontos principais: "Primeiro, a qualidade dos produtos, que, por serem produzidos aqui, são sempre novos e fresquinhos. E, em segundo lugar, os preços".

E isso não é difícil de entender: através do Departamento Técnico, os produtores de hortigranjeiros vêm fazendo um serviço tecnicamente muito bom nas suas hortas, com uma aplicação racional de defensivos, sem os exageros encontrados normalmente na horticultura comercial.

Quanto aos preços, a coisa é simples. A grande maioria das frutas, verduras e hortaliças consumidas na região de Ijuí, por incrível que pareça, é produzida em São Paulo. O transporte destes produtos de lá para cá, obviamente, só faz encarecer os preços finais, aqueles que o consumidor paga na hora da compra. Eliminando-se os intermediários e atravessadores, uma vez que as mercadorias são produzidas aqui

mesmo e transportadas pelo próprio produtor, o Entreposto da Cooperativa têm condições de oferecer os produtos a preços razoáveis. E, ainda por cima, com uma boa remuneração para os agricultores, que sempre foram, assim como os consumidores, as grandes vítimas dos intermediários.

"Como estamos ainda em fase de experiência", explica Hélio, "nós fizemos uma espécie de equipe de produtores, que ficam encarregados do fornecimento regular e constante ao Entreposto. Esses produtores, hoje, andam em torno de 40 — um número pequeno mas necessário nessa primeira fase".

Entretanto, se contarmos os produtores que eventualmente fornecem produtos para o Entreposto — por exemplo, aqueles que produzem culturas de safra, como o alho e o tomate — veremos que já sobe a 600 o número de associados que encontra, rapidamente e sem intermediação, a colocação para sua produção.

## MUITOS PRODUTOS

Hoje, estes associados estão entregando uma extensa lista de produtos: cenoura, alface, repolho, couve-flor, batata doce, rúcula, agrião, almeirão, nabo, mamão, melão, tomate, abóbora, moranga, abacate, pipoca, melancia, pepino, feijão-vagem, pimentão, batatinha, cebola, alho, ovos, ervilha, lentilha, laranja, bergamota e aipim.

Futuramente, na medida em que a Cooperativa fortalecer a produção de seus associados (muitos ainda estão se organizando para produzir regularmente), o número de agricultores beneficiados com o Entreposto de Ijuí e com o *box* da Ceasa de Porto Alegre deverá crescer. E outros produtos, como o mel e o peixe vivo, deverão ser também comercializados.

E a coisa não fica só aí: a produção de sementes também está nos planos: "Já iniciamos um trabalho visando a produção de sementes de cebola, por exemplo. Afinal de contas, hoje em dia o quilo da semente de cebola está por volta de Cr\$ 4 mil, e um hectare de cebola necessita dois quilos", diz Hélio Pohlmann.

Eles acha que ajudando a produzir sementes, a Cooperativa também ajuda, indiretamente, aos produtores e aos consumidores. Aos produtores, porque tornará mais baixos os custos de produção. E, aos consumidores, porque, com custos de produção mais baixos, os preços dos produtos no varejo também ficarão mais baratos.



SUPLEMENTO INFANTIL

ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUI

## Só a criança entendia o cavalo

... Era atrelado à carroça que ele via o mundo. Um mundo engraçado, cheio de homens maus, indiferentes, destruidores, ambiciosos, sempre reclamando de tudo. Sempre brigando, alheios à beleza da vida.

— Gente é tão estranha! — pensava ele. À tardinha, chegando a hora de descansar, tirava os arreios, dizia adeus ao sol e saía pelos campos cumprimentando tudo que via, observando e cuidando das formiguinhas que carregavam folhas verdes.

Ficava ouvindo a música suave da brisa passando pelas flores e pelo capim verdinho. E do seu canto via o homem, a mulher e a criança.

— Como os homens são estúpidos! dizia para si mesmo — Têm o mundo nas mãos e não sabem. Nem sequer percebem que as estrelas, a lua, as flores, o amor, a bondade, a chuva, o sol, tudo, tudo o que há de bom e belo, foi criado para eles.

À noite ele se transformava: Agitava a crina, relinchava, esquecia-se das feridas de puxar a carroça, seus olhos tomavam vida, estirava as patas com firmeza. Tomava fôlego de potrinho sadio e punha-se a correr veloz pelos campos floridos e sorria para o homem para a mulher, para a criança. Mas só a criança compreendia o sorriso. E a criança sorria de volta para o cavalo. O homem e a mulher não entendiam e diziam:

— É um demônio!

— É um louco!

— Não! falou um dia o menino sábio. Este cavalo é mais do que o homem. Ele tem a força, a inteligência, a ternura, o trabalho, o amor, a beleza e o talento do homem. E sabe que tem tudo. E o homem não sabe.

Ele sabe ver o mundo, entender o que os homens não entendem. É o seu entendimento e bondade que lhes dão novas forças para a transformação de todos os dias. Se o homem pudesse entender e ser sempre suave e bom, ele também se renovaria. E tomaria novos ímpetus para recomeçar seu trabalho todas as manhãs.

O Lenhador quer cortar lenha.  
Ajude-o a chegar à mata.



Colaboração  
de  
Tatiana Dal Molin

## O dedo da Emília

Geimar pediu para que sua vovó contasse alguma passagem interessante sobre sua infância. A vovó contou, ele escreveu a história e a enviou para o COTRISOL.

Antigamente os pais não podiam levar os filhos nas festas, porque era hábito das famílias.

Num sábado de noite os pais de Emília foram numa festa, e voltaram com a notícia de que no dia seguinte os filhos poderiam ir juntos na festa.

Ao entardecer, Artur foi cortar abóboras para os porcos e Emília foi ajudá-lo, para prontarem logo o serviço.

Emília quis apurar o serviço e cortou metade do polegar, o qual caiu no meio das abóboras.

Emília saiu correndo e foi lavar o dedo no rio, onde seus pais tomavam banho. A mãe apertou o dedo de Emília e saiu sangue. Depois ela pegou uma folha verde e enrolou-a no ferimento.

Depois de ter medicado o dedo, Emília foi tomar banho. A seguir, a família jantou e foi dormir, pois na manhã seguinte todos iriam à festa.

No dia seguinte o dedo de Emília estava um pouco melhor.

Quando Artur foi cortar abóbora encontrou o pedaço do dedo. Artur chamou Emília para ver o dedo, o qual foi guardado dentro de um baú. Depois de oito dias o dedo de Emília estava cicatrizado.

A cada ano Emília amarrava uma fita de cera no toco de dedo guardado no baú. Durante treze anos o dedo ficou guardado.

Aos vinte anos Emília casou-se com Humberto. No dia do casamento ela mostrou-lhe o toco de dedo e disse-lhe que ele não estava casado com meia mulher. Ao abrir a caixa ele se assustou ao ver que a unha havia crescido.

No outro dia a mãe de Emília levou o baú para a casa do casal e qual enterrou-o ao lado do pilar.

Alô amiguinhos!

Vocês estão gostando do COTRISOL? Escrevam, mandando sugestões e opiniões.

Remetam sua cartinha para o COTRISORNAL, na COTRIJUI.

Agradecemos as contribuições de JALUSA, GEIMAR e TATIANA

OLÁ CRIANÇAS!

EU SOU "AGUINHA", A GOTA DE ÁGUA LIMPA, NÃO POLUÍDA.

EU GOSTARIA DE CONTAR ALGUMAS COISAS QUE AGENTE APRENDEU NAS VIAGENS PELOS MARES, NUVENS, RIOS E AINDA PELOS CANOS DAS RUAS.



COMEÇAREI AQUI A MINHA PRIMEIRA AVENTURA!! ELA ACONTECEU DENTRO DE UM MENINO...

SIM, DENTRO DE UM MENINO MESMO! EU ESTAVA NUM COPO DE ÁGUA E, O MENINO ME BEBEU...



ENTREI NUM CANO ESCURO... ESCURO... FIQUEI POR LONGO TEMPO FLUTUANDO NUMA LAGOA, NUMA GRANDE CAVERNA...

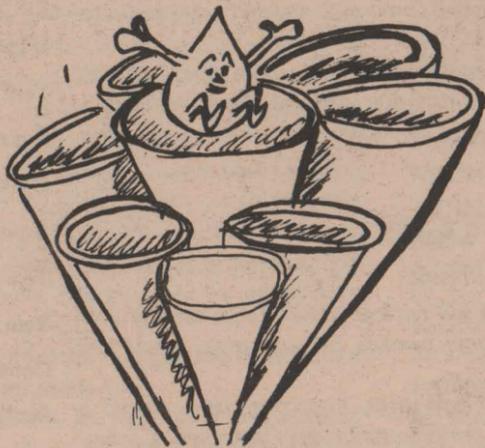
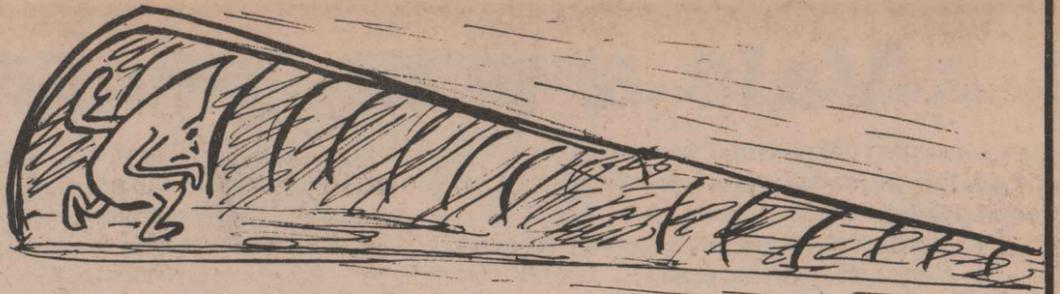


continua →

... ENTREI POR UM BURAUQUINO NA PAREDE...

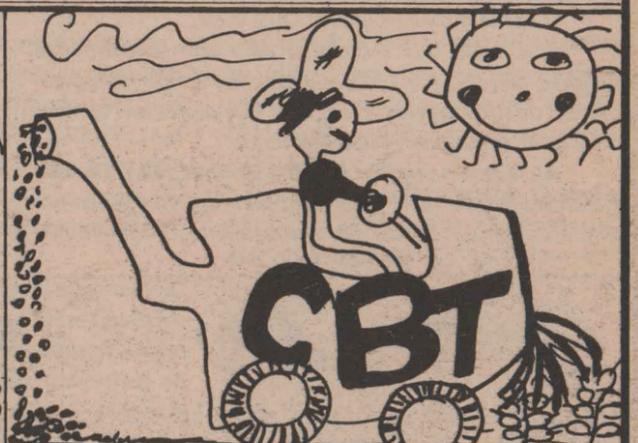
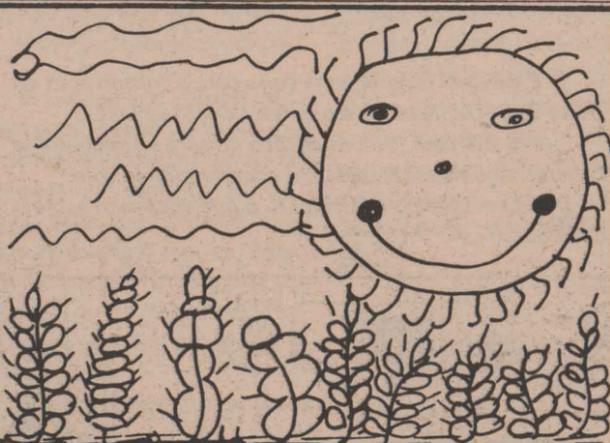


CAMINHEI DENTRO DE MUITOS CANOS, ATÉ CHEGAR NUM... FUNIL, E...



ESTA HISTORIA FOI ELABORADA PELO PROFESSOR JOSÉ OSCAR SORACO TRONCOSO

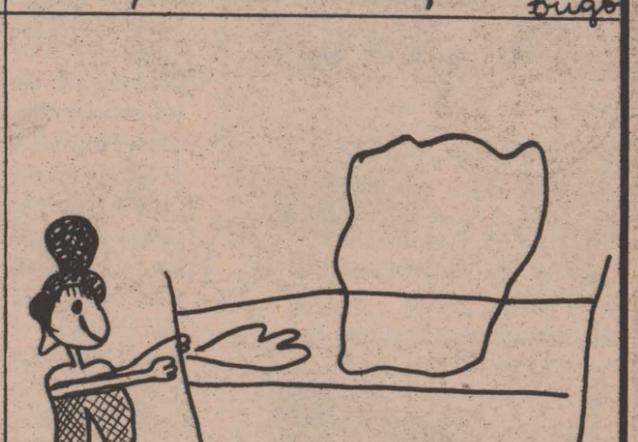
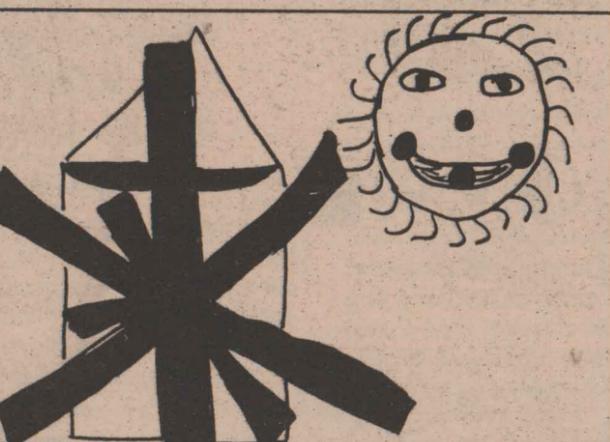
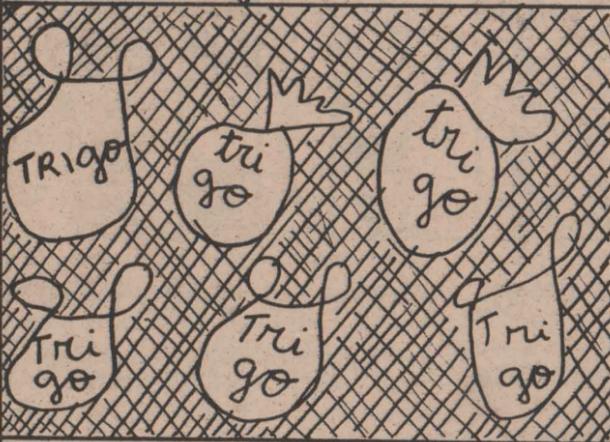
# Historia de uma fatia de pão



O homem lançou a semente na terra

a lavoura de trigo num dia bonito

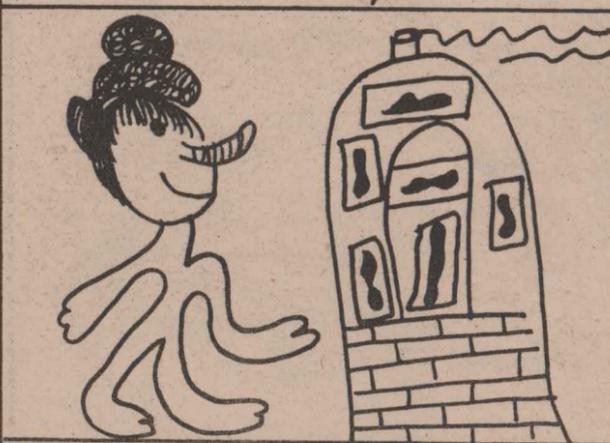
a ceifadeira está ceifando o trigo



sacos de trigo vão para o moinho

O moinho está moendo os grãos de trigo

a mamãe rova o pão



Depois dos alunos da 3ª série terem feito um trabalho sobre a importância do agricultor e do plantio do trigo, Talusa, de 8 anos, fez esta bonita história.

a mamãe está cuidando seus pães no forno.

Eu comendo uma fatia de pão gostoso.

# Vale a pena pensar

"À tarde os trabalhadores descansavam à beira do caminho. Suavam muito, bateram muitas, muitas vezes, com a enxada para revolver a terra . . .

E, descansando, conversaram uns com os outros:

— O meu filho faz anos agora . . . Faz três anos, depois de amanhã.

— O meu já é um rapazinho. Já vai à escola . . .

— O pobrezinho do meu nunca lá foi . . .

À tarde os trabalhadores descansavam à beira do caminho. E, descansando, conversaram uns com os outros".

— Se as crianças soubessem como os tempos estão ficando difíceis! É tanta coisa por cima de nós!

— São nossas terras cansando, virando verdadeiros desertos . . .

— É tratores, soja . . .

— Sem falar na . . . como é que se chama? . . . Ah!

## Erosão e desertos

Anos atrás, via-se rios enormes, limpos, cheios de peixes sadios. Rios margeados de árvores e vegetações rasteiras . . . Hoje, estas paisagens já não passam de belas lembranças. O que vemos são cenas tristes, que mostram um chão árido e pequenos filetes de águas sujas a rolar.

### O POR QUE DISTO?

O homem não soube usar a terra que tinha — usou-a mal e demais.

O homem não soube fazer previsões. Se queria fazer alguma coisa, nada o impedia. Não pensava em consequências.

O homem foi ambicioso. Quis tudo.

E a terra, que tanto deu para este homem, está cansada, não tem mais forças e está resvalando lentamente para dentro dos rios. Estes rios, que ofereciam alimentos e lazer ao homem, estão morrendo.

As lavouras chegam rentes à beira dos rios. Cortam a árvore para ter mais terra para plantar. Hoje ainda podem produzir um pouco mais. Novamente, o homem não

Erosão! Os técnicos falaram que, se isto não for controlado, vai ser uma coisa feia de se ver! Toda aquela terra que está deixando nossos rios vermelhos e secos.

— Sem falar nas pragas que atacam as lavouras . . .

— É, se os nossos filhos soubessem . . .

À tarde os trabalhadores descansam à beira do caminho. E, descansando, conversam uns com os outros . . .

Será que as crianças não sabem destes problemas, se vivem lado a lado com eles? Será que a criança não tem o direito de saber como está o mundo que o adulto está lhe reservando?

Vamos tratar desses assuntos para que junto de seus amigos, os adultos que estejam preocupados com isto, possam discutir e, quem sabe, ver perspectivas mais otimistas.

está pensando no amanhã.

Onde estará sua terra amanhã? Toda vez que vem uma chuva, vai uma camada de solo para dentro das águas.

Muitos já sabem disto, mas continuam usando a terra do jeito que sempre usaram, sem ligar para as orientações de manejo adequado do solo. Estes são os responsáveis pelo empobrecimento e desgaste do solo; são os responsáveis pelos nossos rios cheios de terra, adubo, calcário, semente, veneno . . ., provocando uma despesa incalculável em aquisições dos insumos agrícolas.

É preciso fazer alguma coisa para a conservação do nosso solo. O que ainda é possível? Como se faz?

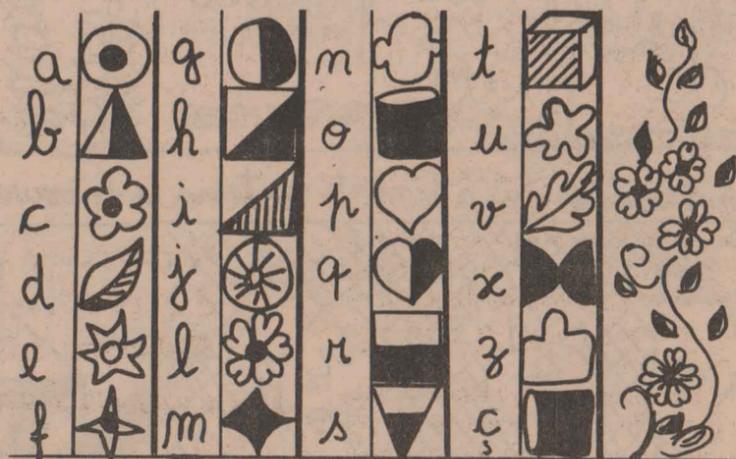
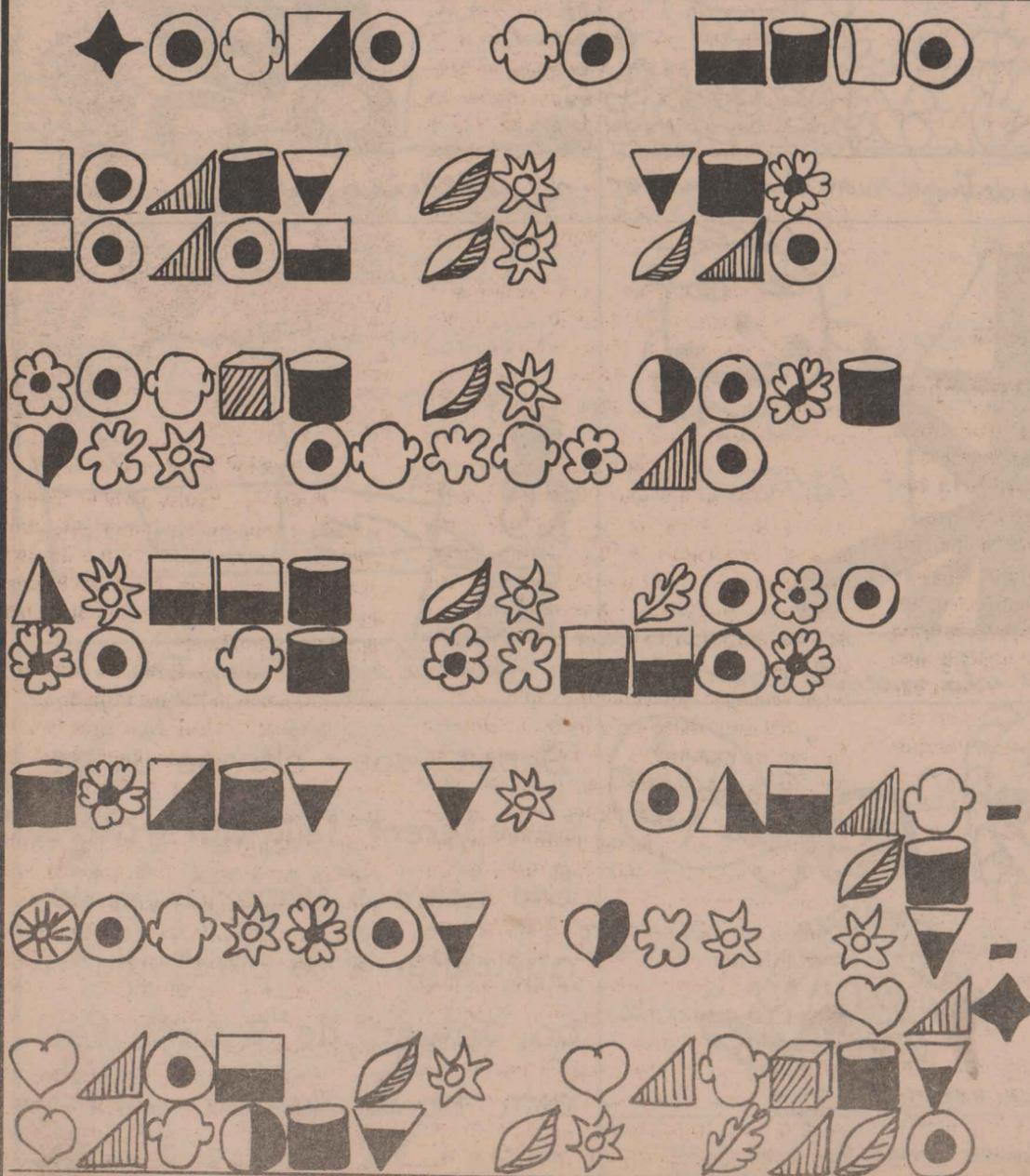
Em sua casa, ou em alguma lavoura vizinha está se fazendo alguma coisa quanto à conservação do solo?

Escreva para o COTRISOL o que você sabe sobre o assunto.

# Vamos brincar?

## ANIMALFABETO

Voa e é correio	----a
É forte para tração	b ----
Imita tudo que o homem faz	---c---
Do seu couro fazem bolsas	-----d----
É o rei dos animais	-e---
Inimiga das plantações	f-----
Tem o pescoço muito comprido	g-----
É o símbolo da páscoa	----h--
É filhote da galinha	-i----
É ave e mora em casa de barro	j-----
Tem penas e cacareja	---l----
Tem calombos nas costas	---m----
Comedor de formigas	-----n----
Melhor amigo do homem	---o---
Uma ave que fala	---p-----
Uma ave dos campos	-----q-----
Grande roedor de roupas e alimentos	r----
Vive n'água e fora dela	s----
Carrega a casa nas costas	---t-----
É feroz e tem muita força	u----
Grande amigo do homem	---v----
Vive n'água e é ótimo alimento	---x--
Usa roupa listrada	z-----



Trocando os símbolos pelas letras correspondentes você descobrirá uma bela poesia sobre a manhã na roça.

